


unesp  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

RIMAR RAMALHO SEGALA

A EMERGÊNCIA DE SINAIS NA LIBRAS:
a influência dos emblemas



ARARAQUARA – S.P.
2021

RIMAR RAMALHO SEGALA

A EMERGÊNCIA DE SINAIS NA LIBRAS:
a influência dos emblemas

Tese de Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da UNESP – ARARAQUARA – SP, como requisito para obtenção do título de doutorado em Linguística.

Linha de pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática.

Orientadora: Profa. Dra. Angélica Terezinha Carmo Rodrigues.

S454e

Segala, Rimar Ramalho

A EMERGÊNCIA DE SINAIS NA LIBRAS: : a influência dos emblemas / Rimar Ramalho Segala. -- Araraquara, 2021
179 p.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara

Orientadora: Angélica Terezinha Carmo Rodrigues

1. Libras. 2. Gesto. 3. Emblemas. 4. Sociolinguística. 5.
Empréstimo Linguístico. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

RIMAR RAMALHO SEGALA

A EMERGÊNCIA DE SINAIS NA LIBRAS: a influência dos emblemas

Tese de Doutorado, apresentado Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da UNESP – Araraquara – SP, obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática.

Orientadora: Profa. Dra. Angélica Terezinha Carmo Rodrigues.

Data da defesa: 16/04/2021

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Dra. Angélica T.C. Rodrigues (UNESP)

Membro Titular: Dr. Leland McCleary (USP)

Membro Titular: Dr. Andre Xavier (UFPR)

Membro Titular: Dr. Tarcísio de Arantes Leite (UFSC)

Membro Titular: Dra. Ronice Müller de Quadros (UFSC)

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

AGRADECIMENTO

Primeiramente eu gostaria de agradecer a Deus, pois sem a existência dele nós não existiríamos. Agradeço imensamente a minha mãe Zenilda R. Segala, a meu pai Antonio Segala, a minha irmã Sueli R. Segala, meu sobrinho Felipe Segala, meu tio Zacheu J. Ramalho (em memória), a toda minha família e também aos meus antepassados, pois sem eles eu também não estaria aqui, assim deixo meus sinceros agradecimentos.

Também agradeço a toda a comunidade surda, a todos os surdos, aqueles que já se foram, aos que estão idosos e a todos os demais surdos, pois sem eles não teríamos a Língua de Sinais, então eu devo a Libras a todos eles.

Da mesma forma deixo um agradecimento a todas as pessoas que devido a grande quantidade não vou poder citar o nome aqui, mas que se envolveram na minha pesquisa, que conversaram comigo de forma direta ou apenas trocaram ideias, mas que de alguma forma contribuíram para o desenvolvimento da tese.

Quero também deixar os agradecimentos a todos os professores que fizeram parte desse processo.

Igualmente a todos os intérpretes que me acompanharam durante as aulas, seminários, apresentação de pôsteres e bancas. Especialmente, ao Vinicius Nascimento, que foi o primeiro intérprete voluntário na banca de arguição do processo seletivo. E ao Thyago Santos, com sua presença, com sua vontade, foi um grande intérprete em algumas disciplinas.

Do mesmo modo, agradeço a todos aqueles que trabalharam na revisão do texto: Larissa Matos, Rosana Mello, Joaquim Cesar Cunha dos Santos, Thyago Santos e Anderson Marques.

Gostaria também de fazer um agradecimento especial à Angélica Rodrigues. Um dia por acaso nos encontramos num ônibus, juntamente com a Vanessa Martins, conversando sobre a necessidade de fazer um doutorado e das dificuldades quanto ao processo seletivo de envolver uma terceira língua (no caso a língua inglesa), e a Angélica aceitou o desafio de tentar fazer uma prova para os surdos que considerasse a Libras como primeira língua e o Português como

segunda, e desde aquele dia firmamos esse compromisso de estarmos juntos, até que ela conseguiu abrir esse processo seletivo, abrindo essa porta não só para mim, mas para muitos outros surdos. Então faço um agradecimento especial a ela, pela confiança que teve na minha pesquisa e por acreditar na capacidade dos surdos. Agradeço também ao Jean, pois sei de todo o apoio e suporte que ele deu à Angélica nesta luta pelos surdos na UNESP.

Agradeço também a equipe da USP, Leland McCleary, Evani Viotti, Tarcísio Leite, André Xavier e João Paulo da Silva, por terem sido a primeira equipe no Brasil a olhar para a gestualidade na Libras, despertando o meu interesse ao assunto e me trazendo a oportunidade de aprofundar minha pesquisa nessa área.

Durante a pandemia do COVID-19, a vida foi muito difícil para todos! Agradeço a Pamela Isis Mota, que tem sido uma pessoa muito importante em quase metade do tempo da tese, que acompanhou o meu cotidiano, que me viu estudando, lendo, escrevendo sempre, e entre um monte de coisas. Pamela não é só namorada, mas sim uma companheira maravilhosa, amorosa.

Obrigado.

RESUMO

Nesta tese, nos propomos a discutir problemas nos estudos da Libras - Língua Brasileira de Sinais e o seu status, tendo em vista a emergência de sinais a partir de emblemas. Destacamos que a Libras, como qualquer língua natural, não está isolada linguisticamente e socialmente, tendo contato com várias outras línguas orais usadas no Brasil, como línguas indígenas, português, italiano, inglês, entre outras e línguas de sinais de outros países como a Língua de Sinais Francesa (LSF), Língua de Sinais Americana (ASL) e Língua de Sinais Italiana (LIS), entre outras. Esta tese se fundamenta no fato de que os gestos, o seu subtipo emblema, que constituem o léxico, são normalmente deixados de lado, não recebendo tratamento devido na literatura. e muitos pesquisadores conhecidos pelos estudos sobre gestos, como David Efron (1942, 1972), Ekman e Friesen (1969), Kendon (1988), McNeill (1992, 2000), sempre discorrem que quando envolvem na defendem que, no processo de comunicação, sempre estão presentes o movimento em das mãos, cabeça, braços e todo o corpo. Para Kendon (2004) e, McNeill (1992, 2000), as línguas orais, fala e gestos são manifestações da língua. Para essa discussão, se faz necessário compreendermos, como se deram a evolução da Libras de acordo com a história dos surdos brasileiros, a educação de Surdos,; os estudos de descrição linguística de língua de sinais brasileira e aspectos sociolinguísticos relacionados à Libras e à Comunidade Surda. Para melhor contextualizar a pesquisa, nos debruçamos sobre ; o estudo dos gestos, especificamente, os emblemas usados no Brasil, que foram trazidos na migração italiana; e também os emblemas franceses que foram trazidos com a Língua de Sinais Francesa, e bem como os emblemas brasileiros e italianos que a Libras teve contato e suas mudanças desde da escola do INES até dias de hoje. O projeto de tese apresenta uma resenha dos estudos linguísticos da Libras, dos estudos sociolinguísticos e dos estudos de gestos. Como uma contextualização dos estudos linguísticos sobre a Libras, iniciados no final dos anos 1980 por Lucinda F. Brito (1984, 1990, 1993, 1995), uma das primeiras pesquisadoras que estudou a Libras e posteriormente, outros linguistas que estudam Libras mostram alguns exemplos dos aspectos da estrutura da língua de sinais usada na comunidade surda brasileira. Os gestos têm sido objeto de estudo desde a Antiguidade. A tese investiga os empréstimos dos emblemas na constituição de sinais da Libras, verificando quais dos emblemas observados nos dicionários da Libras, que podem fazer parte do léxico da Libras. A Metodologia da tese foi desenvolvida por etapas, sendo a primeira a coleta dos emblemas italianos, franceses e brasileiros, a segunda etapa a coleta dos sinais em Libras por meio de 4 dicionários, Gama (1875), Oates (1969), INES (2006) e Capovilla, Raphael e Mauricio (2009). A terceira etapa, foram feitas um a investigação e comparação dos emblemas coletados com os sinais da Libras e a última etapa a análise e identificação dos parâmetros dos emblemas que participam dos sinais coletados. Como resultado, foi possível verificar e comprovar que os emblemas, por diferentes parâmetros, entram e fazem parte da composição dos sinais em Libras.

Palavras-chaves: Libras. Gesto. Emblemas. Sociolinguística. Empréstimo Linguístico.

ABSTRACT

In this thesis, we propose to discuss problems in the studies of Libras - Brazilian Sign Language and its status, in view of the emergence of signs from emblems. We emphasize that Libras, like any natural language, is not isolated linguistically and socially, having contact with several other oral languages used in Brazil, such as indigenous languages, Portuguese, Italian, English, among others and sign languages from other countries such as French Sign Language (LSF), American Sign Language (ASL) and Italian Sign Language (LIS), among others. This project is based on the fact that gestures, their emblem subtype, which make up the lexicon are usually left out, not receiving due treatment in the literature and many researchers known in the studies of gestures like David Efron (1942, 1972), Ekman and Friesen (1969), Kendon (1988), McNeill (1992, 2000) always argue that when they involve in communication, they always move their hands, head, arms and the whole body. For Kendon (2004), McNeill (1992, 2000) oral languages, speech and gestures are manifestations of the language. For this discussion it is necessary to understand, how the evolution of Libras accompanies the history of the Brazilian deaf, the education of the Deaf; studies of Brazilian sign language and its sociolinguistic elements; to better contextualize the research; the study of gestures, specifically, the emblems used in Brazil, which were brought in the Italian migration; and also the French emblems that were brought with the French sign language, as well as the Brazilian and Italian emblems that Libras had contact with and their changes since the INES school until today. The thesis project presents a review of Libras linguistic studies, sociolinguistic studies and gesture studies. As a contextualization of linguistic studies on the Brazilian Sign Language - Libras, started in the late 1980s by Lucinda F. Brito (1984, 1990, 1993, 1995) one of the first researchers who studied Libras and later, other linguists who study Libras show some examples of the aspects of the sign language structure used in the Brazilian deaf community. Gestures have been the subject of study since antiquity. The thesis investigates the loan of the emblems in the constitution of the sign of Libras (Brazilian sign language), verifying which of the emblems observed in the dictionaries of Libras, which may be part of the lexicon of Libras. The thesis methodology was developed in stages, the first being the collection of Italian, French and Brazilian emblems, the second stage the collection of signs in Libras through 4 dictionaries, GAMA, OATES, INES and CAPOVILLA, RAPHAEL & MAURICIO, the third stage the investigation and comparison of the badges collected with the signs of Libras and the last step the analysis and identification of the parameters of the badges that participate in the collected signs. Through researching this thesis, it was possible to verify and prove that the emblems, by different parameters, enter and are part of the composition of the signs in Libras.

Keywords: Libras. Gesture. Emblems. Sociolinguistics. Linguistic Loan.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Emblema O.K.	20
Figura 2 – Capa de Chirologia, ou Linguagem Natural da Mão (1644)	23
Figura 3 – Chiromania, ou a Arte da Retorica Manual (1644)	24
Figura 4 – Sistema de rotação – representação da esfera imaginária	25
Figura 5 – Posições das mãos usadas pelos oradores	26
Figura 6 – Esfera e posições das mãos de Bacon em 1875	27
Figura 7 – Mão fechada com o polegar levantado	30
Figura 8 – Mãos em forma de coração	30
Figura 9 – Gestos de experiências, sentimentos, pensamentos, entre outros	31
Figura 10 – Emblema de “pequeno”	34
Figura 11 – Emblema brasileiro de “juro”	35
Figura 12 – Emblema brasileiro de “pão de duro”	36
Figura 13 – Emblema brasileiro de “boa vida”	36
Figura 14 – Emblema brasileiro de “estar com dor de cotovelo” (ciúme)	36
Figura 15 – Emblema italiano de “perfeito”	37
Figura 16 – Emblema italiano de “impossibilidade”	37
Figura 17 – Emblema italiano de “eu te venci”	37
Figura 18 – Emblema italiano de “parabéns”	38
Figura 19 – Emblema francês de “Eu, quieto”	38
Figura 20 – Emblema francês de “mentira”	39
Figura 21 – Emblema francês de “Nem mesmo isso”	39
Figura 22 – Emblema francês de “Segure, tenho uma prova”	39
Figura 23 – Dedos cruzados ou dedos em cruz	54
Figura 24 – Olho vivo ou estar de olho vivo	55
Figura 25 – Uma banana ou dar uma banana	55
Figura 26 – Figa ou fazer figa	56
Figura 27 – Vitoria	56
Figura 28 – Biruta, amalucado	57
Figura 29 – Chifrudo	57
Figura 30 – Beijo na ponta dos dedos	58
Figura 31 – Lóbulo de orelha	58
Figura 32 – Mão em forma de bolsa	59
Figura 33 – O círculo - figura do anel	60
Figura 34 – Papo firme ou papo furado	61
Figura 35 – Mau motorista – barbeiro do trânsito	61
Figura 36 – The emergence of grammar from word and gesture	63
Figura 37 – “IR” em ASL	63
Figura 38 – FUTURO” em ASL	63
Figura 39 – From way to what	64
Figura 40 – ASL verb aspect marked by movement modulation	64
Figura 41 – Conjunto de configurações de mãos (CM) da Libras	69
Figura 42 – Mudança na localização – SÁBADO e APRENDER	70
Figura 43 – Mudança na configuração de mão – SÃO PAULO e PENSAR	71

Figura 44 – Mudança no movimento – TRABALHO e VIDEO-CASSETE	71
Figura 45 – Mudança na orientação – MÁQUINA DE LAVAR e LIQUIFICADOR	72
Figura 46 – Mudança na expressão não manual – CASA e MORAR	72
Figura 47 – Exemplo de apagamento de suspensão na ASL (GOOD IDEA)	74
Figura 48 – Exemplo de metátese na ASL (DEAF)	75
Figura 49 – Exemplo de assimilação na ASL	75
Figura 50 – O processo de mudança de um sinal: E-MAIL	77
Figura 51 – Simetria da configuração da mão, conforme ilustrado por DEPEND: (a) forma antiga, (b) forma moderna	78
Figura 52 – Deslocamento da cabeça, conforme ilustrado por FOTO /FOTOGRAFIA: (a) forma antiga, apenas a primeira parte do composto; (b) forma moderna, segunda parte dos compostos idênticos em ambas as fases	79
Figura 53 – Assimilação e fluidez, uma parte de um sinal composto é frequentemente excluída, conforme ilustrado em BIRD: (a) forma antiga; (b) moderno	79
Figura 54 – O movimento da cabeça torna-se movimento da mão, conforme ilustrado pelo PACIENT: (a) forma antiga, cabeça inclinada para baixo; (b) forma moderna, movimento da mão para baixo	80
Figura 55 – Mudança na forma da mão com motivação morfológica, conforme ilustrado por STEAL: (a) forma antiga, movimento de preensão de toda a mão; (b) forma moderna, usando dois dedos	81
Figura 56 – Mudança lexical relacionada ao conceito “café” na Libras	82
Figura 57 – Situação de contato	87
Figura 58 – Sinal BRASIL	97
Figura 59 – Sinal COMUNICAÇÃO	97
Figura 60 – Sinal YES	97
Figura 61 – Sinal LINGUISTICA	98
Figura 62 – Sinal PROFESSOR	98
Figura 63 – Sinal DOCENTE	99
Figura 64 – Dois sinais regionais ALUNO	100
Figura 65 – <i>Dizionario dei gesti degli italiani: una prospettiva interculturale</i>	103
Figura 66 – <i>Dizionario dei gesti degli italiani: una prospettiva interculturale</i>	104
Figura 67 – <i>Senza Parole: 100 gesti degli italiani</i>	105
Figura 68 – <i>Senza Parole: 100 gesti degli italiani</i>	105
Figura 69 – <i>Supplemento al dizionario italiano</i>	106
Figura 70 – <i>Supplemento al dizionario italiano</i>	106
Figura 71 – <i>Il Dizionario dei gesti</i>	107
Figura 72 – <i>Il Dizionario dei gesti</i>	107
Figura 73 – <i>Dictionnaire des gestes</i>	108
Figura 74 – <i>Dictionnaire des gestes</i>	109
Figura 75 – <i>História dos Nossos Gestos</i>	110
Figura 76 – <i>Behaving Brazilian: A comparison of brasilian and north american social behavior</i>	111
Figura 77 – <i>Behaving Brazilian: A comparison of brasilian and north american social behavior</i>	111
Figura 78 – <i>Comunicação não-verbal: a gestualidade brasileira</i>	112
Figura 79 – <i>Comunicação não-verbal: a gestualidade brasileira</i>	112
Figura 80 – <i>Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos</i>	113

Figura 81 – <i>Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos</i>	114
Figura 82 – <i>Linguagem das mãos</i>	114
Figura 83 – <i>Linguagem das mãos</i>	115
Figura 84 – <i>Dicionário da Língua Brasileira de sinais (LIBRAS versão 2.0 – 2005)</i>	116
Figura 85 – <i>Novo deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de sinais Brasileira</i>	117
Figura 86 – <i>Novo deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de sinais Brasileira</i>	118
Figura 87 – <i>Palmas</i>	140

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Comparação	129
Gráfico 2 – Origem	130
Gráfico 3 – Dicionários	131
Gráfico 4 – Mudanças fonológicas	150

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Expressões corporais	32
Quadro 2 – Continuum 1: relação com a fala	41
Quadro 3 – Continuum 2: relação com propriedades linguísticas	41
Quadro 4 – Continuum 3: relação com as convenções	41
Quadro 5 – Continuum 4: caráter da semiose	42
Quadro 6 – Resumo de Continuum de Kendon, segundo McNeill (2000)	43
Quadro 7 – Comparação entre unidades linguísticas e cinéticas	48
Quadro 8 – Diferenças entre língua de sinais natural, língua de sinais de contato e código manual	93
Quadro 9 – Conceitos de empréstimos linguísticos	95
Quadro 10 – Tipos de empréstimos linguísticos	100
Quadro 11 – Exemplo de quadro	119
Quadro 12 – Exemplo de emblema e sinal iguais	121
Quadro 13 – Exemplo emblema e sinal da Libras semelhantes	122
Quadro 14 – Mudança fonológica de configuração de mãos	124
Quadro 15 – Mudança fonológica de movimento	125
Quadro 16 – Mudança fonológica de orientação das mãos	126
Quadro 17 – Mudança fonológica de Configuração das mãos e movimento	127
Quadro 18 – Mudança fonológica de movimento e orientação de mão	128
Quadro 19 – Mudança fonológica de Configuração de mãos no emblema italiano	132
Quadro 20 – Mudança fonológica de Configuração de mãos no emblema francês	133
Quadro 21 – Mudança fonológica de Configuração de mãos no emblema brasileiro	134
Quadro 22 – Mudança fonológica de movimento no emblema italiano	136
Quadro 23 – Mudança fonológica de movimento no emblema francês	137
Quadro 24 – Mudança fonológica de movimento no emblema brasileiro	138
Quadro 25 – Mudança fonológica de orientação das mãos no emblema italiano	139
Quadro 26 – Mudança fonológica de orientação das mãos no emblema francês	140
Quadro 27 – Mudança fonológica de orientação das mãos no emblema brasileiro	141
Quadro 28 – Mudança fonológica de configuração das mãos e movimento no emblema italiano	142
Quadro 29 – Mudança fonológica de configuração das mãos e movimento no emblema francês	144
Quadro 30 – Mudança fonológica de configuração das mãos e movimento no emblema brasileiro	145
Quadro 31 – Mudança fonológica de movimento e orientações de mãos no emblema italiano	147

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
LSF	Língua de Sinais Francesa
INES	Instituto Nacional de Educação dos Surdos
ASL	Língua de Sinais Americana
CM	configuração de mão
LSCB	Língua dos Sinais dos Centros Urbanos Brasileiros
LSB	Língua de Sinais Brasileira

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	18
2.1	Estudos de Gestos	18
2.2	Fonologia	67
2.2.1	Processos fonológicos	73
2.2.2	Mudanças fonológicas	77
2.2.3	Mudanças lexicais	82
2.3	Estudo de sociolinguísticos sobre as línguas de sinais	83
3	METODOLOGIA	102
3.1	Coletar os emblemas italianos, franceses e brasileiros	103
3.2	Coletar os sinais da Libras	113
3.3	Investigar e comparar os emblemas coletados e os sinais da Libras	119
3.4	Analisar e identificar os parâmetros dos emblemas que participam dos sinais coletados	123
4	ANÁLISE E RESULTADO	129
5	DISCUSSÃO	152
6	CONCLUSÃO	160
	REFERÊNCIAS	164

1 INTRODUÇÃO

A história da Libras acompanha a história dos surdos e da educação no Brasil. Os registros comprovados como os de 1857, Huet, professor surdo, veio ao Brasil a convite de D. Pedro II para fundar a primeira escola para surdos do país, o Imperial Instituto de Surdos Mudos, atual Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). No Instituto, a Libras emergiu da comunicação e método de ensino entre alunos surdos e o professor surdo francês, como uma mistura entre a Língua Francesa de Sinais, a língua de sinais emergente, e os gestos utilizados pelos surdos brasileiros.

Durante muitos anos, desde o início da década 1960, o William Stokoe, as pesquisas da linguística sobre as línguas de sinais encontraram algumas relações com gestos, que variam de acordo com a localidade e a idade dos sinalizantes, o que evidencia que também os emblemas, e não apenas os itens linguísticos tradicionalmente analisados nas pesquisas sociolinguísticas, são condicionados por fatores sociais e culturais.

A análise da gramática da Língua Brasileira de Sinais revela que muitos itens linguísticos são suscetíveis a variações devido a aspectos sociais, históricos e contatos com outras línguas de sinais. Na literatura da linguística, a Libras está sujeita a variações por vários aspectos sociais, históricos, culturais, contato com outras línguas orais, língua de sinais e gestos.

Para os estudos de Libras é necessário retornar ao passado para compreensão, expansão e desenvolvimento de pesquisas futuras, em que, como afirmam McCleary e Viotti (2011), gesto e língua possam viver em harmonia. Essa citação que o Leland e Viotti trouxeram, podemos pensar que nós como linguistas precisamos romper o preconceito quanto aos gestos, e incluí-los como parte das relações linguísticas que estudamos, nos atentando ao que eles podem nos mostrar.

Desse modo, nesta tese, investiga-se a relação entre os emblemas e os sinais da Língua de Sinais Brasileira, com o objetivo de oferecer evidências de como os elementos gestuais participam do léxico dessa língua.

A pesquisa se justifica na medida que se faz necessário um aprofundamento a respeito de como esses elementos constroem significação nessa língua. Os objetivos desta pesquisa são:

- Analisar os emblemas do léxico da Libras e de que maneira os emblemas contribuem para léxicos.

- Discutir se os emblemas podem compartilhar/emprestar e se convencionalizar em sinais, para ver se como mudança fonológica.
- Refletir sobre preconceito linguístico contra gestos na Libras; o conceito da linguagem, língua para Libras.

Recuperar a origem de qualquer língua, desde seus estágios iniciais, é tarefa que não se pode fazer sem lançar mão de hipóteses, já que registros do nascimento de uma língua não podem ser recuperados arqueologicamente. No caso das línguas de sinais, lidamos com as mesmas incertezas e falta de documentação. No que diz respeito à Língua Brasileira de Sinais, libras, Leite e Quadros (2014) acreditam, assumem que surdos brasileiros usavam línguas de sinais comunitárias ou emergentes antes de terem contato com a antiga Língua de Sinais Francesa (LSF), o que os leva a concluir que língua de sinais que emergem comunitariamente no Brasil é um produto de um processo histórico de crioulização entre sinais brasileiros e franceses. Para Campello (2011), a base da libras foi a LSF, mas não há como recuperar dados sobre a(s) língua(s) de sinais usadas por surdos brasileiros antes do contato desses surdos com a LSF. Bernieri-Souza e Segala (2009) discutem que a origem da Libras remete a um quebra-cabeças, em que a influência da LSF e também de outras línguas dos imigrantes representam suas subpartes.

Percebemos que, como no caso de qualquer língua oral ou sinalizada, carecem de dados linguísticos registrados antes do Instituto Nacional de Educação dos Surdos - INES¹ para recuperar a emergência da Libras. Apesar disso, podemos, com base nos estudos desenvolvidos no âmbito da sociolinguística (STOKOE, 1969; WOODWARD, 1973; CARVALHO, 1989; ZIMMER, 1989; LUCAS; VALLI, 1992; BOUDREAULT; MAYBERRY, 2006; MCKEE, 2007; FARIA, 2009; FERREIRA-BRITO, 2010; NASCIMENTO, 2010; McCLEARY; VIOTTI, 2010, 2011; ADAM, 2012; SCHEMBRI, JOHNSTON, 2007, 2012; MACHADO, 2016; XAVIER, 2019) e gestos (EKMAN; FRIESEN, 1969; CÂMARA CASCUDO, 1976; PIERRE WEILL; ROLAND TOMPAKOW, 1983; RECTOR; TRINTA, 1985,1993; McNEILL, 1992, 2000, 2005; KENDON, 1988, 2004, 2005, 2013; PEREIRA, 2010; WILCOX, 2004) podemos ter como hipótese que libras não tem uma origem única relacionada somente à

¹ O INES é um órgão do Ministério da Educação que atende alunos surdos da Educação Infantil até o Ensino Médio, além de oferecer ensino profissionalizante e estágios remunerados que ajudam a inserir os surdos no mercado de trabalho. O INES também apoia e promove a pesquisa de novas metodologias a serem aplicadas no ensino das pessoas surdas, além de prestar atendimento psicológico, fonoaudiólogo e social à comunidade surda. Disponível em: <https://www.libras.com.br/ines>. Acesso em: 5 maio 2020.

LSF, mas provavelmente uma origem marcada pelo contato e a mistura de outras línguas de sinais, orais e incluindo a incorporação de gestos usados nestas línguas.

As línguas de sinais por muito tempo foram desconsideradas no âmbito dos estudos da linguagem, perspectiva que começa a se alterar a partir da década de 1960, quando Stokoe (1960) apresenta uma descrição linguística da Língua de Sinais Americana. Stokoe (1960) se concentra na fonologia e fala um pouco da morfologia. Dizer que ele apresentou uma descrição linguística pode fazer o leitor que não conhece que ele fez mais do que ele efetivamente fez no trabalho de 1960. De todo modo, como afirma Leite (2013, p. 38), "[d]entro de uma visão do senso comum, as línguas de sinais não são enxergadas como línguas naturais, com o mesmo estatuto das línguas orais, e por isso as pessoas surdas até hoje lutam para ter a sua língua plenamente reconhecida."

Por ser a língua de sinais majoritariamente produzida pelas mãos, como sinais manuais e com o uso de expressões não manuais, e apreendida pela visão, foi por anos estigmatizada e não reconhecida, por se tratar de uma modalidade diferente das línguas orais, que são produzidas pela boca e percebida pela audição.

Um pioneiro no estudo das línguas de sinais foi William Stokoe, que em 1960 procurou analisar os sinais e suas estruturas, comprovando que a língua de sinais possui todos critérios linguísticos. Ele não demonstrou todos, focou nos fonológicos à luz do estruturalismo norte-americano.

Os trabalhos de William Stokoe demonstraram que nas línguas de sinais, a produção dos sinais é formada por unidades menores como classes de fonemas, representadas pelos parâmetros configuração de mão, movimento e locação (ou ponto de articulação).

Depois de Stokoe, outros pesquisadores como Klima e Bellugi (1979) abriram o campo da pesquisa sobre línguas de sinais, demonstrando que as línguas de sinais são de natureza visual e espacial.

Reconhecer o estatuto linguístico das línguas de sinais como línguas naturais é também compreender que a emergência das línguas de sinais não se dê de modo diferente da emergência das línguas orais. Desse modo, se vamos discutir a origem da Língua Brasileira de Sinais, devemos assumir que sua emergência está igualmente marcada pelas situações de contato linguístico e pelo desenvolvimento de línguas de sinais emergentes (ou sinais caseiros). Nesta tese, todavia, nosso objetivo é, ao assumir uma perspectiva sociolinguística, trazer para o centro das discussões sobre a emergência das línguas de sinais de um modo geral, e da Libras, em particular, o papel dos gestos na composição do léxico.

Esta tese está organizada da seguinte forma:

A seção 2, Fundamentação Teórica, está subdividida em três subseções. Na primeira subseção, tratamos dos estudos sobre gestos, desde Antiguidade clássica, na tradição ocidental, que começou a estudar a relação e importância dos gestos na retórica, e posteriormente, nos estudos sobre as línguas de sinais, que ajudam muito aprofundar e discutir melhor sobre gestos. Retomaremos também as pesquisas mais atuais que estudam relação gesto e fala. Na segunda subseção, trazemos algumas noções básicas e aspectos linguísticos da Libras, apresentando uma resenha de estudos de fonologia, que podem ser considerados como tipo de estruturalismo, que são estudados ainda até dias de hoje. Na terceira subseção, apresentamos um resumo de estudos sociolinguísticos sobre variação e mudança linguística, com ênfase na mudança lexical motivada pelo contato linguístico.

Na seção 3, apresentamos a Metodologia de coleta de dados referentes aos emblemas lexicalizados na Libras. A metodologia se deu em 4 etapas: I) Juntar os dicionários e vídeos trabalhados na pesquisa e coletar os emblemas italianos, franceses e brasileiros; II) Selecionar e recolher os dicionários de Libras e coletar os sinais da Língua Brasileira de Sinais referente aos emblemas; III) Analisar a comparação entre os emblemas coletados e os sinais da Libras que fossem iguais ou apresentassem semelhanças fonológicas; IV) Analisar e identificar nos casos observados no qual havia semelhança separando em cinco possibilidades referentes às mudanças nos parâmetros dos emblemas coletados que participaram dos sinais coletados.

A seção 4 apresenta as análises e os resultados. Foi encontrado um total de 145 emblemas que participaram nos sinais da Libras. A análise apresenta como resultados: a porcentagem de sinais da Libras que são iguais aos emblemas; quantos são de origem italiana, de origem francesa e de origem brasileira; também apresenta a quantidade desses emblemas que participam dos dicionários analisados. Esses dados nos propiciaram um bom embasamento para fomentar as discussões da seção seguinte.

Na seção 5, trazemos uma discussão tendo sempre em vista toda a historicidade das pessoas surdas, das línguas de sinais, da educação dos surdos, também dialogando com a linguística, abordando os estudos dos gestos e os estudos sociolinguísticos, podendo, como resultado da pesquisa desta tese, constatar que os emblemas sim, participam da Libras, o que nos permite discutir mais abrangentemente o conceito de Língua e da Língua de Sinais, também refletir acerca do conceito de emblemas e de sua importância nos estudos linguísticos como forma de contribuição para a expansão e melhoria de futuros estudos da área.

Na seção 6, apresentamos a conclusão da tese, embasados por todo o processo apresentado, desde a articulação dos conceitos teóricos apresentados, dos estudos fonológicos da Língua de Sinais e da Sociolinguística juntamente com os emblemas, podendo identificar nas análises que

esses participam da Libras para chegarmos à reflexão de que os emblemas fazem parte das línguas de sinais, portanto podemos chegar a conclusão que os emblemas são um fenômeno linguístico de grande importância para a sociedade e nós como pesquisadores necessitados considerar os emblemas como parte da linguagem.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para poder analisar e discutir a relação entre emblemas e sinais da Libras, faremos uma contextualização do problema a partir dos estudos de gestos, fonologia das línguas de sinais e sociolinguística.

2.1 ESTUDOS DE GESTOS

Todos os corpos dos seres humanos são envolvidos na comunicação, através do movimento de mãos, cabeças, braços, etc. No entanto, o entendimento do que é um gesto não é óbvio. Nosso objetivo nesta subseção é discutir a natureza, a definição do gesto e emblema.

O conceito de gesto apresenta múltiplos significados. Os significados têm origem nos estudos de vários pesquisadores de filosofia, arte, comunicação, linguística e entre outros. Até alguns de nós, Surdos, temos determinadas visões, conceitos sobre o que é gesto.

Atualmente podemos entender o conceito do gesto que vem do latim lat. *gēstus*, que é movimento, atitude, gesticulação, visagem, esgar, careta (HOUAISS; VILAR, 2001). Para Pereira (2010), o gesto é uma ação do corpo visível e (in)voluntária, também é uma forma de comunicação não verbal dos indivíduos que querem expressar sentimentos e pensamentos usando o corpo, mãos, braços e expressões faciais e corporais. Um gesto pode acontecer sem ou com a combinação com uma comunicação verbal. Pode como co-fala e ou mesmo substituir e vice-versa.

“A expressão gestual serve tanto a intenção cognitiva, expressiva ou descritiva, quanto a referências de ordem afetiva.” (RECTOR; TRINTA, 1993, p. 21). Cada indivíduo expressa vários sentimentos e pensamentos através do corpo, pode ser feito com uma parte do corpo e ou corpo inteiro, pode fazer como intencional ou não.

'Gesto' aqui se refere à grande variedade de maneiras nas quais os humanos, através ação corporal visível da expressão a seu pensamento e sentimento, chama atenção a coisas descreve coisas se comprimenta uns aos outros ou se envolvem em ações naturais como em cerimônias religiosas (KENDON, 2013, p. 1)².

Os gestos podem facilmente ser identificados pelos movimentos corporais da cabeça, olhos, expressão facial, mãos, posições, movimentos do corpo. A produção de gestos não é voluntariamente sem contexto, mas de acordo com contextos, considerados como os fatores sociais, históricos e culturais como em quaisquer línguas, os sistemas linguísticos não vivem em si isolados. Segundo Kendon (2004, p. 7), “[p]ara entender o melhor sobre gesto, assim ‘ação visível usada como um enunciado ou parte de um enunciado’”.

Os gestos não são apenas elementos de comunicação como as expressões verbais, os pensamentos e sentimentos através do corpo, mas também são elementos da cultura. Para Rector e Trinta (1985, p. 19), “[a] comunicação tanto verbal como não-verbal, a transmissão e a recepção de uma mensagem, o entendimento entre os seres humanos, é uma questão de natureza cultural”.

As formas das palavras e dos gestos representam como um código, um sistema de cada cultura ou meio social. A relação entre línguas e cultura ou meio social sempre está sujeita à variação como mostram os estudos de sociolinguística.

Este uso por alguns grupos culturais é mais frequente do que em outros e esta variação da quantidade da gesticulação constitui um fator cultural. Isto se dá porque diversas partes do corpo humano são solicitadas de forma diferenciada, de acordo com as demandas da vida individual e social (PEREIRA, 2010, p. 35).

Os exemplos das variações dos gestos dos discursos entre indivíduos diferentes, pode ser regional ou social.

Pereira (2010) afirma que há diferenças em relação ao ritmo, à prosódia, movimentos das mãos, contato visual e expressões faciais. E, mesmo inconscientemente, também os indivíduos desenvolvem características corporais, sua bagagem cultural como nos seus movimentos, sua forma, são de acordo com o contexto social, histórico familiar, experiências motoras e emocionais.

Por essas questões culturais, os gestos podem ter interpretações diferentes, variando de cultura para cultura, também depende da cultura do receptor e emissor.

² ‘Gesture’ here refers to the wide variety of ways in which humans, through visible bodily action, give expression to their thoughts and feelings, draw attention to things, describe things, greet each other, or engage in ritualized actions as in religious ceremonies (KENDON, 2013, p. 1, tradução nossa).

Os estudos de gestos (EKMAN; FRIESEN, 1969; McNEILL, 1992) e muitos outros identificam que um gesto pode ter significados diferentes em contextos culturais diferentes, como por exemplo um gesto (emblema) para EUA, significa que “está tudo bem” (Figura 1), mas para alguns países latinos, Turquia e Rússia, significa um insulto.

Figura 1 – Emblema O.K.



Fonte: acervo do autor.

Nos estudos de gestos, existem muitas classificações, às vezes contraditórias, como linguagem corporal, comunicação não-verbal, entre outros. Os conceitos podem ter definições contrárias, como por exemplo, alguns linguistas acreditam que os gestos podem ser quebrados em fonemas, em contraste com outros linguistas que acreditam que não. Por outro lado, esses estudos, que apresentaremos a seguir, consideram que os gestos são aspectos cognitivos, com status cognitivo que pode ser descrito e analisado.

Atualmente, os significados de gestos, seus conceitos, há várias perspectivas, com estudos nas áreas de comunicação, arte, e mais nova cognição humana.

‘Gesto’ não é uma categoria bem definida. Embora haja um núcleo de fenômenos, tal como é mencionado, aos quais o termo é geralmente aplicado na prática sem disputa, não é possível estabelecer limites claros ao domínio de sua aplicação, e alguns escritores estão inclinados a incluir um alcance muito mais grande de fenômeno do que os outros (KENDON, 2013, p. 2, tradução nossa)³.

³ ‘Gesture’ is not a well-defined category. Although there is a core of phenomena, such as those mentioned, to which the term is usually applied without dispute, it is not possible to establish clear boundaries to the domain of

Kendon (2005) foi um dos primeiros a estudar a história dos estudos sobre gestos, desde a antiguidade da tradição ocidental. Ele nota que o conceito do gesto não é único, mas sim vários.

Pereira (2010), para entender o gesto que foi desenvolvido por muitos anos nos seus vários estudos e tratados de pensadores desde a antiguidade. Na história, alguns dos trabalhos sobre gesto, que foi uma evolução do conceito e sua variedade teoria.

Os estudos sobre gestos vêm de muitos milênios atrás, um dos registros do estudo inicial foi na antiguidade clássica, na tradição ocidental, área de retórica, primeiro o estudo de formas de gestos com discurso, consideram o gesto é fundamental na arte de retórica como os oradores podem influenciar os outros.

Kendon (2013) apresenta uma história do estudo de gestos, desde antiguidade até dias atuais; só mostra na tradição ocidental, e não outras tradições como Índia, onde há muitas discussões sobre gestos.

Do levantamento feito por Kendon (2005), nesta tese, destacamos alguns dos pesquisadores selecionados, os que são mais interessantes para os objetivos da pesquisa.

Na tradição Romana, Marcus Tullius Cicero (106 a 43 a.C.) discute sobre os gestos na arte da oratória, como o rosto deve ser usado para expressar no discurso. Marcus Fabius Quintilianus (30 a 95 d.C.) discute sobre os gestos no período Romano, para treinar aos jovens oradores como usar gesto no discurso retórico, a importância da voz e do movimento (KENDON, 2005).

Julius Victor (por volta do século IV d.C.) mostra a importância dos gestos, especialmente o olhar e a mão; para ele, mãos como uma segunda palavra, por exemplo: pedir, prometer, chamar, despedir, ameaçar, suplicar, temer, interrogar, negar, e também expressar os sentimentos como alegria, tristeza, hesitação, aprovação, arrependimento, a medida como quantidade, número, tempo; acreditam que pode ser substituído por advérbios, pronomes, entre outros (PATILLON, 1990).

John Buwler (1606-1656), médico e filósofo, inglês, observou dois surdos conversando, passou a acreditar que os gestos são relevantes à comunicação humana, como a comunicação entre surdos e não surdos; desenvolveu um método para comunicar com surdos; publicou cinco trabalhos que pesquisa a comunicação corporal e humana, especialmente pelo gesto, a publicações e conhecidas da área de surdos e gestos: *Chirologia, ou Linguagem Natural da*

its application, and some writers are inclined to include a much wider range of phenomena than do others (KENDON, 2013, p. 2).

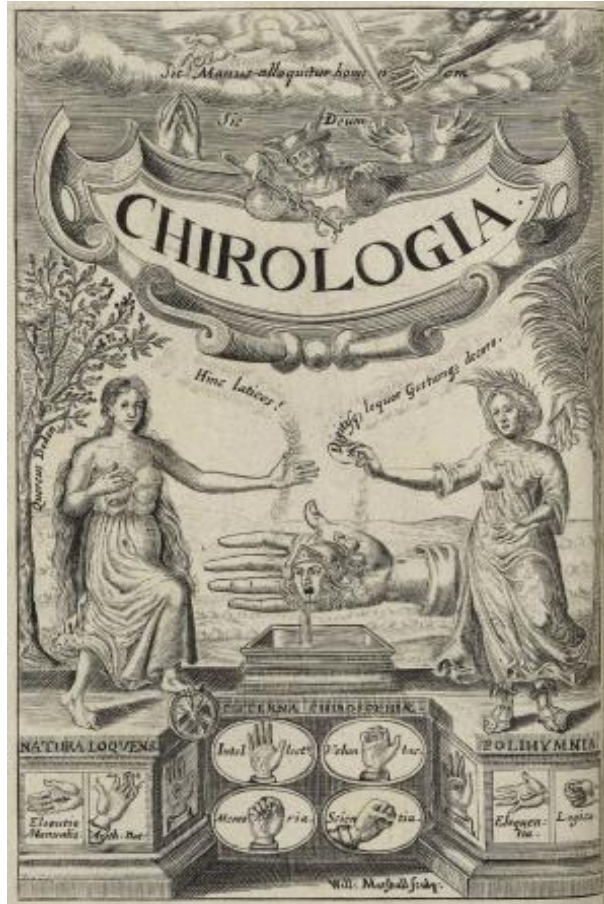
Mão; e Chiromania, ou a Arte da Retorica Manual; também seguindo o Quintilianus, registrar os gestos e movimentos corporais, uma coleção ilustrada de gestos. Ele discute sobre o uso do gesto de falar em público, comunicação com as pessoas surdas, leitura labial, de olhar. Tinha identificados e discutidos sessenta e quatro gestos das mãos. Para ele, o gesto tem um caráter universal da razão, era discurso natural, como linguagem natural, da natureza humana para todos indivíduos, como palavras escritas quanto gestos, que todos indivíduos podem expressar os pensamentos e emoções.

[A mão] Fala todas as línguas e como caráter universal da razão é geralmente entendido e conhecido por todas as nações, entre as diferenças formais, das suas línguas. E sendo o único discurso que é natural para o homem, E também pode muito bem ser chamado de língua e linguagem geral da natureza humana, que, sem ensinar o homem de todas as regiões habitáveis do mundo, fazem entender mais facilmente na primeira vista⁴ (BOWLER, 1644, [n.p.], tradução nossa).

⁴ No original: “[The hand] speaks all languages, and as universal character of Reason is generally understood and known by all Nations, among the formal differences of their Tongue. And being the only speech that is natural to Man, it may well be called the Tongue and General language of Human Nature, which, without teaching, men in all regions of the habitable world doe at the first sight most easily understand”.

Alguns anos depois da publicação, John Bowler se tornou um dos primeiros educadores de surdos na Inglaterra, a publicação de *Chirologia*, é referência e ainda usada na língua de sinais britânica atualmente.

Figura 2 – Capa de *Chirologia*, ou Linguagem Natural da Mão (1644)



Fonte: The Public Domain Review (2021).

Figura 3 – Chiromania, ou a Arte da Retorica Manual (1644)



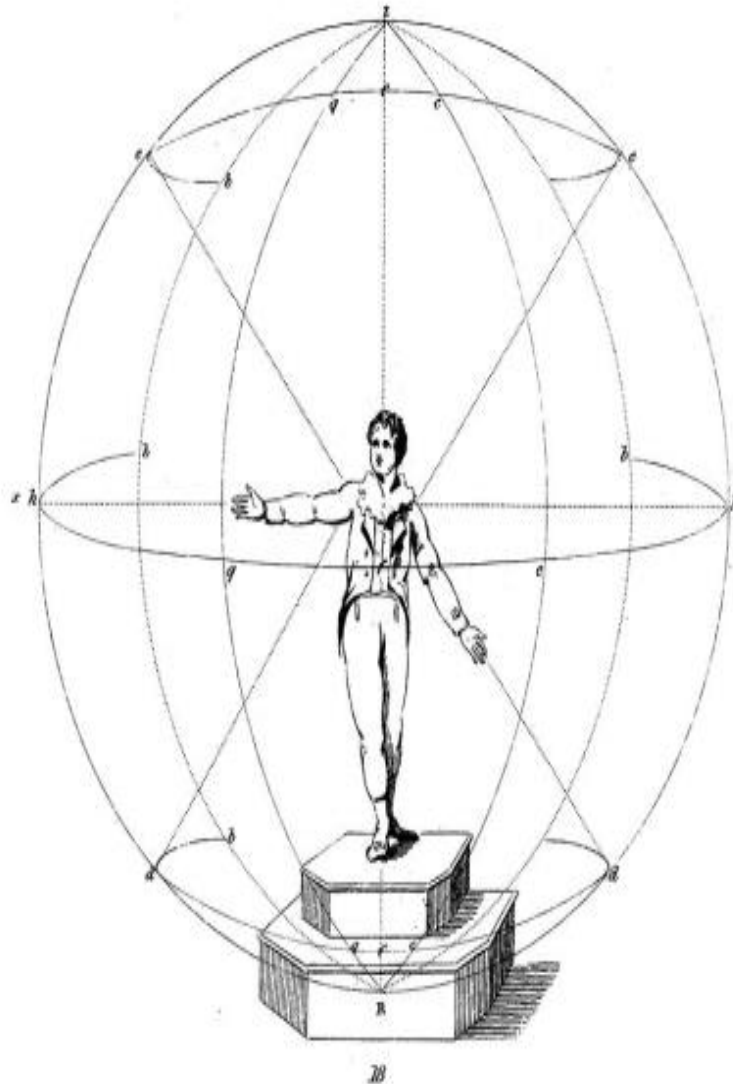
Fonte: The Public Domain Review (2021).

McNeill (1992) e Kendon (2013) explicam desde no século XVIII, os filósofos preocupados com a origem da linguagem, sua base, razão, nessa época, eles acreditavam que as primeiras línguas eram gestuais.

Gilbert Austin (1753-1837), educador irlandês e sacerdote; influenciado por alguns escritores Quintilianus e John Bulwer, como a importância da voz e uso do gesto para ter discurso bem sucedido, o seu trabalho *Chironomia, or a Treatise on Rhetorical Delivery*, Chironomia de Gilbert Austin, publicada em 1806, um manual sobre expressão do corpo para efeito retórico, enfatiza os movimentos de todo corpo, incluindo os gestos das mãos, expressão do rosto e da voz; descreve os especificados tom de voz, várias posições dos pés, membros inferiores, os braços, as mãos, cabeça, olhos, ombros e até o corpo em geral. Para ele, cada

corpo, gesto tem significado como um índice, para um público. Também para ele, o gesto é atemporal e universal, também faz parte de entonação, transcende as idiosincrasias da cultura e do país, e até que os humanos se comunicam com os animais. Ele descreve o gesto como transmitir um significado.

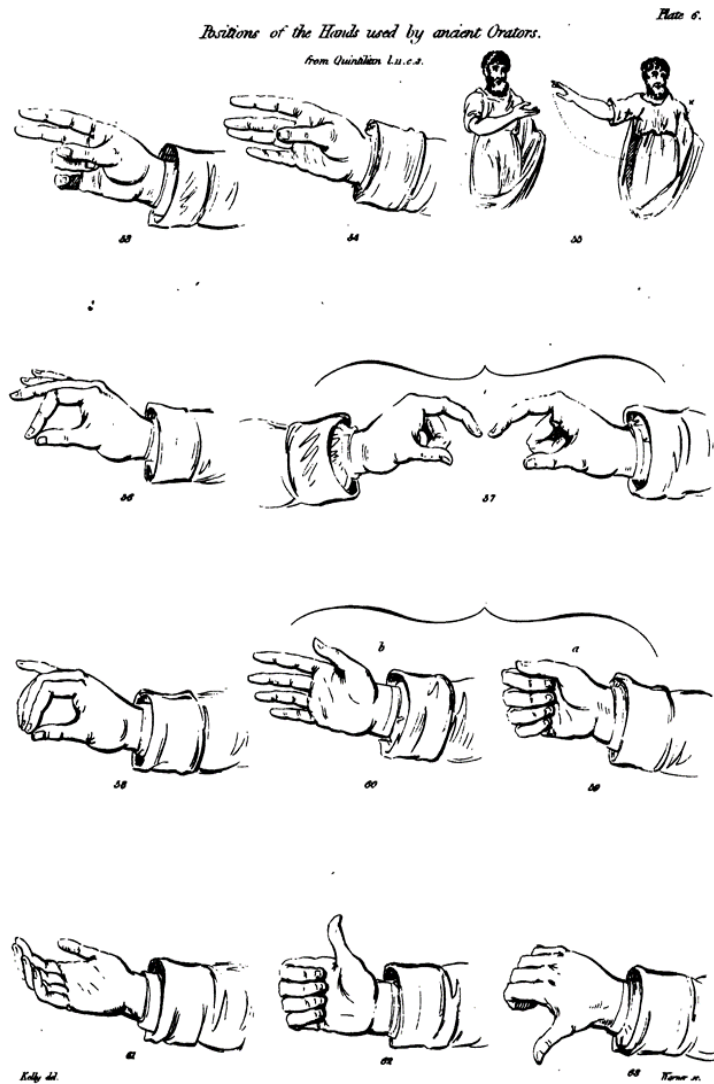
Figura 4 – Sistema de rotação – representação da esfera imaginária



Fonte: Austin (1806, p. 133).

O Sistema de rotação dos gestos apresenta uma representação do corpo em uma esfera imaginária, onde o falante movimentava seu corpo, pés e mãos em determinada direção.

Figura 5 – Posições das mãos usadas pelos oradores



Fonte: Austin (1806).

Austin (1806) apresenta as posições das mãos, como são usadas e seus significados pelos oradores. Essas posições atualmente podem ser consideradas emblemas, icônicos, metafóricos, dêiticos e entre outros.

Nessa época, tinha outro estudo importante por Albert M. Bacon (1875 apud KENDON, 2005) baseado em Austin, ele complementa mais uma variedade de expressões faciais, esfera e posições das mãos.

Figura 6 – Esfera e posições das mãos de Bacon em 1875

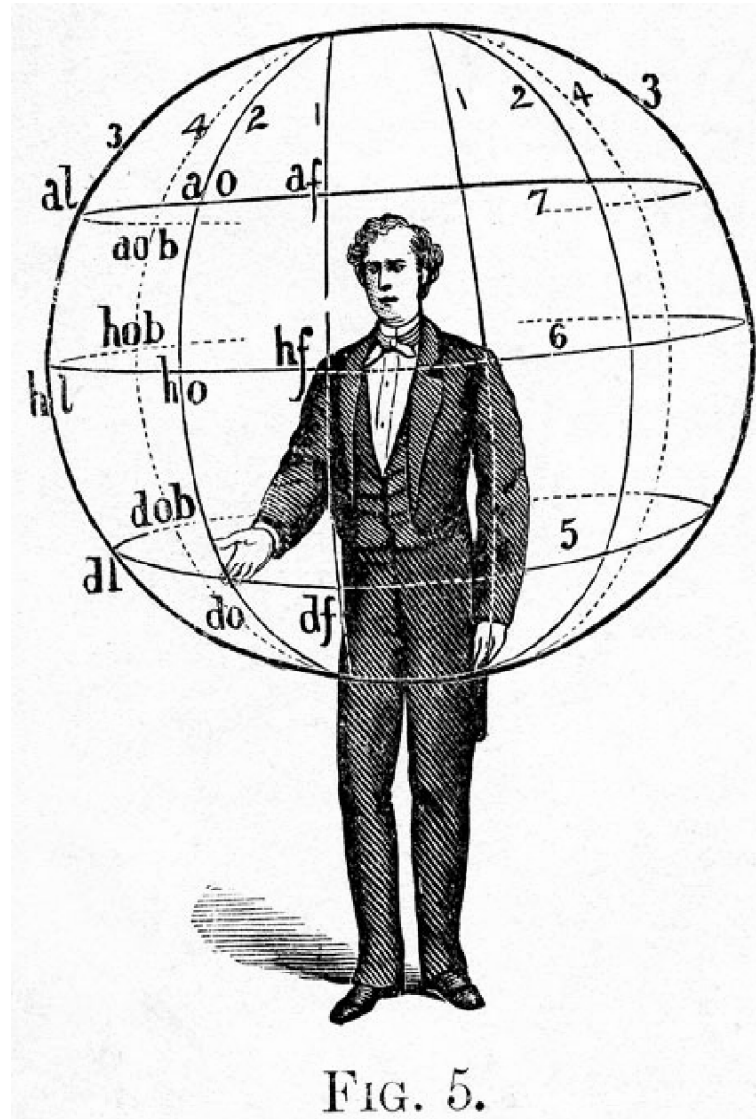


FIG. 5.

Fonte: Kendon (2005).

Wilhelm Wundt (1832-1920), um dos pontos interesse de conexão entre gesto e pensamento, no laboratório moderno de psicologia no Instituto Experimental de Psicologia da Universidade de Leipzig na Alemanha, pesquisa sobre gestos convencionalizados, como os gestos dos napolitanos, dos índios americanos, e a linguagem de surdos (época ninguém usa o nome língua, sempre usa o nome linguagem).

Condillac (1756) que afirma que a linguagem original é gesto; François Delsarte (1893) o gesto é como intérprete do discurso, por exemplo, o gesto de “eu amo você” diz muito mais do que as palavras; Rudolf Laban (1879-1958) como referência no estudo dos gestos, decifra os movimentos humanos, uns seus movimentos têm significados.

Segundo McNeill (1992) antes do David Efron, os estudos não foram objetivados e especificados dos gestos que acompanham a fala, até em 1941. David Efron se propôs a estudar a relação entre gesto e a fala.

David Efron, em 1941, realiza pesquisa sobre gestos espontâneos, na sua tese, *Gesture and Environment*, bem científico, com método, em comparação com os pesquisadores anteriores, usou vários métodos de pesquisa, realizando observação visual, filmes mudos em câmera lenta e inúmeros desenhos. Um dos objetivos da pesquisa era desmentir os cientistas nazistas que diziam que os gestos foram herdados através da raça. Ele estudou, observou e analisou dois grupos de imigrantes, especificados, grupos de judeus e italianos, da parte baixa do leste da cidade de New York, com o objetivo de analisar os gestos espontâneos e cotidianos. O autor descreve os gestos que acompanham a fala, introduzindo as categorias gestuais. Descreveu as diferenças de gestos dos judeus e italianos; sua perspectiva antropológica. David Efron observou e analisou os imigrantes, principalmente judeus do leste europeu e italianos do sul, até nos filmes em câmara lenta e inúmeros desenhos, estudou principalmente os gestos espontâneos do cotidiano, o que judeus e italianos usam como gestos e assim, comprovou que os gestos não são herdados da raça. O livro do David Efron pode ser uma importante fonte de informação sobre a gesticulação, sua história, e mostra que gestos estão relacionados com cultura e política. Posteriormente, nos estudos, ele aprofunda e amplia um esquema de classificação da linguagem não-verbal, identificando cinco tipos de gestos: emblemáticos, ilustrativos, reguladores da interação, indicadores do estado emocional e de adaptadores.

O pesquisador sobre expressões humanas do Paul Ekman, americano, psicólogo, na época dos anos 1950, poucas descobertas sobre as expressões humanas, na sua época, só livro do Darwin e Margaret. Considerando a expressão das emoções no homem e animais, ele deu início de conhecimento sobre as humanas, aprofundou nas expressões e desvendou um debate entre Darwin (*The Origin of Species*, 1859) e Mead (*On the Influence of Darwin's Origin of Species*, 1909), acreditavam que expressões físicas eram inatas, porém descobriu que não era só inata, que eram elementos culturais.

Ekman (1969) fez muitas pesquisas por diferentes países e culturas e registrou expressões emocionais dos indivíduos, para buscar as respostas sobre o que Darwin e Mead, que acreditavam que a expressão das emoções é inata. Uma das pesquisas mais interessantes foi na Papua Nova Guiné. Depois disso, também começou a pesquisar sobre as mudanças nas expressões das pessoas quando, por exemplo, estão mentindo.

Na década 1970, os estudos sobre gesto por Ekman e Friesen (1969, 1972) e Ekman (1999) fazem revisão e ampliação para melhor. Nesses trabalhos, mostram que o gesto é um

produto cultural, a influência da abordagem e do método etológico, como por exemplo os estudos de interação face-a-face, entre mãe e filho, entre adultos, etc. Os autores identificam 5 tipos de gestos, num esquema de classificação de gesto: ilustradores, manipuladores, reguladores, emblemáticos e exposições da influência.

- **Ilustradores:** como gesto de co-fala, acompanham a fala, sincronia, ajudam e reforçam as informações, gestos ilustrativos servem para demonstrar, dar forma o que está falando, geralmente aumentando do que é dito, e também às vezes contrário do que dito, por exemplo uma pessoa está descrevendo uma pessoa bate de uma pessoa e faz o gesto com a mão aberta simulando uma tapa; desenhar uma imagem de algumas coisas; também como dêitico, movimento de apontar algumas coisas; movimento espaciais, descreve uma relação; direcionar de um itinerário de caminho; movimentos rítmicos que mostra de um ritmo ou uma estimulação de um evento. São normalmente realizados com as mãos, e também com a cabeça e podem envolver até mesmo os pés. Gestos ilustradores são socialmente aprendidos, como aprende sua primeira língua.
- **Manipuladores:** os gestos utilizados, como acariciar, apertar, arranhar, morder, lambe, chupar, podem ser no próprio corpo, em objetos ou em outras pessoas, uma forma de inconsciente e também podem parecidos ser realizados de vários níveis de consciência, como estado de ansiedade, nervosismo, tensão, alegria, amor entre outros.
- **Reguladores:** são movimentos produzidos por quem fala ou por quem ouve para controlar os turnos de fala na conversa, como por exemplo inclinações de cabeça, de olhar, faz gestos pedem mais alto, menos, mais devagar, etc.
- **Expressões emocionais:** são as expressões emocionais, são gestos involuntários que passam informações importantes para outros. Também podem aproximar ação, pensamento. Não são aprendidos; variam indivíduos, sociais e culturais; depende contextos de muitas.
- **Emblemas:** são gestos usados de forma consciente, pensada, sendo opcionais ao uso; podem ser co-fala, sendo expressos junto com uma palavra ou uma frase, mas também possuem significado próprio, podendo ser compreendidos mesmo sem nenhum complemento de palavras; possuem um caráter arbitrário como uma convenção social, tem um significado, podendo representar uma palavra, uma

frase, ou um discurso. Abaixo ilustramos alguns exemplos de emblemas que podem ser usados de forma positiva ou amorosa. Este emblema, da mão fechada com o polegar levantado, pode representar uma palavra ou mesmo uma ideia de afirmação, como “bom”, “bem”, “positivo” entre outros. Também pode representar uma frase, como “oi, tudo bem?” – “tudo bem!”.

Figura 7 – Mão fechada com o polegar levantado



Fonte: Google Imagens⁵.

O emblema da figura, pode representar uma palavra, como “amor”, “coração” e também pode representar uma frase, como “eu te amo!”, “gostei!” entre outros.

Figura 8 – Mãos em forma de coração



Fonte: Google Imagens⁶.

Depois de Efron e Ekman, outros pesquisadores como Kendon, McNeill, que aprofundaram no estudo dos gestos e sua relação com línguas, investigam vários e diferentes

⁵ Disponível em: <https://images.app.goo.gl/5LCqy3yyfJGgtf8N6>. Acesso em: 5 mar. 2021.

⁶ Disponível em: <https://images.app.goo.gl/YyCPBirwZftiJVFM6>. Acesso em: 5 mar. 2021.

aspectos dos gestos e propõem a relação e integração do gesto e da língua; numa comunicação, convencionalização, do discurso, da evolução da língua(gem) e entre outros.

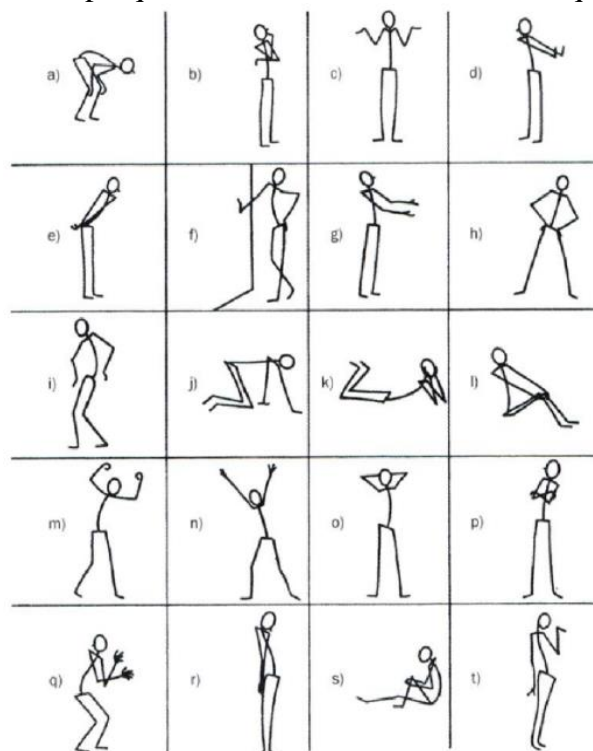
Para evitar confusões e distorções, precisamos esclarecer que os seres humanos têm capacidade de expressar uma variedade de sentimentos e pensamentos, por vários tipos de comunicação, bem como escrita, fala e também pela expressão corporal. A comunicação do corpo, portanto, também faz parte de toda a linguagem. Contudo existe uma diferença entre a linguagem corporal e os gestos (dos aspectos cognitivos e sua relação com a linguagem oral).

A linguagem corporal pode receber nomes como linguagem do corpo e linguagem não-verbal. A Linguística de uma forma geral reconhece que há linguagem sem palavras com vários sentidos, são fáceis de identificar: cabeça, olhos, mãos, posições do corpo, movimentos do corpo, expressão facial, entre outros; que são processo do que pessoas usam intencionalmente e ou não, exprimir experiências, sentimentos, pensamento, entre outros. Fonseca (2008) apresenta os gestos que podem exprimir experiências, sentimentos, pensamentos, entre outros, veja figura:

Figura 9 – Gestos de experiências, sentimentos, pensamentos, entre outros

Fonte: Fonseca (2008, p. 127).

Também há outras pesquisas, outros estudos, acreditam que esses elementos do gesto



têm um papel fundamental. Para Rector e Trinta (1993, p. 21), elementos não verbais da

comunicação social são responsáveis por cerca de 65% do total das mensagens enviadas e recebidas no processo de interações. Veja algumas expressões corporais, e seus sentidos, os elementos importantes, desenvolvido por Rector e Trinta (1999, p. 28):

Quadro 1 – Expressões corporais

Não-verbal	Formas	Interpretações possíveis
O olhar	Fixo; esquivo; de esguelha; esperto; distante; etc.	Informa sobre estados afetivos; sobre a “vida interior”; traduz um significado moral (franqueza, honestidade); dá indicação de dotes pessoais (inteligência, profundidade)
Os meneios de cabeça	Cabeça erguida ou baixa; rigidez; pescoço encolhido ou estirado; movimento.	Pontuam as frases (expressão verbal), acompanhando a entonação ou reforçando-a; substituem-se as formas verbais de afirmação ou negação (“sim”, “talvez” e “não”)
As mãos	Cruzam-se; colocam-se em repouso uma sobre a outra; dão socos no ar; abrem-se, exibindo a palma; crispam-se; os dedos se mexem.	Remetem à palavra, duplicando-a; dão uma “imagem” do pensamento; registram a tensão, o medo ou o “à vontade” da pessoa; denunciam suas posições ou convicções
Os gestos	Movimentos dos braços, dos ombros e das mãos; a expressão corporal.	O corpo “fala”; substituem a palavra ou realçam a expressão linguística, dando “vida” e “cor”; informam sobre estados afetivos
As posições do corpo	Peito inflado; busto erguido; posições das pernas; maneiras de sentar-se.	Informam acerca de características psicológicas da pessoa; informam acerca do grau de segurança, desenvoltura, timidez; estatura moral; posição hierárquica
Os movimentos do corpo	Sentar-se; levantar-se; mexer-se (de pé ou sentado);	Registro de sensações de ordem geral, provindas das formas em

	bater com os pés; andar de um lado para outro.	que se desdobra o “diálogo” (contentamento, perplexidade; irritação; ansiedade etc.)
A mediação dos objetos	“brincar” com lápis; com cigarros; com relógio; com óculos; com o próprio rosto; com botões da roupa; rabiscar.	Assim se procede para “liberar” a tensão; disfarçar a apreensão; serve à indicação de cansaço ou desinteresse; serve para indicar busca ou manutenção de autocontrole
Os ruídos	Tosse; pigarro; “limpeza” da garganta; barulhinhos com a boca; suspiros; exclamações etc.	Intenção de manifestação fora dos domínios estritos da palavra articulada
As manifestações psicofisiológicas	Enrubescer; empalidecer; sentir “calores” ou calafrios; gaguejar; tremer; suar; “frio”; crispar-se; ter a respiração alterada.	Informam sobre condições psicológicas (normais ou anormais): forte emoção, medo, surpresa; assinalam transformações: perplexidade, desgosto, raiva etc.

Fonte: Rector e Trinta (1993, p. 28).

Para estudo de gestos, para aquilo que nos interessa nesta tese, é preciso apontar que há diferença entre os estudos de linguagem corporal, como comportamento não verbal (postura, cruzamento as pernas e braço; arranhar, mexer cabelo, brincar com um objeto e etc.), que não são gestos comunicativos, e uma expressão linguística e comunicativa, que envolve emblemas aos quais podemos atribuir significado, como, por exemplo, o gesto de uma mão com polegar para cima que indica "positivo" e para baixo, "negativo".

Kendon (2004) afirma que as várias classificações de gestos podem ser confusas e distinções entre semióticos e funcionais, às vezes, podem misturar.

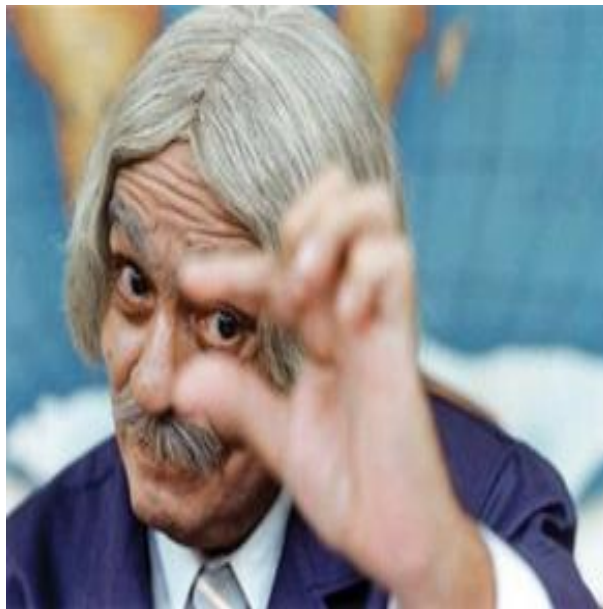
Vimos no presente trabalho a explanação sobre gestos. O termo “gesto” tem significado, conceito. É um termo que não tem uma única significação, tampouco há unanimidade quanto à sua definição, pois depende de levarmos em consideração o uso desse termo no decorrer da história e como cada autor o utiliza em suas argumentações e objetivos. É importantíssimo lembrar que quando falamos de gestos nós associamos às diversas expressões corporais.

Entretanto, na pesquisa científica usam-se variadas expressões. Há diferentes vocábulos dentro de uma ampla classificação arbórea do termo “gestos” que como disse depende de cada autor sobre o tema e todos nós conhecemos seu uso. No presente trabalho, nesta tese, usaremos para clareza de todos, em especial uma expressão dentre outras na classificação, a palavra “emblema”.

Efron (1941, 1968), Ekman e Friesen (1969, 1972) e Ekman (1999) apresentam a definição de emblemas como signos, como uma palavra visual, ou seja, um sinal, que faz parte da cultura, é aprendido e ensinado como linguagem verbal. São usados intencionalmente, pensados; o emissor tem consciência e controle, como igual às palavras faladas e sinais. Cada emblema tem suas formas (significante) padrão, e seus significados podem representar uma palavra, uma frase ou um discurso. Seus suportes são várias partes do corpo como mãos, braços, expressões faciais e cabeça.

Por exemplo, o ator brasileiro Chico Anysio, no programa de humor “Escolinha do Professor Raimundo”, no final do programa sempre há um bordão “e o salário ó!” no mesmo tempo faz gesto com o dedo indicador e polegar, veja a Figura 11.

Figura 10 – Emblema de “pequeno”



Fonte: Google Imagens⁷.

⁷ Disponível em: <https://images.app.goo.gl/ifvbi4EbYokRH7hy6>. Acesso em: 5 mar. 2021.

Outro exemplo de emblema conhecido como levantar o polegar para cima para falar que “está tudo bem”, como na Figura 8; mas o seu significado não é único, pois existem outros países como Tailândia, Bangladesh e Irã, o significado dele é diferente, como gesto obsceno.

Os gestos têm seus significados e dependem de cada cultura.

Os emblemas são a única verdadeira linguagem corporal que nas quais esses movimentos têm um conjunto de significados precisos que são compreendidos por todos os membros de uma cultura ou subcultura. O termo ‘emblemas’ é tomado de Efron (1968), pioneiro no estudo das diferenças culturais em movimentos corporais. Emblemas são socialmente aprendidos e como linguagem culturalmente variáveis. Uma mensagem pode ter um emblema em uma cultura, e não emblema em outro ambiente cultural. Ou o mesmo movimento padrão pode ter significados bastante diferentes em diferentes ambientes culturais⁸ (EKMAN, 1999, p. 39).

Ekman (1999) explica que emblemas usados por um grupo de determinado lugar ou cultura, quando há contato, direto ou através da massa, podem ser adotados por outros grupos de outra cultura.

Veja alguns exemplos de emblemas usadas no Brasil:

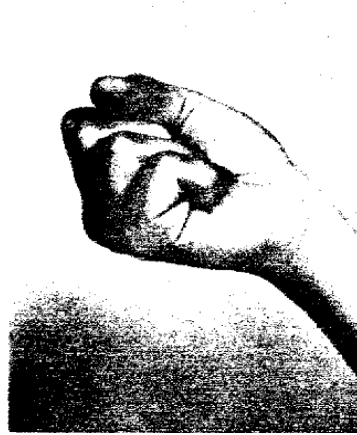
Figura 11 – Emblema brasileiro de “juro”



Fonte: Harrison (1983, p. 96).

⁸ No original: “Emblems are the only true 'body language', in that these movements have a set of precise meanings, which are understood by all members of a culture or subculture. The term 'emblem' I borrowed from Efron (1968), the pioneer in studying cultural differences in body movements. Emblems are socially learned and thus, like language, culturally variable. A message may have an emblem in one culture, and no emblem in another cultural setting. Or the same movement pattern may have quite different meanings in different cultural settings”.)

Figura 12 – Emblema brasileiro de “pão de duro”



Fonte: Harrison (1983, p.102).

Figura 13 – Emblema brasileiro de “boa vida”



Fonte: Dominique (2005, p. 9).

Figura 14 – Emblema brasileiro de “estar com dor de cotovelo” (ciúme)



Fonte: Dominique (2005, p. 9).

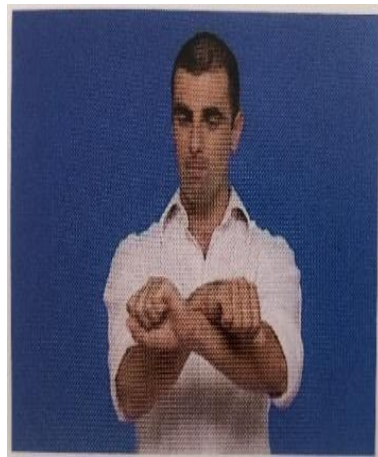
Veja alguns exemplos de emblemas italianos:

Figura 15 – Emblema italiano de “perfeito”



Fonte: Caon (2010, p. 43).

Figura 16 – Emblema italiano de “impossibilidade”



Fonte: Caon (2010, p. 208)

Figura 17 – Emblema italiano de “eu te venci”



Fonte: Cavallo (2017, p. 411).

Figura 18 – Emblema italiano de “parabéns”



Fonte: Munari (1999, p. 104).

Veja alguns exemplos de emblemas franceses:

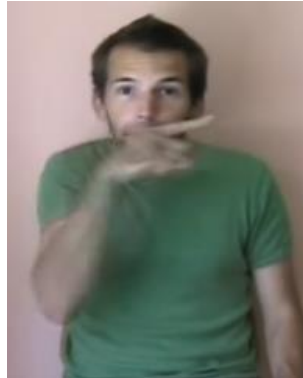
Figura 19 – Emblema francês de “Eu, quieto”



Fonte: Learn French with Vincent⁹.

⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MJCeUUJ9kls>. Acesso em: 1 mar. 2021.

Figura 20 – Emblema francês de “mentira”



Fonte: Learn French with Vincent¹⁰.

Figura 21 – Emblema francês de “Nem mesmo isso”



Fonte: Learn French with Vincent¹¹

Figura 22 – Emblema francês de “Segure, tenho uma prova”



Fonte: Learn French with Vincent¹²

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LRzRJnCWPPg>. Acesso em: 1 mar. 2021.

¹¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=q4AzFUCjh1Y>. Acesso em: 1 mar. 2021.

¹² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OOBUWCVQZnU>. Acesso em: 1 mar. 2021.

Nesta tese, desejamos compreender nitidamente a expressão “emblema”. Comparando com quaisquer palavras sejam das línguas orais ou de sinais, por exemplo, uma palavra ou sinal tem igualmente dentro dela forma, significado e variações que ocorreram em cada uma no decorrer do tempo e da história, tais como mudanças, neologismos dentre outras.

Adam Kendon, representa um referencial para o estudo dos gestos, por muitos anos. Desde 1972, investiga muitos aspectos dos gestos, buscando especificar seu papel na comunicação e na evolução da língua(gem), a convencionalização do gesto, a integração do gesto e do discurso e a unidade entre a fala e o gesto. Sua pesquisa sempre se voltou para a interação face-a-face, línguas de sinais e gestos. Para o autor, o gesto é importante para o discurso, pois os dois formam uma unidade de enunciado.

Um dos trabalhos muito relevante, a proposta de integração do gesto e do discurso de Kendon, fez uma classificação muito eficiente e prático chama-se *continuum*, baseado de trabalho do Kendon (1988), que foi elaborado por David McNeill (1992, 2000, 2005).

Alguns trabalhos de Kendon buscou estabelecer a ligação entre linguístico e não linguístico, esclarecendo algumas contribuições sobre gesto, considerou que os gestos como um fenômeno natural e universal, discutindo sobre a diferença entre gesto e sinal acreditando que os estudos das línguas de sinais contribuem para o estudo dos gestos.

Os estudos de Kendon (1988) os gestos têm seus aspectos de convencionalidade e seus valores comunicativos, assim, foi chamada posteriormente por McNeill (1992, p 37) de *continuum* de Kendon:

Gesticulação > gestos idênticos à língua > pantomima > emblemas > língua de sinais.

A gesticulação é a realização de movimento espontâneo dos braços, das mãos e de outras partes do corpo, que acompanha a fala. Os gestos idênticos à língua são gesto que acompanham a fala como cofala, estando integrados aos enunciados. Na pantomima, as mãos e corpo que demonstram objetos e ações. A fala, nesse caso, não é obrigatória. Emblemas são padrões consensuais. As línguas de sinais são línguas naturais com sistema linguístico (gramática, léxico etc.) próprio.

McNeill (1992) colocou 4 tipos de gesto de *continuum* de Kendon; a *gesticulação*, refere um movimento espontâneos, idiossincráticos dos produzidos pelas mãos e dos braços, que acompanhar a fala; também pode chamar-se de cofala. *Pantomima*, por meio de gestos, os movimentos corporais e faciais, fazer uma mímica, exprima uma ação humana ou um objeto;

as ideias ou sentimentos; mas não é obrigatório de acompanhar a fala. *Emblema*, produção de gestos convencionalizados que tem significados definidos por comunidades culturais, que foram apreendidos juntamente com sua primeira língua; eles podem ocorrer como acompanhar a fala e ou não, considerados cofala. *Língua de sinais*, é sistema linguístico completa, tem convencional, estrutura e possui gramática como quaisquer as línguas naturais.

A proposta de McNeill (2000) para o *continuum* de Kendon destaca que há muitas dimensões, que precisam ser definidas, como a relação com a fala, a relação com propriedades linguísticas, a relação com as convenções e a relação com caráter da semiose. Desse modo, o autor analisa cada item do *continuum* de Kendon tendo em vista essas diferentes relações:

- Relação com a fala

Quadro 2 – Continuum 1: relação com a fala

Gesticulação →	→ Emblemas →	→ Pantomima →	→ Língua de sinais
Presença obrigatória de fala	Opcional presença de fala	Obrigatória ausência de fala	Obrigatória ausência de fala

Fonte: elaborado pelo autor.

- Relação com propriedades linguísticas

Quadro 3 – Continuum 2: relação com propriedades linguísticas

Gesticulação →	→ Pantomima →	→ Emblemas →	→ Língua de sinais
Propriedades linguísticas ausentes	Propriedades linguísticas ausentes	Algumas propriedades linguísticas presentes	Propriedades linguísticas presentes

Fonte: elaborado pelo autor.

- Relação com as convenções

Quadro 4 – Continuum 3: relação com as convenções

Gesticulação →	→ Pantomima →	→ Emblemas →	→ Língua de sinais
Não convencionalizada	Não convencionalizada	Parcialmente convencionalizada	Totalmente convencionalizada

Fonte: elaborado pelo autor.

- O caráter da Semiose

Quadro 5 – Continuum 4: caráter da semiose

Gesticulação →	→ Pantomima →	→ Emblemas →	→ Língua de sinais
Global e sintética	Global e analítica	Segmentado e sintético	Segmentada e analítica

Fonte: elaborado pelo autor.

Na relação com a fala, a gesticulação descreve uma imagem, como na fala, uma personagem em uma narrativa, por exemplo. Emblemas, na sua convenção social, têm seu significado, podendo ou ser acompanhados pela fala. Pantomima não é usada com fala, é usada, por exemplo, por mímicos tradicionais que fazem mímicas sem palavras. A língua de sinais é outra modalidade de língua e não está associada à fala.

A relação com as propriedades linguísticas, a gesticulação e a pantomima não tem restrições e formas de sistema de fonologia, morfologia, sintaxe, pois são produções livres, que variam de pessoa por pessoa. Já os emblemas não são fixam às propriedades linguísticas como sistema. A língua de Sinais, como qualquer língua, tem propriedades linguísticas.

Na relação com as convenções, a gesticulação e pantomima não têm os gestos convencionalizados e são dependentes de contexto, não ocorrem mesmo forma de gestos e significados como convencionalizados, pois a convenção é como uma forma e significado como convencional compartilhado social, comunidade, seu tempo. A língua de sinais se mostra convencionalizada sempre.

Na relação de caráter semiótico, a gesticulação é global, não tem especificamente um foco, mas qualquer um que gesticule não estará muito focado com um lugar específico, uma locação; é em todo o espaço, global, pois, e sintética, pois um gesto que pode ter diferentes significados. A pantomima é global e analítica, porque pode separar e descrever a função do que quer expressar. Os emblemas podem ser segmentados, como uma sequência fonológica, e sintético. A língua de sinais é segmentada e analítica, porque há diversos sinais que estão em harmonia, concordância entre os elementos. Às vezes, isso não ocorre com outros sinais, por isso é analítico, ver como concordam entre si e ver cada detalhe.

Em resumo, segundo McNeill (2000):

Quadro 6 – Resumo de Continuum de Kendon, segundo McNeill (2000)

	Relação com a fala	Propriedades linguísticas	Relação com convenção	Caráter semiótico
Gesticulação	Presente	Ausente	Ausente	Global e sintético
Pantomima	Ausente	Ausente	Ausente	Global e analítico
Emblemas	Opcional	Algumas	Parcialmente	Segmentado e sintético
Língua de sinais	Ausente	Presentes	Totalmente	Segmentado e analítico

Fonte: elaborado pelo autor.

Kendon (2005) faz uma análise dos gestos tendo em vista um *continuum* entre seu valor não linguístico para o linguístico, assim como do não convencional para convencional. O autor defende a importância do estudo das línguas de sinais nesse estudo, tendo em vista que propõe que o gesto está na base da emergência dos sistemas linguísticos das línguas naturais.

McNeill foi um dos primeiros a estudar o gesto de modo sistemático, propondo uma tipologia de gestos, buscando correlacionar pensamento e o gesto. Defende que os gestos produzidos durante a fala, que acompanham de modo sincronizado a fala, devem ser analisados como uma unidade inseparável, pois estão integrados no processo cognitivo.

Para McNeill (1992, p. 23-24), o gesto e a língua têm ligação:

- a) Do significado, pois são semântica e pragmaticamente coexpressivos;
- b) Do tempo, realizando-se em sincronia um com o outro;
- c) Da função, desenvolvimento e dissolução pois se desenvolvem em conjunto na criança e desaparecem juntos nos casos de afasia. Portanto, “junto formam um sistema e representam a mesma ideia de modos diferentes”

McNeill (1992, 2002, 2005) mostra bem claro que ele defende a conexão, uma ligação, inseparável entre gesto e língua. Ele discorda de estudos anteriores mais tradicionais (INDICAR ALGUNS) que distinguem comunicação verbal e não-verbal, pois entende que constituem uma única realização da língua.

Além de organizar o *continuum* de Kendon, o McNeill (1992, 2000, 2005) estuda a relação entre o pensamento e gesto, mostrando que os gestos ocorrem simultaneamente com a fala/discurso, durante as conversas, narrativas etc.

O McNeill (1992) distingue quatro tipos de gestos: *Gesto icônicos*, *Gestos metafóricos*, *Gestos dêiticos* e *Gestos ritmados (beats)*:

- *Gestos icônicos*: são gestos que representam e ilustram os objetos físicos para mostrar como é o objeto; pode oferecer informação complementar, exibindo significados de objetos e de ações, em resumo, na fala o *gesto icônico* como completa a imagem da cena em descrição;
- *Gestos metafóricos*: são gestos que representam e referem às expressões abstratas metaforicamente para dar forma a ideia; podem parecer muito aos gestos icônicos, mas é outro tipo que serve atua como uma imagem simbólico para uma ideia de um conceito; para compreender melhor o McNeill (1992, p. 145) explica geralmente os gestos icônicos mostram mundo real e os gestos metafóricos mostra mundo mental;
- *Gestos dêiticos*: são gestos demonstrativos e direcionais ao objeto de que fala acompanha as palavras; também referem às coisas ou algum lugar, também pode ser que aponta algum abstrato quando quer referir algo; pode ser ausente ou presente algum; por exemplo gesto aponta o copo enquanto fala “o copo está em cima da pia”.
- *Gestos ritmados (beats)*: são gestos, batidas rítmicas que se ligam ao ritmo da fala de uma estrutura temporal do que fala; como batidas (golpes) de dedo, da mão ou do braço; como o gesto que marca um ritmo no discurso;

Os resultados dos estudos de tipologia de McNeill, que durante as conversas e quando conta histórias, sempre expressam os 4 tipos de gestos (dêitico, icônico, metafórico e ritmo), mais frequentes, que eles ocorrem com a fala como simultâneos. E, expressam algum gesto repetido, como mesmo gesto, movimento ou localização do espaço, chama-se *gesto coesivo*, que pode expressar por gestos icônicos, metafóricos ou dêiticos, para que mostra uma continuação de um específico, diretamente as questões funcionais no discurso. Podem ocorrer como simultâneo, continuidade e a descontinuidade.

McNeill (1992, 2005) também analisa a produção de gestos tendo em vista suas fases de realização e com base nos trabalhos de Kendon (1972, 1980) sobre as hierarquias dos movimentos gestuais. Uma produção de um gesto tem cinco fases, considerando seu começo até o final.

- *Preparação*: é a fase que a mão move até uma posição ideal para *stroke*, como uma preparação;
- *Stroke* (golpe): é uma fase que fazer um gesto, como ponto;
- *Retração*: que retorna para descansar;
- *Sustentação*: onde o gesto é mantido, mesma posição como um congelamento, não movimenta.

Gesto é interesse desde a antiguidade, os clássicos foram Cícero (106 a 43 a.C.), Quintiliano (30 a 95 d.C.), Julius Victor (IV d.C.), John Bulwer (1606 – 1656), Gilbert Austin (1753 - 1837), Condillac (1756), Bacon (1875), Wilhelm Wundt (1832 - 1920), Laban (1879 – 1958), Delsarte (1893) acreditam que os gestos são um papel relevante para todo tipo de comunicação humana. Os pesquisadores como Efron (1941), Ekman e Friesen (1969) começam a estudar os gestos que acompanham a fala. Depois de Efron e Ekman, os pesquisadores que aprofundaram no estudo dos gestos a relação com línguas, investigam vários e diferentes aspectos dos gestos e propõem a relação e integração do gesto e da língua; numa comunicação, convencionalização, do discurso, da evolução da língua(gem) e entre outros.

A respeito das pesquisas sobre gestos, nos Estados Unidos da América estas vem sendo desenvolvidas há tempo em diversas áreas da linguística, da psicologia e em outras áreas de estudo. Aqui no Brasil também as pesquisas sobre gestos já existem há muito tempo. Tomo como referência, primeiro, Câmara Cascudo, um intelectual mundialmente conhecido, da área da sociologia, não da área da linguística. Ele pesquisou diversas manifestações culturais coletando dados de vários sujeitos a partir da vivência e de suas experiências de vida.

Outra referência, Pierre Weil e Roland Tompakow, pesquisou, assim como Cascudo, os gestos do corpo, linguagem não verbal, os movimentos corporais. Sua pesquisa foi muito mais focada na psicologia, antropologia, sociologia e não nos estudos linguísticos. Além de ambos, trago Rector e Trinta, estes na área da linguística. Estes autores pesquisaram os gestos brasileiros, principalmente os emblemas usando diferentes metodologias.

Câmara Cascudo (1898 – 1986), pesquisador do folclore e da etnografia, nas pesquisas, fazem muitas viagens, fazia amigos e ouvia as histórias, também como historiador, passou muitas informações sobre a cultura brasileira, com base na antropologia, história e registros de vários elementos folclóricos brasileiros. Em 1976, escreveu uma história dos gestos (1976), distribui em 333 capítulos brevíssimos sobre gestos, vários gestos não-brasileiro; e mostra os

gestos típicos brasileiros, comuns que integram o dia-a-dia, que são observáveis no Brasil. Como os gestos, sua caracterização como negativa, afirmativas, normativas (ordens e convites) e religiosas (submissão, vênua, adoração, respeito), saudação.

Os estudos dele sobre gestos mostraram que os gestos vêm por muitos anos anteriores, como a primeira linguagem humana. Defende também que o gesto é anterior às palavras e, portanto, atesta que a mímica não é complementar, mas uma provocação aos exercícios da oralidade. Conclui que sem gestos a palavra é precária e pobre.

Para ele, o gesto é:

“força definitiva do pensamento pela atitude das mãos” (CÂMARA CASCUDO, 1976)

“Antes das interjeições e onomatopeias, supriria essa deficiência oral” (CÂMARA CASCUDO, 1976, p. 5)

“O gesto é tradutor da ideia e primeira linguagem humana” (CÂMARA CASCUDO, 1976, p. 5)

“O gesto é anterior à palavra. Dedos e braços falaram mistérios antes da voz. As áreas do entendimento são infinitamente superiores as da comunicação verbal. A mímica não é complementar, mas uma provocação ao exercício da oralidade...” (CÂMARA CASCUDO, 1976, p.6)

“O gesto é a comunicação essencial, nítida, positiva. Não há retórica mímica; apenas reiteração da mensagem. Essa limitação recorda o inicial uso entre seres humanos, quando o metal era pedra e a caverna abrigava a família nas horas da noite misteriosa” (CÂMARA CASCUDO, 1976, p. 6)

“Aprende com mudos o segredo dos gestos expressivos” (1976, p. 6)

“A palavra muda. O gesto, não” (CÂMARA CASCUDO, 1976, p. 6)

“Além do ato instintivo, inconsciente, automático, puramente reflexo, evitação do sentimento doloroso, existe a infindável série dos gestos intencionais, expressando o pensamento pela mímica, convencionalizada através do tempo” (CÂMARA CASCUDO, 1976 [2003], p.20).

O autor faz referência aos trabalhos de Rossini Tavares de Lima e Verissimo de Melo. Tavares (1953) baseia-se no estudo de Francis C. Hayes (DATA): o gesto como elemento autônomo da expressão emotiva. Câmara Cascudo denomina o gesto folclórico, que é sentir, do pensar, do agir e do reagir do povo, descreveu os gestos como admiração, ameaça, beber, dançar, dormir, desespero, distração, dúvida, embaraço, etc. Melo (1958), também baseado no estudo do Hayes, propõe que o gesto é uma segunda linguagem, que pode expressar sentimentos, atitudes, ideias, saudação etc.

Weil e Tompakow (1983) produzem uma obra de psicologia aplicada, na qual se referem a signos e cinésica. Seu livro *O corpo fala* tem objetivo de dar o conhecimento sobre o que corpo comunica através de elementos não verbais. Eles propõem os princípios da linguagem corporal, na sua teoria de informação e percepção cinésica:

- 1- Os componentes simultâneos das mensagens em linguagem corpo humano sempre concordam ou discordam entre si (WEIL E TOMPAKOW, 1983, p. 87)
- 2- É possível discernir entre atitude conscientemente exteriorizada e consciente ou inconscientemente oculta;
- 3- A percepção e/ou a reação do receptor das mensagens podem ser de modo consciente e/ou inconsciente (WEIL E TOMPAKOW, 1983, p. 88)
- 4- Na percepção consciente de mensagens corretamente avaliada, o acordo dos componentes confirma a verdade da intenção convencionalmente exteriorizada; o desacordo dos componentes revela oposição reprimida à intenção convencionalmente exteriorizada (WEIL E TOMPAKOW, 1983, p. 89)

Os autores mostram que o corpo expressa, querendo dizer sim ou não, sorriso, ternura, resistência, passiva, teimosia, atenção, interesse, desinteresse, avidez, expectativa, eu, submissão, domínio, acusação, ameaça, receio, medo, pavor, firmeza, franqueza, sensualidade, inveja, desconfiança, mutismo, persuasão, proteção, desafio, regressão, linguagem dos objetos, culpa, tensão, amor, invasão de território, etc.

Em 1985, Rector e Trinta, voltados ao estudo de semiótica¹³, propõem que a semiótica da língua (comunicação verbal) seja acrescentada uma semiótica do gesto (comunicação não-verbal). Usando teoria geral dos signos como dividida em 3 partes entre si, os níveis: sintático

¹³ Se referem à semiologia da língua, diferente os termos semiologia de semiótica, porém evitamos confusões terminológicas adotando apenas o termo semiótica.

(combinatório), semântico (significativo) e pragmático (efetivo). Rector e Trinta (1985, p. 17 e 19) mostram a importância do gesto como um comportamento individual se torna um comportamento social, a cultura como uma questão de natureza cultural.

Rector e Trinta (1985, p. 76) afirmam que todo gesto é uma ação. Um gesto é, elementarmente, uma ação pela qual se envia um sinal visual para quem está olhando; porém, para tornar-se um ato, deve comunicar algo ao receptor. Como, por exemplo, abanar as mãos como saudação, do espirro que pode interpretar como sintoma de resfriado, quando professor que chama a atenção a classe, transmitir os sinais por imitação como fazer cara alegre, simular para divertir, imitar o voo do avião, ocupar lugar de um objeto ausente, emblemas, dêiticos, e etc.

Segundo os autores, o objetivo da pesquisa é estudar mais os emblemas, pesquisam, descrevem, analisam sistematicamente os gestos emblemas brasileiros, e explicam a linguagem dos movimentos do corpo.

Rector e Trinta (1985), tendo em vista a linguagem dos movimentos do corpo, baseado na teoria de Birdwhistel (DATA), definem que a menor unidade é o *cine*, como, por exemplo, fonema; *cinemorfe*, como morfema; *sintagma*, como palavra sem frase, por exemplo, gesto sequência gestual e emissão e para gesto como *ação*, o contexto. Rector e Trinta (1985, p. 57) comparam entre unidades linguísticas e cinéticas, veja Quadro 7:

Quadro 1 – Comparação entre unidades linguísticas e cinéticas

Linguística		Cinésica	
Som		Grupo muscular e esqueleto	
Fone	Alofone	Cine	Alocine (cinema)
Morfe	Alomorfe, morfema	Cinemorfe	Ato, ação
Sintagma	Palavra sem frase	Sintagma	Gesto, sequência gestual
Emissão	No contexto	Ação	No contexto

Fonte: elaborado pelo autor.

O autor Continuum de Kendon segundo McNeill (2000), diz que cada um dos emblemas podem sofrer quebras linguística, que podemos imaginar como as mudanças fonológicas, pequenas quebras nos emblemas, não de uma forma generalizada, como um fenômeno que acontece com todos os emblemas, mas que há a possibilidade que isso ocorra com alguns deles. Também temos outra pesquisa desenvolvida no Brasil, de Rector e Trinta (1985), onde eles dizem que os emblemas podem sim ser quebrados. Por meio desta pesquisa, naquilo que

conseguimos observar em algumas questões que se apresentam de forma congruente ou contrária aquilo que foi apresentado, podemos concluir que essas quebras podem acontecer, nos parâmetros das Línguas de Sinais, como configuração de mão, movimento, localização, orientação de mão e expressões não manuais, pois o emblema em si é a expressão desta mesma forma.

E também Trinta e Rector (1985, p. 77) colocam uma classificação dos gestos:

- *Gestos expressivos*, ações não-comunicativas, exemplo, professor que chama à atenção da classe se os alunos se sentam direito em suas carteiras e o professor fica animado;
- *Gestos mímicos ou icônicos*, os gestos que expressam os sinais por imitação, exemplo, os mímicos fazem mímica, imita de dirigir o carro, e etc.;
- *Gestos simbólicos ou metafóricos*, gesto mostra uma qualidade abstrata, não parece no mundo dos objetos, representam ideias;
- *Gestos codificados*, gestos caseiros usados numa família que tem um familiar surdo;
- *Gestos técnicos*, gestos usados no ambiente que não há possibilidade de usar fala por barulho alto;
- *Gestos incidentais*; ações mecânicas que mostram uma mensagem secundária, por exemplo, de uma tosse, que pode interpretar como um sintoma de resfriado.

Na pesquisa, eles usam o método de análise pela interação, baseado na metodologia da pesquisa sobre os gestos por 3 modelos diferentes: modelo de S. Johnson (1979), Ekman e Friesen (1969) e Morris (1979) no qual, pessoas de diversos lugares se encontram pessoalmente e anotam os gestos de uma conversação, sala de aula e entrevista. O processo se repete em vários locais, então, agrupam os dados e encontram 53 emblemas usados pelos brasileiros, na época.

Rector e Trinta (1985, p. 113 – 114) na conclusão da pesquisa sobre comunicação gestual brasileira:

- O brasileiro é mais sóbrio no gesticular do que, por exemplo, os italianos. Mas o brasileiro sempre acompanha com gestos o que diz. Para um norte-americano parecerá, porém, que gesticula muito. Os gestos mais próximos do corpo parecem ocorrer com maior frequência. Geralmente, não são nada discretos, como querendo abarcar o maior número de coisas e pessoas, ao mesmo tempo. Não faltam, porém, interagentes que

usam até mesmo gestos teatrais, no qual exigem a movimentação do corpo como elemento enfático e indicador de expressividade;

- Há uma evidência de que os gestos são elementos rítmicos, que acompanham a manifestação do que se quer externar;
- No uso gestual parece haver um dado evidente de expressividade e ênfase. O chamado malandro brasileiro exprime-se com a ‘ginga do corpo’;
- As crianças gesticulam mais, sobretudo em determinada faixa etária, podendo-se atribuir isso quer ao seu metabolismo bastante ativado, quer à necessidade de dar maior eficiência à comunicação, num período em que seu vocabulário é limitado;
- No Brasil houve, em pouco tempo, uma evolução no que respeita à manifestação social pelo gesto, devido, hoje, beijar-se na face com grande liberdade, toca-se nas pessoas com mais desenvoltura e o abraço é muito comum entre amigos;
- Não obstante haver regras e valores, que permitem ou impedem pessoas de se tocarem, entre os jovens, principalmente, elas não são observadas ou obedecidas. Todos tocam a todos, sem acanhamento, sem inibições, com toda a liberdade, em qualquer situação ou lugar.

Rector e Trinta (1985, p. 105) aplicam o modelo de S. Johnson, que elaborou um questionário para mostrar a complexidade da situação social numa dada cultura, assim como o modo pelo qual podemos desmembrá-la em elementos discretos (no sentido linguístico do tempo, para fins operatórios. A autora enumerou alguns contextos sociológicos, significativos em qualquer cultura, como funerais, contatos sociais num restaurante, numa sala de aula etc. Em mensagens aborda gestos facilmente identificáveis, como os chamados dêiticos, etc.

Rector e Trinta (1985, p. 106) O questionário consiste, portanto, em um cópulus de questões relacionadas à forma como as pessoas interagem durante o processo de comunicação, tomando como referência apenas os dados não-linguísticos, em situações de encontro social específicas.

Eles aplicam o esquema de pesquisa de coleta de material sobre interação do modelo S. Johnson: grupo grande; grupo pequeno; duplas (homem-homem, mulher-mulher, homem-mulher, adulto-criança, etc.) nas várias situações (funerais, restaurante/botequim, maneiras à mesa, sala de aula, feira-livre, veículo público, fazer fila, espetáculos) e encontram os emblemas:

- Afirmação: polegar para cima; menear a cabeça em sentido vertical;
- Negação: o indicador se movendo de um lado para outro rapidamente ou o mesmo movimento feito com a cabeça (sacudir a cabeça horizontalmente); também abaixar o polegar;
- Chamada: “psiu”! Movimento com a mão direita com indicação de chamamento; assoviar;
- Saudação: Mão direita espalmada se movendo da direita para esquerda (abano); beijar, abraçar, tocar as mãos com as mãos;
- Apontar: uso do dedo indicador, apontado na direção que se quer mostrar; também apontar a direção com a cabeça;
- Gozar: mão direita espalmada, batendo sobre a esquerda forma de círculo. Vaia (assoviado ou gritando); fazer gesto de deboche com o polegar no nariz; movimento em um sobe e desce dos demais dedos;
- Louco: o dedo indicador próximo do parietal direito, girando;
- Número: o indicador da mão direita tocando os dedos da mão esquerda ou vice-versa;
- “Não saber”: dar de ombros e projetar o lábio inferior para frente; sacudir a cabeça horizontalmente; sacudir (os) ombros;
- Tamanho: usar as mãos, em posição horizontal, deixando entre elas um vazio maior ou menor para indicar a dimensão das coisas; também o braço direito estendido;
- Dinheiro: esfregar o polegar direito no dedo indicador, levantando a mão;
- Mal odor: mão direita abanando em frente ao nariz, acompanhado de um muchacho: huuuum!; fazer careta, franzindo o nariz; tampar o nariz com as mãos;
- Aspecto maravilhoso: Os dedos unidos e levados à frente dos lábios, acompanhados de um ruído característicos; pegar no lóbulo de orelha com o polegar e o indicador.

Os autores aplicam o modelo de Ekman e Friesen (1969) à gestualidade brasileira. Tomaram por base o conceito de emblema adotado por Davis Efron, que o movimento tem significado. Para eles, os emblemas, seus característicos, os gestos como a verbalização, são: 1) estereótipos ou clichês gestuais; 2) significam “iconicamente”, não precisando de equivalente verbal em muitos casos; 3) os campos conceituais devem ser determinados a posteriori, pois se classificam naturalmente.

Rector e Trinta (1985, p. 123) A mesma pesquisa foi realizada eles, com alunos de pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, assim como alunos de graduação em comunicação da Universidade Federal Fluminense, interessaram-nos apenas

os emblemas verificados no quadro de referências da cultura brasileira. Para tanto, as classes foram divididas em duas metades, o mesmo ocorrendo com os campos conceituais. Uma turma adaptava a mensagem verbal (em inglês) para a língua portuguesa, ficando um monitor com o encargo de apresentá-la para a turma. Emblemas verificados eram aqueles gestos realizados por todos os membros do grupo, aproveitando-se, ainda, certas variantes de um mesmo gesto. A outra turma, depois de decidir qual o melhor desempenho de um dado gesto, encarregou um monitor de apresentá-lo, incumbindo à classe sua verbalização. Aqui, também, foram aproveitados, como emblemas verificados, aqueles gestos que obtiveram a mesma expressão verbal, assim como as suas respectivas variantes. Dos resultados obtidos selecionamos somente aqueles pertinentes aos quadros da cultura brasileira. São os seguintes:

Insultos:

- foda-se;
- dar uma banana.

Direções interpessoais:

- senta aqui;
- cala a boca (chh!; silencio);
- vem cá;
- para aí (pare, espere);
- olha! (prevenir);
- to liquidado (dedo polegar abaixado);
- entrei pelo cano;
- calma; hora de ir (não verbalizado);
- Tem cigarro?;
- Tem fosforo?;
- Cai fora;
- vai embora;
- anda (depressa);
- pedir carona.

Respostas:

- sim (meneio de cabeça);
- não (MENEIO DE CABEÇA E DEDO INDICADOR);
- O.K; positivo; negativo;

- não sei (movimento de ombros);
- acabou;
- mais ou menos;
- tanto faz.

Estado físico pessoal

- cansaço;
- To por aqui (estar cheio);
- tá daqui (comida boa);
- ficar (estar “quente”);
- abraçar-se (estar “frio”)
- esfregar as mãos na cabeça (febre, preocupação);
- vomitar (indicativo da ação);
- forte (um ou dois braços, exibindo o bíceps)
- grávida (indicativo de gravidez);
- magro (o dedo mínimo erguido);
- pequeno (quantidade ou dose: para pedir pinga, cafezinho).

Afeto:

- paz (expressão);
- boa sorte, sucesso (figa);

Aparência:

- mulher boa (as mãos desenham contornos de uma figura);

Diversos:

- cumprimento (“oi”, “tchau”: abanos e acenos de mão);
- dinheiro (“pão-duro”); “é assim, ó” (mão direita ou esquerda bem cerrada).

Aplicou o método de D. Morris, que estudou 20 gestos e fez quadro com os gestos-chaves, na entrevista, perguntou aos informantes se gestos eram usados, durou aproximadamente 40 minutos e fez a descrição.

Tendo como modelo de Rector e Trinta (1985, p. 125), eles verificaram como o brasileiro gesticula e reconhece seus gestos característicos, usaram o mesmo quadro em 60 informantes de ambos os sexos no Rio de Janeiro, durante o segundo semestre de 1980. Nossas perguntas ativeram-se a três pontos: (1) designação (nome do gesto); (2) sua significação ou significações (verbalização do significado); (3) variações (em forma e conteúdo, além da variação regional). Encontraram emblemas usados (1985, p. 127 – 132):

a) Dedos cruzados ou dedos em cruz:

Trata-se de um gesto de origem cristã. A mão (direita ou esquerda) é erguida, em posição vertical; os dedos indicador e médio são superpostos em forma de cruz, ficando os demais voltados para baixo e contra a palma da mão, cobertos pelo polegar.

Os três dedos referidos são a representação da Santíssima Trindade: Deus é o polegar; o indicador, o Espírito Santo; o médio, enfim, Cristo. O significado deste gesto é Cristo vitorioso”;

Figura 23 – Dedos cruzados ou dedos em cruz¹⁴

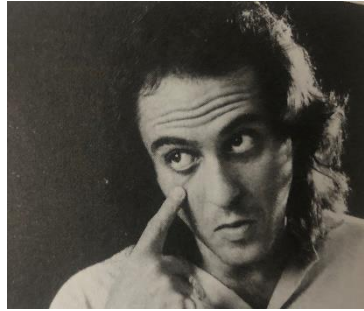


b) Olho vivo ou estar de olho vivo

O dedo indicador é colocado sob o olho, puxando-se a pele para baixo. Primeiro um olho, depois o outro: simboliza-se assim o aumento de consciência visual. Significa prestar atenção, estar alerta; sagacidade, astúcia; também estar interessado em alguém (“estar de olho em”); enfim, indica suspeita ou falta de confiança;

¹⁴ Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Sinal_da_cruz#/media/Ficheiro:Christus_Ravenna_Mosaic.jpg. Acesso em: 22 jun. 2021.

Figura 24 – Olho vivo ou estar de olho vivo

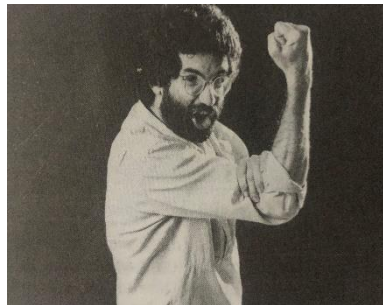


Fonte: Rector e Trinta (1985, p. 164).

c) Uma banana ou dar uma banana

É um gesto de natureza sexual: a banana simboliza o pênis. Trata-se de uma forma de insulto, usado, principalmente, por homens de nível social mais baixo; é indicativo de rejeição, negação; veicula, enfim, a resposta a uma ofensa, traduzindo-se por uma expressão de baixo calão. A verbalização pode ser (implícita) “vá tomar...”, sem predicado, ou (explícita) “vá tomar banho”, “vá tomar naquele lugar”; ainda, sem eufemismo, “vá tomar no cu”.

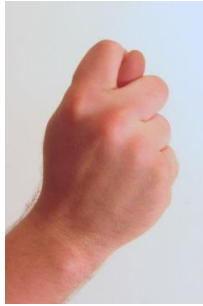
Figura 25 – Uma banana ou dar uma banana



Fonte: Rector e Trinta (1985, p. 159).

d) Figa ou fazer figa

O polegar é colocado entre os dedos indicador e o médio, que se acham dobrados e voltados contra a palma da mão. Há aí uma inequívoca conotação sexual: o polegar significa o pênis introduzido na vagina; os dedos dobrados representam os lábios vaginais femininos. Traduções (verbais) usuais deste gesto indicam ter boa sorte, livrar-se do mal (cortar mau olhado) e um pedido de proteção. Nesse último sentido, equivale aos dedos cruzados.

Figura 26 – Figa ou fazer figa¹⁵

e) Vitória

A mão (direita ou esquerda) erguida com os dedos indicador e médio formando um ângulo em V significam vitória. Este gesto data da II Guerra Mundial: proviria do V de Victor de Lavelaye – um certo advogado belga. O gesto ficou famoso pelo uso que W. Churchill fez dele. É um signo amizade, verbalizado em “paz e amor!”;

Figura 27 – Vitória¹⁶

f) Biruta, amalucado

Ao contrário dos gestos mais estáticos, este adquire significado com movimento rápido e contínuo. Fazendo-se um movimento de rotação na têmpera, com o dedo indicador, mantendo-se os demais dedos da mão fechados e voltados contra a palma da mão.

Indica-se, assim, insanidade, verbalizada em expressões como “ficou doido”, “está louco” ou, na gíria, “está (tá) biruta”, “não regula bem”, “tá meio pancada”;

¹⁵ Disponível em:

https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/e4/Gesture_fist_with_thumb_through_fingers.jpg. Acesso em: 22 jun. 2021.

¹⁶ Disponível em:

[https://pt.wikipedia.org/wiki/V_\(gesto\)#/media/Ficheiro:Churchill_V_sign_HU_55521.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/V_(gesto)#/media/Ficheiro:Churchill_V_sign_HU_55521.jpg). Acesso em: 22 jun. 2021.

Figura 28 – Biruta, amalucado¹⁷



g) Chifrudo

Erguendo a mão (direita ou esquerda), esticam-se os dedos indicador e mínimo: é um insulto. O gesto pode ser feito apontando-se para o receptor ou colocando-se a mão erguida atrás da cabeça de alguém, indicando-se, assim, que foi traído ou é vítima de adultério. Uma variante é a colocação das duas mãos, uma de cada lado da cabeça, na altura das têmporas, erguendo-se os dedos indicadores. Nesse sentido, equivale a “chifrudo”, “cabrão”, “corno”, etc. Este gesto é conhecido como mano cornuta.

Figura 29 – Chifrudo



Fonte: Harrison (1983, p. 104).

h) Beijo na ponta dos dedos

Este gesto não tem uma denominação específica. As pontas dos dedos, juntamente com o polegar, acham-se unidas e são levadas aos lábios. Após o beijo nos dedos assim unidos, a mão é lançada aberta em direção ao interlocutor, representando a soltura do beijo contido. É usado para caracterizar algo fácil de obter (“é tranquilo”, “barbada”, “fácil”, “moleza”); serve também para louvar-se uma boa situação ou notícia (“joia”, “ótimo”); valoriza-se, com este gesto, a comida deliciosa (“é uma delícia”). O beijo, a boca e o alimento estão intimamente ligados. O beijo e o alimento envolvem signos

¹⁷ Disponível em: <http://www.maria-brazil.org/newimages/crazygesture.jpg>. Acesso em: 22 jun. 2021.

gustativos, sendo um e outro saborosos. Por analogia, há uma evidente extensão de significado.

Figura 30 – Beijo na ponta dos dedos

Fonte: Harrison (1983, p. 116)



i) Lóbulo da orelha

O lóbulo da orelha é tocado e puxado para baixo pelos dedos polegar e indicador. Usa-se o gesto para demonstrar que algo é louvável, simpático, atraente; sobretudo para mostrar que algo é bom, no sentido superlativo. Verbaliza-se com expressões tais como “está bom”, “uma delícia”, “está tinindo” e, às vezes, é acompanhado por um clique da língua.

Da combinação das expressões verbal e gestual resulta a exclamação “está d’aqui!”, “dar um puxão de orelhas” é, hoje, uma forma verbal de lembrar-se uma punição, um castigo ou, brandamente, chamar a atenção de alguém (admoestar).

Figura 31 – Lóbulo de orelha



Fonte: Rector e Trinta (1985, p. 147).

j) Fazer fiuu (mangar)

Coloca-se a mão (direita ou esquerda) em posição vertical, encostando-se o polegar na ponta do nariz; os dedos abrem-se em leque e apontam para cima, movendo-se para baixo. Assim se indica deboche, zombaria; também representa desafio e provocação. O gesto, assim descrito, pode ser verbalizado por “bobo”, “bobão”, “bobalhão” ou (em gíria) “babaca”, “trouxa”. O gesto pode vir acompanhado pela cadeia sonora fiuu, com prolongamento da vogal final. Um gesto equivalente é o estirar-se a língua para fora da

boca. As mãos espalmadas, os polegares tocando as orelhas e, como eixos, permitindo a movimentação dos dedos para baixo, parece constituir uma variante deste gesto. Ambos, porém, já estão em desuso.

k) Mão em forma de bolsa

Juntam-se as pontas dos dedos de uma mão, apontando-os para cima, abrindo e fechando continuamente. Este gesto significa abundância, grande quantidade, plenitude.

Num recente comercial veiculado pela TV, se indicava que uma garrafa “tava assim, ó” de polpa da fruta no produto em promoção publicitária. Câmara Cascudo (1976: 169) diz que a forma da mão lembra um pinhão; os dedos, na forma do fruto, representam a multidão. Serviria ainda para enfatizar o ato de fala correspondente.

Figura 32 – Mão em forma de bolsa



Fonte: Rector e Trinta (1985, p. 147).

l) O círculo (figura do anel)

O anel formado pela junção dos dedos polegar e indicador (mão direita ou esquerda) pode ter dois significados. Se o círculo estiver voltado para o corpo do gesticulador é indicativo de ação positiva. (É um gesto particularmente usado nos Estados Unidos). Se, ao contrário, o círculo voltar-se para o interlocutor, demonstrando descontentamento com relação a algo ou a alguém, trata-se de um gesto obsceno, pela simbolização orifício anal.

Segundo algumas versões, este gesto seria uma forma de exorcizar-se o mau olhado. Assim, sua obscenidade aparente serviria para distrair a praga rogada, rebatendo-a.

Negativamente, porém, no caso brasileiro, este gesto é o equivalente verbal de “aqui, ó” ou, mais explicitamente, “vá tomar no cu”. A carga de agressividade aí expressa é evidente.

Figura 33 – O círculo - figura do anel



Fonte: Rector e trinta (1985, p. 158).

m) “papo firme” ou “papo furado”

A mão é esticada verticalmente, fechando-se os quatro dedos e voltando-os contra a palma. O polegar é estirado para cima. Em inglês, este gesto denomina-se *thumbs up* e tem sua origem no movimento que os pilotos fazem para mostrar que o motor está em boas condições. No Brasil, parece traduzir-se “papo firme”, mas este significado não é geral. O gesto positivo indica aprovação (“OK”, “legal”, “tudo certo”, “tudo bem”, “joia”);

Serve, ainda, para confirmar alguma coisa, também para agradecer um favor. Por outro lado, *thumbs down* é negativo (desaprovação). É o “papo furado” (conversa sem proveito), indicando-se, assim, que as ideias não são claras e que a conversa não leva a nada.

Outro significado deste gesto é o de desconhecimento (de alguma coisa ou de alguém) ou a expressão geral de uma negativa. De resto, a origem romana deste gesto é bem conhecida: a vida ou a morte do combatente na arena dependiam do polegar levantado ou abaixado dos assistentes e, em última instância, do imperador.

Figura 34 – Papo firme ou papo furado



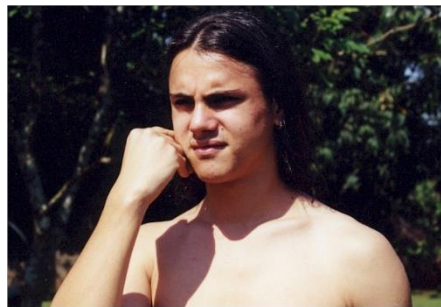
Fonte: Harrison (1983, p. 100).

n) Mau motorista (o “barbeiro do trânsito”)

O gesto dirige-se ao motorista que conduz seu carro de maneira inábil, negligente ou imprudente.

Para a sua expressão, passa-se a lateral da mão pelo lado externo do maxilar, reproduzindo-se o movimento da lâmina de barbear. Gesto dinâmico, indica metaforicamente o perigo do uso da navalha, termo pelo qual se digna, também, o mau motorista.

Figura 35 – Mau motorista – barbeiro do trânsito¹⁸



o) Meneios de cabeça

Os significados variam aqui, em função de fatores como movimento, direção, continuidade, etc.

A expressão do orgulho, da coragem em enfrentar situações, difíceis ou da superioridade implícita acham-se no gesto da “cabeça erguida”. Além disso, menear duas ou três vezes a cabeça para cima pode significar um desafio ou provocação (“E daí?”, “Vai querer o que?”).

¹⁸ Disponível em: <http://www.maria-brazil.org/newimages/baddrivergesture.jpg>. Acesso em: 22 jun. 2021.

O movimento cadenciado da cabeça para cima e para baixo indica afirmação, assentimento; já realizado no sentido horizontal, o seu significado é negação, intransigência. Pode, ainda, significar “qual, não tem jeito mesmo”, sendo acompanhado por cliques vocais.

Para sinalização direcional, enfim, move-se a cabeça, decididamente, para a esquerda ou para a direita, fazendo acompanhar este gesto do enunciado verbal “vamos embora”.

Concluindo, para Rector e Trinta (1985), gesto é codificado iconicamente, como dizer, analogicamente, que ocorrem simultaneamente no tempo e no espaço.

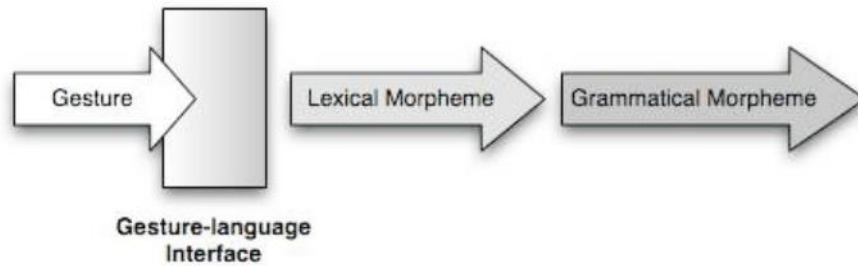
O gesto icônico se faz símbolo; e assim, o gesto emblemático é simbólico, porque primariamente iconizado. Em sua generalidade comunicacional, os emblemas – gestos que, em última análise, descrevemos e classificamos, equiparando-os de certa forma ao estatuto simbólico das unidades linguísticas – são culturalmente afetados pela gama de seus significados, bem como enquanto “figuração elementar de conteúdos”, por seu uso amplo e continuado (RECTOR; TRINTA, 1985, p. 172).

Wilcox (2004) foi um dos primeiros trabalhos a se ocupar do estudo dos gestos dentro de uma perspectiva da gramaticalização na ASL (Língua de Sinais Americana). Sua hipótese central é a de que os gestos são a base para a emergência do léxico nas línguas de sinais.

Wilcox (2004) explora, portanto, o papel do gesto no desenvolvimento das línguas de sinais, usando dados de históricos da ASL (língua de sinais americana), LSC (língua de sinais catalã), LSF (língua de sinais francesa) e LSI (língua de sinais italiana). Nesse processo, identifica duas rotas de gramaticalização de gestos distintas. Em uma delas, o gesto se convencionaliza como um morfema lexical que, por sua vez, com o tempo, podem adquirir funções gramaticais. Na segunda rota, os gestos são incorporados à morfologia das línguas de sinais a partir de processos identificados como intoacionais.

Na Figura (64), apresentamos o esquema representacional da primeira rota, em que o gesto, como emblema, é incorporado à língua de sinais como um item lexical e ao longo do tempo esses itens lexicais passam a adquirir a função gramatical.

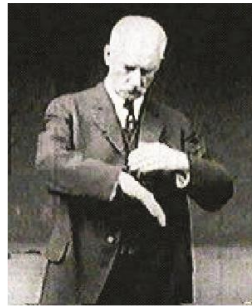
Figura 36 – The emergence of grammar from word and gesture



Fonte: Wilcox (2004, p. 48).

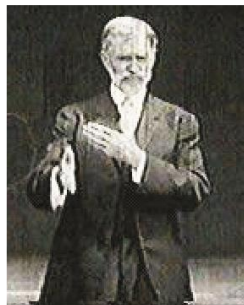
Como por exemplo, gesto usado pelos americanos passam para ASL, de futuro, partida, deve, poder e entre outros. Veja figura (65), de “ir” e figura (xx), de “futuro”.

Figura 37 – “IR” em ASL



Fonte: Wilcox (2004, p. 50).

Figura 38 – FUTURO” em ASL

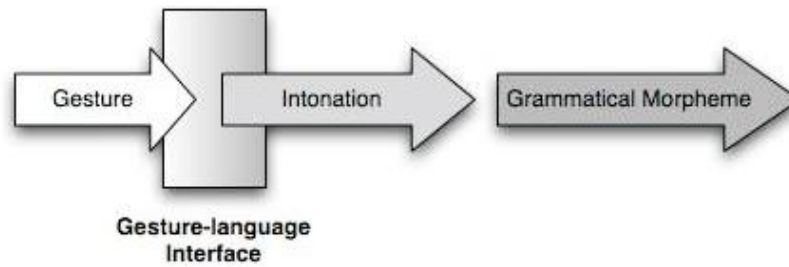


Fonte: Wilcox (2004, p. 50).

Na Figura (67) temos o esquema da segunda rota, que trata de outros tipos de gestos que são esquemáticos, não convencionais e dependentes em relação a algum outro componente, como, por exemplo, gestos faciais, manuais, e entre outros, como modo de intensificação,

amplificação, volume, tensão, repetido e outros; que passa em línguas de sinais, como alternâncias morfológicas nas línguas de sinais como a derivação dos verbos aspectos:

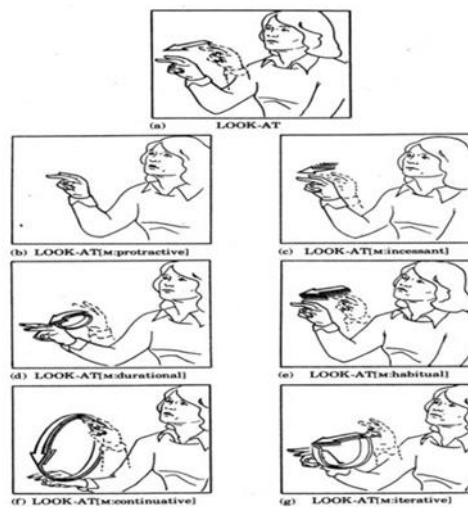
Figura 39 – From way to what



Fonte: Wilcox (2004, p. 49).

As imagens na Figura 40 exemplificam esse processo mostrando.

Figura 40 – ASL verb aspect marked by movement modulation



Fonte: Klima e Bellugii (1979, p. 293).

Wilcox (2004, p. 69) concluiu:

Da mesma forma, a adoção de uma posição que procura descobrir a semelhança entre todas as formas de gesto não implica que não existem diferenças importantes. O gesto é amplamente variável em sua manifestação. De fato, essa variação é crítica em determinados os padrões que os gestos tomam quando se tornam aliados de convenções em um sistema linguístico. Se adotando uma definição de gesto que classifica toda essa diversidade como

dolorosa, corremos risco de perder de vista diferenças únicas. Nós também certamente obtemos uma visão sobre o processo biológico, cognitivo e social ainda mais doloroso que unem suas variedades ou gestos uns com os outros e com as línguas de sinais e língua oral¹⁹.

A pesquisa do Wilcox (2004) comprova que as línguas de sinais não se separam dos gestos. Afirmou que os gestos entram no sistema linguísticos das línguas de sinais como gesto > lexical e/ou entonação > gramatical.

McCleary e Viotti (2010, 2011) foram primeiros pesquisadores que estudam a relação entre Libras e gestos. No âmbito teórico-metodológico dos estudos da gestualidade e da linguística cognitiva investigam a interação entre elementos linguísticos e gestuais na Libras na constituição do léxico até a organização do discurso. Estabelecem que as línguas faladas e as línguas sinalizadas não separam os gestos, que sempre acompanham com componentes linguísticos verbais. Os pesquisadores ampliaram o campo sobre a relação entre gestos e a Libras.

[...] língua oral se distinguem entre componentes linguísticos e gestuais e na LS se sobrepõem a palavra e alteram a sua forma, uma vez que se constituem na mesma modalidade, dificultando, portanto, essa distinção (ANATER, 2009, p.29)

McCleary e Viotti, (2011) explicam que as pesquisas sobre gestos que acompanham a fala das línguas orais têm característica, a língua como discreta, categórico, combinatório, linear, convencional, hierarquicamente organizado e o gesto como contínuo, não-combinatório, espacial, idiossincrático e não-hierárquico. Para línguas orais são fáceis de separar o que é linguístico e gesto. Para línguas de sinais esse processo de separação é mais difícil, pois trata-se do mesmo tipo de canal de produção, mesma modalidade que usando com corpo como pela cabeça, olhos, mãos, posições do corpo, movimentos do corpo e expressão facial.

McCleary e Viotti, (2011) afirmam que a Língua Brasileira de Sinais e gesto coexistem igualmente como nas outras línguas orais, mostrando uma nova linha de investigação das línguas de sinais, como parceria os componentes gestuais, analógicos, idiossincráticos, ao lado, os componentes linguísticos, discretos, convencionalizados e todos níveis sistemáticos linguísticos. Concluem que os estudos das línguas de sinais devem voltar aos estudos do sistema semiótico.

¹⁹ Likewise, adopting a position that seeks to discover the commonality across all forms of gesture does not imply that important differences do not exist. Gesture is widely variable in its manifestation. Indeed, this variation is critical in determining the paths that gesture takes when it becomes conventionalized in a linguistic system. If by adopting a definition of gesture that classifies all of its diversity as akin we risk losing sight of unique differences, we also surely gain insight into the overarching biological, cognitive, and social processes that unite the varieties of gesture with each other and with signed and spoken languages.

A linguística das línguas sinalizadas deve, então, se voltar para o estudo dos sistemas semióticos visuais e espaciais, para, a partir do entendimento de seu funcionamento, começar a conceber explicações para um sistema em que gesto e língua vivem em perfeita harmonia. (McCLEARY E VIOTTI, 2011, p. 302)

Assim, vem se ampliando e se destacam alguns linguistas como McCleary (2011) e Viotti (2011), na pesquisa sobre Libras deu os primeiros passos a importância nas pesquisas de língua de sinais e gesto e o valor que a língua de sinais tem a interação entre estrutura da sentença e gesto. Foram eles, os primeiros linguistas sobre Libras, um grande impacto, afirmaram que a Língua Brasileira de Sinais e gesto são como parceria os componentes linguísticos e gestuais.

Concluindo, os gestos são referidos movimentos do corpo e quaisquer partes do corpo, que significados, que podem acompanhar e ou não com fala, como acompanhantes com discurso, podem ser inconscientes e ou conscientes, para que expressar dos pensamentos ou dos sentimentos.

Podem parecer de fácil identificação, há muitas classificações de gestos, um dos importantes de dar atenção relevância a diferença entre comportamento não verbal e gestos comunicativos. Um dos importantes de classificação de gesto para área de especificamente aos gestos comunicativos é *continuum* de Kendon elaborado pelo McNeill (1992). Também podem variar dimensões, tempos, formas, movimentos, trajetórias, do espaço, ritmo, etc. que é um complexo como as linguais naturais. Não é o gesto como código/linguagem corporal que separa das línguas naturais. Todos os pesquisadores afirmam que o gesto é como elemento de cultura, social.

Portanto, “emblema” é diferente de pessoas movimentarem o corpo, fazerem caras e bocas, caretas, mexer ou contorcer-se com o corpo. Isso é outra coisa, outra forma de expressão. Emblema é algo acordado, ajustado, conciliado lexicalmente, como na linguística é convencionalizado.

É sabido por todos que um sinal pode ser dividido, desmembrado fonologicamente, identificando cada fonema ou unidade mínima. Ao nos debruçarmos sobre o “emblema” é possível fazer o mesmo? Sim, é possível! Com base nos estudos fonológicos aplicados à língua de sinais, o sinal pode ser dividido parametricamente. Como é isso é possível? Será explicado na próxima subseção.

No momento, precisamos entender que um sinal pode ser dividido da mesma forma que um emblema. É importante tal compreensão para mostrar a partir dos estudos fonológicos como ele pode ser estudado em suas unidades mínimas. Isso contribuirá para posteriormente saber

porque e como na análise dessas unidades o emblema influencia no decorrer do tempo em mudanças de um sinal.

2.2 FONOLOGIA

A respeito do tema gestos, escrevi acima e expliquei também sobre “emblema”, e agora, nesta subseção, falarei sobre a forma do sinal e o que representa. O sinal tem significado. Claro que dependendo do contexto ou das diversas situações há diferentes significados. Mas, como é possível dividir, ou didaticamente falando desmembrando, um sinal em pequenas unidades? É o que daqui para frente iremos apresentar na Fonologia. Como é possível um sinal, da língua de sinais, ser dividido ou separado em unidades linguísticas?

A Fonologia é compreendida como a parte da ciência linguística que analisa as unidades mínimas sem significado de uma língua e sua organização interna. Isso quer dizer que, em qualquer língua falada, a fonologia é organizada e baseada em um número restringido de sons que podem ser combinados em sucessões para formar uma unidade maior, ou seja, a palavra (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 20).

William Stokoe, em 1960, deu o primeiro passo no estudo das línguas de sinais, diferenciando a modalidade da língua falada, articulada pelo órgão do aparelho fonador e perceptível pela audição, das línguas sinalizadas, articulada pelas mãos e percebida pela visão. O autor analisou os sinais da Língua Americana de Sinais (ASL) e comprovou que cada sinal tem ao menos três partes de fonema. São constituídos de parâmetros: configuração de mão ou CM (originalmente denominada *designator*): forma e estado de mão; localização ou L (originalmente denominada *tabula*): lugar no corpo ou espaço onde o sinal é produzido; movimento ou M (originalmente denominada *signation*): movimento da mão.

Inicialmente, Stokoe usou o termo quirema (do grego, ‘*quiros*’, mão) e quirologia no lugar de fonologia, mostrando o subdomínio da gramática e mostrou evidências que a língua de sinais é a uma língua natural como outras línguas. Ele acreditava que o termo fonema aplicava-se à língua oral. Todavia, essa terminologia não foi bem aceita nos trabalhos da linguística e o autor passou a usar o termo fonema e fonologia para seus estudos sobre línguas de sinais.

A partir do trabalho do Stokoe surgiram outras pesquisas, Battison (1978) apresentou duas condições aos sinais produzidos com ambas as mãos (condição de simetria e condição de dominância); Klima e Bellugi (1979) indicaram o sub-parâmetro disposição das mãos (a articulação dos sinais por uma mão dominante ou pelas duas mãos); a orientação das mãos (é a

direção da palma da mão durante sinal) e região de contato (as diferentes maneiras como a mão entra em contato com corpo, através de um toque, de um risco, de um deslizamento, etc.). Liddell e Johnson (1989) propuseram que as marcações não manuais também constituem parâmetros fonológicos das línguas de sinais.

Como proposto por Stokoe (1960), Battison (1974), Klima e Bellugi (1979) e Liddell e Johnson (1989), nas línguas de sinais, os aspectos fonológicos, as unidades mínimas sem significado que constituem os sinais são designadas de parâmetros: configuração de mãos, localização e movimento como parâmetros primários; orientação de mão e marcações não-manuais como parâmetros secundários.

Já há algum tempo conhecemos as pesquisas estadunidenses sobre os aspectos fonológicos apresentados e no momento os deixaremos em seu lugar. Todavia, aqui no Brasil, Lucinda Ferreira Brito começou a desenvolver a pesquisa sobre a Libras. Mostrarei a seguir estudos sobre o que há nos parâmetros desta referida língua.

Os estudos iniciais e principais da descrição fonológica na Libras foram Ferreira-Brito, (1995); Quadros e Karnopp (2004); Xavier (2006). Veja a figura, o conjunto de configurações de mãos (CM) da Libras:

Figura 41 – Conjunto de configurações de mãos (CM) da Libras



Fonte: Pinterest²⁰.

Perceberam acima a quantidade encontrada na pesquisa quanto às configurações de mão existentes? Mas, para cada uma existente, as pesquisas revelaram pequenas variações em algumas delas, por isso tais foram adicionadas. Isso pode gerar alguma confusão nos aspectos fonológicos e fonéticos. Contudo, na fonética, podemos afirmar que são pequeníssimos detalhes nessas unidades linguísticas, tais como a flexão do dedo indicador e/ou médio. Na fonologia tais detalhes não são destacados porque se analisa o conjunto das menores unidades linguísticas.

²⁰ Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/507006870543117230/>. Acesso em: 2 mar. 2021.

Como sabemos, há cinco parâmetros na língua de sinais, a primeira sendo a configuração de mãos (CM), que mostramos acima. Queremos agora nos concentrar nos demais parâmetros, locação, movimento, orientação de palma de mão, expressões não-manuais. Esses parâmetros são os mesmos pesquisados aqui no Brasil segundo a estrutura da Libras. Contudo, a base teórica será sempre a mesma que foi pesquisada no passado nos Estados Unidos. Os quatro parâmetros pesquisados são os mesmos no Brasil.

O conjunto de localizações (L): espaço neutro: (frente do sinalizante); tronco (ombro, peito, barriga, abaixo da cintura); face (cabeça, testa, bochecha, nariz, queixo, orelha, boca, olho); pescoço; braço; antebraço e mãos.

O conjunto de movimentos (M): movimento de trajetória (retilíneo, sinuoso, angular); movimentos circulares (circular, semicircular, helicoidal); movimento internos dos sinais (dos dedos, das mãos).

Conjunto de orientações de mãos (Or): orientação da palma da mão para frente, para trás, para cima, para baixo, para o lado, em diagonal.

As combinações dessas unidades mínimas, ou seja, unidades fonológicas, os parâmetros que formam os sinais, também podem se apresentar como pares mínimos. Como outras línguas faladas, duas palavras constituem um par mínimo, uma alteração de um fonema, que apresenta uma diferença de significado. Exemplo: em português, PATO e GATO constituem um par mínimo; os sons iniciais dessas palavras são distintivos, assim, /p/ e /g/ são fonema do português que são diferentes pelo som, pois mudam o significado da palavra. E na Libras isso ocorre, veja as figuras:

Figura 42 – Mudança na localização – SÁBADO e APRENDER



Fonte: acervo do autor.

Como observado acima nas duas fotos sequenciais, vemos dois sinais, SÁBADO e APRENDER. Ocorreu a mudança de locação. No sinal SÁBADO, a locação é na altura da boca. No outro sinal APRENDER, a locação é na testa. A configuração de mãos e o movimento de

abrir e fechar a mão duas vezes, são os mesmos, sendo diferente somente a mudança da locação. Um em frente à boca e o outro na testa.

Essa diferença é o que chamamos de pares mínimos. Significa que quaisquer palavras ou sinais falados que tenham, ao serem comparados, uma unidade mínima, um fonema diferente, mesmo que os demais sejam iguais, são pares mínimos. O exemplo acima, sinais de SÁBADO e APRENDER, as configurações de mão são as mesmas, o movimento é igual, a orientação da palma de mão também, mas a única diferença está na locação.

Figura 43 – Mudança na configuração de mão – SÃO PAULO e PENSAR



Fonte: acervo do autor.

Ao observarmos as fotos acima, vemos os sinais para SÃO PAULO e PENSAR. O que observamos de diferente que muda? É a configuração de mão. Na primeira foto temos uma determinada configuração de mão que é diferente da segunda foto, como podem observar. Contudo, a locação na têmpera é igual para ambos os sinais. O movimento, batendo duas vezes o dedo na têmpera, é o mesmo.

Figura 44 – Mudança no movimento – TRABALHO e VIDEO-CASSETE



Fonte: acervo do autor.

Na Figura 27, vemos os sinais para TRABALHO e VIDEO-CASSETE. Observamos que no sinal para TRABALHO os parâmetros são iguais em ambas as mãos. Por exemplo, tem a mesma configuração de mão, como podem ver. O mesmo pode ser visto com o sinal de

VIDEO-CASSETTE. A locação é a mesma para ambos os sinais, no espaço em frente ao corpo. O que percebemos de diferente é o parâmetro de movimento. No sinal TRABALHO, há movimento alternado. No sinal VIDEO-CASSETTE há um único movimento síncrono das mãos direcionado para a frente, lembrando o encaixe da vídeo-fita no aparelho. Vemos assim a diferença de movimento entre os sinais.

Figura 45 – Mudança na orientação – MÁQUINA DE LAVAR e LIQUIFICADOR



Fonte: acervo do autor.

Ao observarem a Figura 28 temos os sinais para MÁQUINA DE LAVAR e LIQUIDIFICADOR. Os sinais usam as duas mãos, cada uma com uma configuração diferente. Mas, em ambos os sinais, a mão esquerda tem a mesma configuração e orientação da palma, conforme podem ver. Tal configuração representa ou lembra o quadrado ou círculo do objeto.

Entretanto, o funcionamento da MÁQUINA DE LAVAR e LIQUIDIFICADOR são diferentes. A orientação e direção da mão direita muda, seja para cima ou para baixo. O movimento giratório da mão é igual.

Figura 46 – Mudança na expressão não manual – CASA e MORAR



Fonte: acervo do autor.

Falarei agora sobre as expressões não-manuais (expressões faciais e corporais). Em ambos os sinais vistos na Figura 29 a configuração de mãos, movimento, orientação e locação

são idênticos. O que muda que diferencia os dois sinais é a expressão facial, especificamente o uso da boca. No sinal CASA, a boca está ligeiramente aberta expondo os dentes. No outro sinal MORAR, ligeiro bico feito com a boca. Essa mudança na expressão não-manual nos sinais, marcados pela boca, muda o significado do sinal. Todos os demais parâmetros são iguais, menos a expressão não manual da boca.

Se focarmos no parâmetro das expressões não manuais iremos ver que há muito mais detalhes que precisaríamos nos aprofundar. Complementando rapidamente, temos aspectos gramaticais, sintáticos e outros para descrever e explicar, mas não é este o objetivo da presente tese. O que queremos trazer, neste momento do trabalho, são os parâmetros, em especial as expressões não manuais, especificamente as faciais.

Os sinais podem ser produzidos com uma ou duas mãos (BATTISON, 1978). Xavier (2014) realiza um estudo desse parâmetro na produção de sinais da Libras, analisa os sinais em que há mudança no número de mãos. Ele considera uma ou duas mãos como uma variação. Sanchez-Mendes, Xavier e Segala (2017) mostram também o número de mãos podendo expressar pluracionalidade da Libras. Sanchez-Mendes, Xavier e Segala (2017) apresentam que o número de mãos também pode significar intensidade.

O que vem sendo apresentado até agora está no campo de estudos da fonologia. Quando da análise de um sinal, dividimos em unidades mínimas, fonemas. É fato que há muito a se descrever sobre tais unidades nos aprofundando no tema. Mas, não é esse o objetivo da pesquisa. O presente trabalho tem somente como foco estudar as unidades fonológicas resultantes da divisão de um sinal, unidade que nomeio “emblema”.

2.2.1 PROCESSOS FONOLÓGICOS

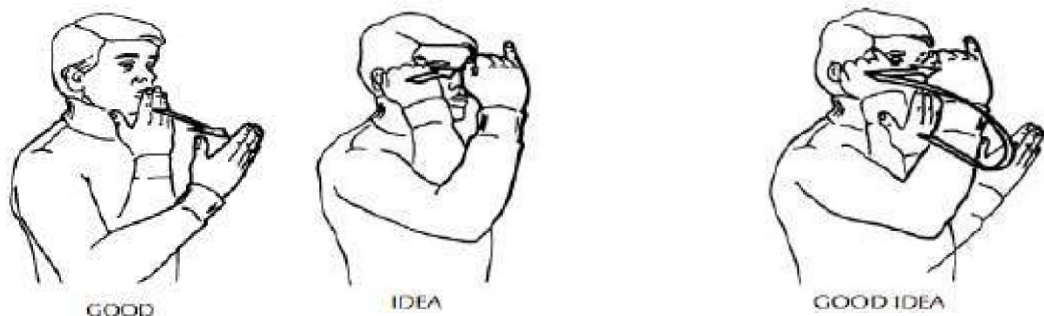
Ao estudarmos determinados sinais, podemos observar que ocorrem algumas mudanças fonológicas, mudanças nos fonemas. Nomeamos tais mudanças de processos fonológicos.

Esses processos resultam da influência que um determinado parâmetro sofre do parâmetro correspondente nos sinais vizinhos (SILVA; XAVIER, 2020, p. 56).

Liddell e Johnson (1989) foram um dos primeiros a atestar os processos fonológicos da Língua de Sinais Americana (ASL) como outras línguas faladas. Eles encontram, citam e explicam os processos fonológicos na ASL como epêntese de movimento, apagamento de suspensão, metátese, geminação, assimilação, redução, perseveração e antecipação. Para exemplificar alguns processos fonológicos:

- Apagamento de suspensão: quando usa os sinais realizados isoladamente sempre apresentam uma suspensão final, ou seja, um intervalo de tempo. Veja a figura de *good idea* que Liddell e Johnson (1989) exemplificam e apresentam os sinais *good* (bom) e *idea* (ideia) apresentam uma suspensão final, mas quando usa o sinal antes de *idea* (ideia) sem pausa, o sinal *good* (bom) articula sem suspensão.

Figura 47 – Exemplo de apagamento de suspensão na ASL (GOOD IDEA)



Fonte: Liddell e Johnson (1989).

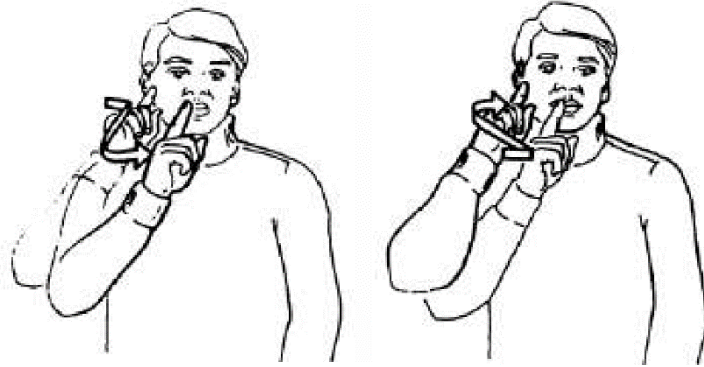
Podemos ver na Figura 30, na primeira imagem, um sinal em ASL e a configuração de mão utilizada. A locação é na boca com movimento do braço em direção ao espaço em frente ao corpo onde é finalizado.

Na imagem seguinte temos o sinal com significado de “ideia” que utiliza conforme vemos outra configuração de mão e a locação é o dedo mínimo na testa com movimento retilíneo para a frente e ligeiramente para cima.

Temos aqui dois sinais, GOOD (BOM, BOA) e IDEIA (IDEIA). Mas quando juntamos ambos, há mudança no movimento. Quando da união de ambos os sinais para dar o significado em inglês de “boa ideia” o sinal GOOD não é realizado separadamente antes do sinal IDEIA. Na produção do significado “good ideia”, o sinal GOOD é produzido com movimento em direção a locação testa e finalizado com o sinal IDEIA.

- Metátese: quando o sinal é produzido, o movimento é contrário. Veja o exemplo:

Figura 48 – Exemplo de metátese na ASL (DEAF)



Fonte: Liddell e Johnson (1989).

Observemos as duas imagens da figura 8. Temos uma configuração de mão que destaca o dedo indicador. Locação do dedo indicador é na orelha com movimento em direção à boca. Este sinal significa DEAF ou SURDO. Pode ser falado também de outro modo, a locação do dedo indicador na boca com movimento em direção à orelha. Percebemos, portanto, a mudança de movimento entre a orelha e a boca. Um sinal é produzido com movimento da orelha para a boca e o outro sinal produzido com movimento contrário.

- Assimilação: Um parâmetro de um sinal torna outro parâmetro semelhante ou igual de outro sinal vizinho. Veja o exemplo:

Figura 49 – Exemplo de assimilação na ASL



Fonte: Liddell e Johnson (1989).

Na Figura 32, a primeira imagem mostra o sinal ME (EU), a configuração de mão que destaca o dedo indicador e a locação é realizada no corpo no meio do peito. Na segunda imagem temos o sinal GULP (ENGOLIR) com uma configuração de mão diferente, em que somente o dedo indicador e o polegar se unem. A locação de tais dedos unidos é realizada no pescoço na altura da garganta.

Entretanto, quando unimos os dois sinais ME e GULP a configuração de mão para ME desaparece e é substituída pela configuração de mão para GULP. A união dos dois sinais significando ME GULP (EU ENGOLIR A SECO) é produzido tendo como locação o corpo, no meio do peito, com a configuração de mão de GULP e com movimento em direção ao pescoço na altura da garganta com a mesma configuração.

Após as considerações apresentadas desses dois autores, na esteira de Hochgesang (s/d) fala sobre 20 processos fonológicos na ASL²¹, em seu site, ele apresenta antecipação, assimilação, soletração cuidadosa, distalização, apagamento de suspensão, perda de oscilação, metátese, neutralização, perseveração, congelamento da mão não-dominante, proximalização, soletração rápida, redução da rotação, sequência única, troca de movimento da mão dominante para a não-dominante, inserção de transição, não realização do contato, acréscimo da mão não-dominante, apagamento da mão não-dominante, abaixamento da mão não-dominante. Os autores Silva e Xavier (2020), com base de Liddell e Johnson (1989) e Hochgesang (s/d), selecionam alguns processos fonológicos na Libras; na análise encontram vários processos e criaram um site²² para apresentar os exemplos de processos fonológicos na Libras.

Pontuamos os principais processos fonológicos. Há muito mais que poderíamos abordar, mas não é meu objetivo trazer todos nessa presente tese. No processo fonológico sempre haverá dois sinais equivalentes que indicarão as assimilações existentes entre eles. Contudo, no próximo tópico nos aprofundaremos em mudanças fonológicas que não são motivadas pelas equivalências ou assimilações, mas sim por outras razões.

²¹ HOCHGESANG, J. A. **SiL examples**. [s/d]. Disponível em: <https://juliehochgesang.wixsite.com/sillx/phonology>. Acesso em: 17 ago. 2020.

²² SILVA, A. R.; XAVIER, A. Estudos linguísticos. **Homepage**. Disponível em: <https://trabalhoufpr2017.wixsite.com/estudos/about-us>. Acesso em: 17 ago. 2020.

2.2.2 MUDANÇAS FONOLÓGICAS

A mudança fonológica em alguns processos fonológicos nas línguas de sinais, ocorre quando um sinal tem como alteração um dos parâmetros. Veja um exemplo que ilustra a mudança de um sinal:

Figura 50 – O processo de mudança de um sinal: E-MAIL



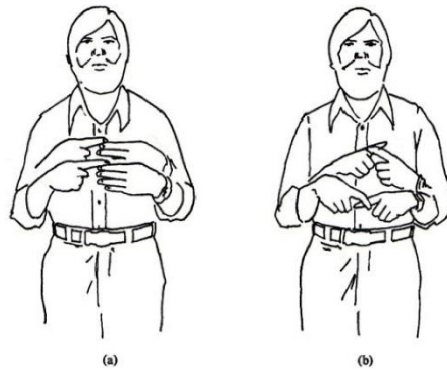
Fonte: Diniz (2010, p. 47).

Observe que na figura acima, na primeira imagem o sinal para e-mail era feito com a configuração de uma das mãos na letra M e da outra mão na letra E, e ambas as mãos se localizavam em um espaço neutro em frente ao corpo, sem movimento, já na segunda imagem apesar da configuração de mão se manter a mesma, já é possível notar uma mudança no parâmetro de localização do sinal, onde as mãos não mais distantes, estão próximas uma da outra quase como se tocando, para então chegarmos na mudança atual do sinal mais convencional para e-mail, ilustrado na terceira imagem, onde a localização se manteve, mas houve uma mudança no parâmetro de configuração de mão e a adição de um movimento.

Frishberg (1975) aborda a mudança histórica linguística na ASL. Ele nos traz o que em suas pesquisas encontrou, as tendências das mudanças: a) simetria em sinais que envolvem duas mãos; b) o deslocamento dos sinais no espaço da sinalização; c) a passagem do conteúdo lexical do corpo para as mãos; d) a transformação de sinais múltiplos em sinais unitários; e) a preservação morfológica de sinais. Apresentam-se nos processos fonológicos diferenças devido a sinais equivalentes. No processo um sinal é alterado devido ao outro. Mas, há mudanças fonológicas não motivadas por outro sinal equivalente, mas sim internamente, no próprio sinal:

a) simetria: os sinais que envolvem duas mãos, podem assumir várias formas, principalmente no desenvolvimento em dois parâmetros, formato da mão e movimento. Por exemplo, um sinal com duas mãos com CM diferentes. Quando da produção do sinal, um dos parâmetros assimila o outro parâmetro, para ficar igual. Vejamos um exemplo na Figura 34:

Figura 51 – Simetria da configuração da mão, conforme ilustrado por DEPEND:
(a) forma antiga, (b) forma moderna



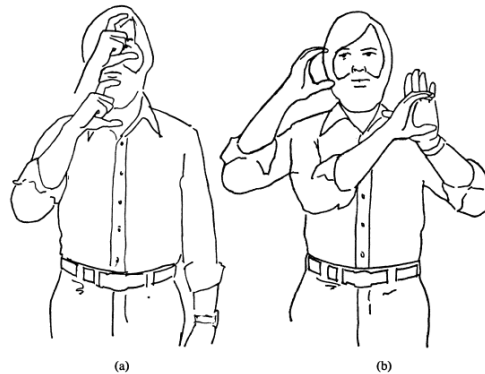
Fonte: Frishberg (1975, p. 701).

Como pode ser visto na Figura 33, na primeira imagem temos o sinal produzido com duas mãos, cada uma com uma configuração diferente, mas com os demais parâmetros iguais. Com o tempo, uma das mãos assimila a mesma configuração da outra, ocorrendo a simetria.

- b) Deslocamento: as mudanças no parâmetro de localização dos sinais. Há duas formas de deslocamento: i) deslocamento do sinal antes realizado na altura cabeça, ou sinais produzidos em contato com rosto, podem vir a ser produzidos de duas formas, ocorrendo mudanças para as duas mãos ou para uma mão. Os sinais bimanuais feitos na face que, com o passar do tempo, podem se tornar monomanuais. A locação que é no rosto se desloca para outro ponto; ii) deslocamento do corpo, no caso de sinais produzidos abaixo do pescoço. Esses podem ser com uma mão ou duas; e também mudança de locação.

Vejamos um dos exemplos na Figura 35:

Figura 52 – Deslocamento da cabeça, conforme ilustrado por FOTO /FOTOGRAFIA:
 (a) forma antiga, apenas a primeira parte do composto; (b) forma moderna, segunda
 parte dos compostos idênticos em ambas as fases

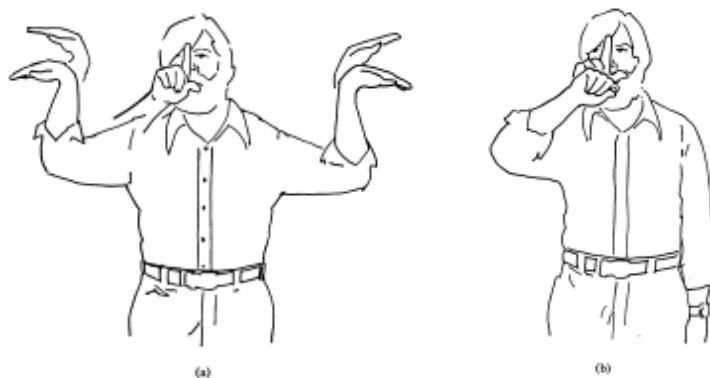


Fonte: Frishberg (1975, p. 704).

Na Figura 35, na primeira imagem vemos o sinal produzido com uma configuração de mão. O sinal é realizado na locação do rosto, primeiro na testa e com movimento direcionando para o queixo. No processo de mudanças fonológicas, houve a mudança da configuração de mão que já pode ser vista na segunda imagem. A locação que antes era no rosto (testa e queixo) mudou, passando a ser no espaço em frente e ao lado da cabeça, ou seja, fora do rosto, com movimento em direção a palma da outra mão.

- c) assimilação e fluidez: a mudança dos sinais compostos para os sinais unitários, vejamos um dos exemplos:

Figura 53 – Assimilação e fluidez, uma parte de um sinal composto é frequentemente excluída, conforme ilustrado em BIRD: (a) forma antiga; (b) moderno

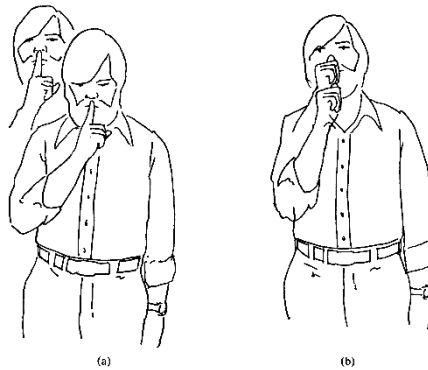


Fonte: Frishberg (1975, p. 709).

Podemos notar, na figura acima, que na primeira imagem o sinal em ASL para BIRD (PÁSSARO). É um sinal composto pois utiliza dois sinais para um único significado. Há uma assimilação resultando em uma redução na produção do sinal.

- d) transposição: a transição dos gestos icônicos e pantomímicos em direção a signos arbitrários, como por exemplo, os sinais que anteriormente exigiam o uso de movimento corporal, expressão facial, ou contato ambiental são transpostos para as mãos, por um sinal. Vejamos um exemplo:

Figura 54 – O movimento da cabeça torna-se movimento da mão, conforme ilustrado pelo PACIENT: (a) forma antiga, cabeça inclinada para baixo; (b) forma moderna, movimento da mão para baixo



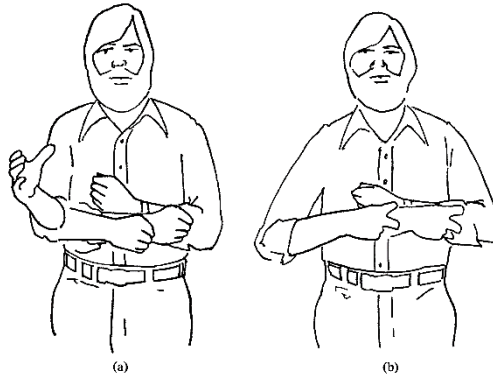
Fonte: Frishberg (1975, p. 712).

Ao ver com atenção a primeira imagem da Figura 37, vemos o uso dos parâmetros de movimento e expressão não manual. O sinal em ASL para PATIENT (PACIENTE) usa uma configuração de mão tendo o dedo indicador na locação em frente a boca tocando os lábios. Simultaneamente, há o movimento da cabeça que está com a direção do olhar para cima se movimentando para frente e para baixo.

Vemos a mudança com assimilação de outro sinal, com outra configuração de mão tendo o dedo polegar na locação na testa e com movimento para baixo em direção ao queixo seguindo a linha do nariz.

- e) Preservação morfológica dos sinais: a mudança de alguma CM pantomímica para uma CM convencional. Vejamos um exemplo:

Figura 55 – Mudança na forma da mão com motivação morfológica, conforme ilustrado por STEAL: (a) forma antiga, movimento de apreensão de toda a mão; (b) forma moderna, usando dois dedos



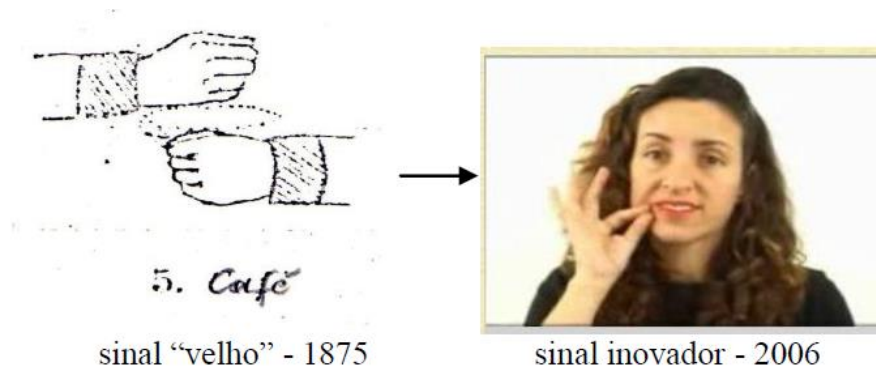
Fonte: Frishberg (1975, p. 712).

Na ASL, o sinal para STEAL (ROUBAR), conforme vemos na primeira imagem acima, demonstra o roubo de um relógio, o ato de alguém pegar o relógio que está no pulso e arrancá-lo. Na mudança de um sinal para outro, há uma mudança do parâmetro configuração de mãos, conforme observado na segunda imagem, mantendo os demais parâmetros iguais. Sinal com o mesmo significado que o anterior que é STEAL (ROUBAR).

2.2.3 MUDANÇAS LEXICAIS

Para Faraco (2005), a mudança lexical é mudar de uma forma antiga por uma nova forma, o mesmo significado. Por exemplo a palavra antiga “coitar” e a palavra atual “machucar” representam um caso de mudança lexical. Diniz (2010, p. 43) analisa e encontra algumas mudanças lexicais da Libras, veja um exemplo:

Figura 56 – Mudança lexical relacionada ao conceito “café” na Libras



Fonte: Diniz (2010, p. 43).

Vemos acima na primeira imagem o sinal CAFÉ, antigamente utilizado em toda a Europa e na ASL, e em outros lugares. As duas mãos com a mesma configuração com movimento simulando a moagem do café, portanto um sinal icônico. Hoje, na Libras, o sinal é realizado com uma mão apenas conforme a segunda imagem e com outra configuração de mão.

Ao compararmos os sinais, vemos que eles são totalmente diferentes. A mudança lexical que aconteceu nesse caso é bem diferente das demais, resultando em um sinal completamente diferente do antigo. O novo sinal também icônico simula o ato de beber café.

Conforme vimos no presente trabalho, em cada um dos parâmetros fonológicos apresentados há diferenças em suas características. Também explanamos sobre os processos fonológicos que podem levar a mudanças dos sinais equivalentes ou próximos. Mostramos casos de mudanças fonológicas em que o mesmo sinal não é motivado por sinais equivalentes ou próximos. Em seguida, mostramos as mudanças lexicais, com sinais totalmente diferentes um do outro.

Ao trazer todos esses aspectos embasados teoricamente, podemos ver que os sinais podem sofrer mudanças fonológicas ou mudanças lexicais. No que diz respeito a esta pesquisa podemos mostrar que os sinais que recebem influência de emblemas passam em sua maioria

por mudanças fonológicas somente, processo que será aprofundado e exemplificado na seção de análise.

2.3 ESTUDO DE SOCIOLINGÜÍSTICOS SOBRE AS LÍNGUAS DE SINAIS

Estudos na área da sociolinguística trazem o desenvolvimento histórico, principalmente, quanto a pessoa de William Labov. Ele é amplamente considerado o fundador da sociolinguística até os tempos atuais. Essa área de estudos é ampla e subdividida em vários campos, tendo como objeto de estudos a língua e seu uso.

Na sociolinguística, estudam-se os processos de variação e mudança linguística relacionados aos processos sociohistóricos de comunidades de fala. Os inúmeros trabalhos nessa área mostram como as línguas mudam com o tempo e quais os fatores linguísticos e extralinguísticos se correlacionam a essas mudanças. Embora a sociolinguística tenha se desenvolvido a partir dos estudos de línguas orais, encontramos contribuições importantes dessa área para os estudos das línguas de sinais. Tal olhar sociolinguístico sobre as línguas de sinais torna possível perceber que nelas há também variação, interferência nas línguas de contato, enfim, o mesmo que acontece nas línguas orais.

No seu trabalho pioneiro, William C. Stokoe publicou, além de *Estrutura da Língua de Sinais* (1960), o *Dicionário de Língua de Sinais Americana sobre Princípios Linguísticos* (1965), em coautoria com Casterline e Croneberg. Esta obra é uma das primeiras a apontar que a ASL, como outras línguas, tem variação. Os autores realizaram o estudo e coletaram os sinais em cinco estados do nordeste dos Estados Unidos. Como resultado, mostraram que a ASL apresenta variação de itens lexicais na Virgínia e Carolina do Norte, Maine Vermont e New Hampshire. Assim, foi um começo de reconhecimento que as línguas de sinais variam como outras línguas.

Posteriormente, outros linguistas começam investigações sobre variação e mudanças linguísticas em língua de sinais. No Brasil, a Lucinda Ferreira Brito foi uma das primeiras a apresentar que a Língua dos Sinais dos Centros Urbanos Brasileiros (LSCB), que atualmente chamamos de Libras, apresentava variação, que fora atestada em alguns trabalhos de sociolinguística da Libras que relacionam a variação a diferentes fatores sociais.

Xavier (2019) elabora um panorama dos estudos sociolinguísticos realizados sobre diferentes línguas de sinais e alguns trabalhos de sociolinguísticas da Libras, com o objetivo de sugerir e motivar investigações futuras sobre o tema. O autor sumariza os trabalhos que tratam

da variação das línguas de sinais e Libras, fazendo uma revisão de alguns mecanismos que motivam a variação sociolinguística das línguas de sinais.

Schembri e Johnston (2012) mostraram os motivos das variações nas Línguas de Sinais são por três fatores: linguísticos, sociais e estilísticos. Os fatores linguísticos dizem respeito a processos internos como fonológico, morfossintático e discursivo. Os fatores sociais estão relacionados à idade, região, gênero, etnia, classe social, etc. E os fatores estilísticos vinculam os tópicos, as situações, os interlocutores na motivação da variação de registros como formal e informal.

As línguas de sinais também podem variar por outros fatores, como o contato linguístico com as línguas orais majoritárias, seja na forma escrita e também oral.

Boudreault e Mayberry (2006) mostram outro fator que também interfere na variação em línguas de sinais: as crianças surdas nascidas em famílias ouvintes (não comunicam em línguas de sinais), adquirem uma língua de sinais de forma tardia. Assim, elas apresentam diferenças gramaticais em comparação com crianças surdas nativas das línguas de sinais.

Adam (2012) apresenta outro fator que pode estar relacionado à variação nas línguas de sinais. Quando há contato linguístico entre línguas de sinais e línguas orais há efeitos, como a emergência de fenômenos como *pidgins*, bilinguismo, sistemas artificiais de sinalização, línguas de sinais de contato, alternância, mistura e sobreposição de códigos, empréstimos linguísticos, soletração manual e oralização. São observados também pelo autor casos de alternância de códigos (*code-switching*), mistura de códigos (*code-mixing*) e a sobreposição de códigos (*code-blending*): surdos sinalizam usando vocabulários e ou a gramática da língua oral durante de produção de língua de sinais.

Para Stokoe (1969), a influência do inglês oral sobre a ASL é uma forma de diglossia. Para Woodward (1973) trata-se de um *continuum*, que parte inglês sobre ASL, a variedade de língua de sinais, chamado de inglês sinalizado *pidgin*, que os surdos sinalizando os sinais seguindo a gramática e ordem das palavras de inglês escrito e oral, e a correlação direta entre palavra e sinal. Lucas e Valli (1992), por sua vez, chamam de língua de sinais de contato a variedade que manifesta elementos da língua de sinais e da língua oral conjuntamente.

Johnston e Schembri (2007, p. 42) diferenciam os efeitos de contato quando há contato entre línguas de sinais e língua orais são língua de sinais natural, língua de sinais de contato e código manual. Língua de sinais natural, que emerge naturalmente nas comunidades surdas; o nível lexical, a forma tem sinais e soletração manual com ou sem oralizações, os significados próprios da língua de sinais; Nível morfológico, tem modificações e expressões não-manuais; e nível sintático, sua ordem própria da língua de sinais, espaço e expressões não-manuais.

Língua de sinais de contato, o nível lexical, a forma tem sinais e soletração manual com ou sem oralizações, o significado idiossincrático da língua de sinais e da língua oral; nível morfológico, modificações de sinais reduzidas, terminações da língua oral e poucas expressões não-manuais; e nível sintático, versão simplificada da ordem da língua oral, uso reduzido do espaço e das expressões não-manuais. Código manual, o nível lexical, as formas têm alguns sinais de uma língua de sinais, alguns sinais inventados, língua oral; o significado as vezes em conflito com a língua de sinais; o nível, soletração para sufixos da língua oral e sinais artificiais para palavras gramaticais; e o nível sintático igual língua oral.

Além disso, há outro efeito de contato entre línguas de sinais e línguas orais como empréstimo linguístico. Segundo Adam (2012), normalmente quando há contato das línguas ocorrem alguns empréstimos linguísticos como todas as línguas, como surdos fazem sinais de outra língua para fazer referência ao conceito determinado na sua primeira língua. Para McKee (2007), outros mecanismos de empréstimo linguísticos das línguas de sinais: (i) soletração manual²³: representação da forma gráfica de palavras de uma língua oral através de alfabeto manual; (ii) inicialização: utiliza uma configuração de mão (categoria de alfabeto manual) correspondente à primeira letra da palavra equivalente em língua oral para realização (criação) de um sinal; (iii) oralização, produção oralizada das palavras da língua oral, com ou sem emissão de som durante de produção de sinais; e (iv) calques ou como tradução literal, como uma forma de empréstimo as línguas orais nas línguas de sinais.

A variação fonológica nas línguas de sinais está relacionada aos cinco parâmetros já descritos que atuam na composição do léxico dessas línguas: configuração da mão (disposições dos dedos), localização (pontos de articulação), movimento (forma e contornos da (s) mão (s), orientação da palma da mão e expressões não manuais.

A variação lexical diz respeito a existência de diferentes itens lexicais (sinais) ou realização diferente tendo em vista os parâmetros fonológicos, mas que preservam o mesmo significado. As pesquisas de Schembri e Johnston (2012), Lucas, Bayley e Valli (2001), McKee e Major (2011), entre outros, mostram que fatores sociais como região, o gênero, a etnia, a idade, o sexo e a religião atuam no condicionamento da variação lexical em línguas de sinais.

Ainda são escassos os estudos da sociolinguística das línguas de sinais em relação à variação morfossintática. Schembri e Johnston (2012), Lucas, Bayler e Valli (2001) mostram semelhanças entre as línguas de sinais relacionadas a fenômenos linguísticos como omissão do sujeito, correferência com o sujeito da sentença anterior e o uso da troca de papéis (*role shift*).

²³ Existe uma discussão entre linguistas e surdos em relação ao estatuto da soletração manual. Alguns defendem que não é língua de sinais, é da língua oral e vice-versa.

Estudos sobre a variação discursiva também ainda são escassos. Schembri e Johnston (2012) e Zimmer (1989) investigam a variação do registro na ASL e mostram que há variação de discurso nos diferentes registros como dar aula, fazer apresentação e entrevista, ligado a situações mais ou menos formais.

Nos estudos da sociolinguística da Libras, Xavier (2019) realizou o levantamento do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e encontrou setes trabalhos, duas teses e cinco dissertações. Temoteo (2008) identificou variantes cearenses da Libras, como variantes fonológicas e lexicais, entre os sinais do dicionário de Capovilla e Raphael (2011), que é baseado na variedade da Libras usada na cidade de São Paulo. Andrade (2013) objetivando investigar a variação em parâmetros fonológicos da Libras tendo em vista fatores sociais como sexo, idade e origem, identificou a variação na configuração de mão, na localização, no movimento, na orientação da palma e no número de mãos. Seus resultados mostram que há correlação entre fatores sociais e a variação no número de mãos e na localização. Schmitt (2013), em pesquisa cujo objetivo é analisar as mudanças diacrônicas da Libras usada em Santa Catarina, afirma que o resultado da mudança diacrônica é variação na configuração de mão e lexical. Espíndola (2018) analisou a variação fonológica nas duas capitais de Porto Velho-RO e Rio Branco-AC e encontrou principalmente, maioria é na variação fonológica que manifestou na configuração de mãos, no movimento e no número de mãos e também pouco na variação lexical. Dantas (2018) investigou a variação em Rio de Janeiro-RJ e Macaé-RJ e encontrou variantes fonológicas e lexicais. Oliveira (2017) estuda variação fonética na Libras relacionada à orientação sexual e afirma que a variação fonética dos surdos *gay* foi percebida mais afeminada que os heterossexuais. Silva (2013) investigou indicadores de formalidade na Libras e a variação fonético-fonológica como a variação estilística. Na comparação entre edital sinalizado e as situações informais de comunicação, seus resultados mostram que há variação de uso de espaço, velocidade, omissões da mão não-dominante e poucas expressões faciais e movimentos corporais.

Os vários efeitos do contato linguístico que as línguas de sinais passam e ainda estão passando, comprovam que as línguas de sinais são constituídas de heterogeneidade como todas as línguas.

Em relação às línguas em contato, Tarallo e Alkmin (1987) afirmam que: “É nas comunidades de fala ou entre elas que se concretizam diversos tipos de contato, os quais produzem, por sua vez, fenômenos de mescla ou de convivência/coexistência, mecanismo esse ativado pelos indivíduos que integram tais comunidades” (TARALLO; ALKMIN, 1987, p. 9).

Nascimento (2010), por sua vez, destaca que:

Em um mundo globalizado, como o presente, a interação entre os povos tem se intensificado – relações comerciais, políticas e culturais estão em crescente expansão e tais relações promovem contato entre diferentes línguas. Sabe-se que a maioria dos países não é monolíngue, mas marcada pelo bilinguismo ou plurilinguismo (NASCIMENTO, 2010, p. 51).

No Brasil, por exemplo, essa situação de contato linguístico e multilinguismo pode ser percebida no caso dos povos indígenas, africanos, imigrantes e até mesmo os surdos, usuários de línguas de sinais como a Libras. Em todos esses casos, todavia, as línguas desses grupos são vistas, assim como sua cultura, são vistos, de uma perspectiva hegemônica, como mais fracos. Isso porque a Língua Portuguesa tem um estatuto de língua oficial e representa o lado mais forte, na economia, na política, na educação, etc. como sendo língua de prestígio.

Considerando, entretanto, o contexto multilíngue do Brasil e baseado nas teorias sobre línguas em contato, podemos assumir que Libras é originada na situação de contato com outras línguas, principalmente Língua Portuguesa oral e entre outras línguas orais e de sinais usadas no Brasil.

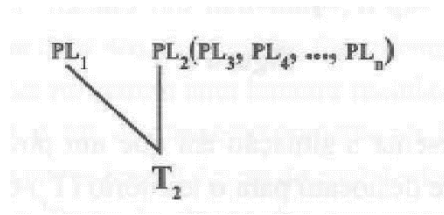
Na maioria das pesquisas de linguística de línguas de sinais, os pesquisadores chamam atenção para o fato de que as línguas não são “puras”, mas sim têm algo misturado, resultado de contato linguístico, empréstimo e etc.

Supalla (2008), afirma que “[a]spectos sociolinguísticos das LS têm sido negligenciados em razão de uma alusão a sua natureza “impura”, devido, principalmente, ao contato com as línguas orais”. Todavia, todas as pesquisas de sociolinguística, principalmente sobre contato e emergência de *pidgins* e crioulos, afirmam que não existe língua pura.

Couto (2009, p. 52) uma das 4 situações de contato, quando é o povo “mais forte” (PL₁) que se desloca para o território (T₂) do povo “mais fraco” (PL₂). Veja na Figura 40 em baixo. Ainda que a proposta de Couto leve em conta o deslocamento de populações em diferentes espaços geográficos, podemos buscar um ponto de similaridade entre a realidade apresentada por Couto (2009), na Figura 40, com a realidade da Comunidade Surda, na medida em que o português e povo ouvinte são “mais forte” e os surdos e Libras como “mais fraco”.

Figura 57 – Situação de contato

Fonte: Couto (2009).



Conforme observamos no gráfico acima, e também pelo que Couto traz, podemos fazer uma reflexão acerca da Libras e da Língua Portuguesa no território brasileiro, apesar de se tratar de uma realidade diferente da discutida por Couto como da colonização, e essa discussão não ser o objetivo da pesquisa, ainda assim podemos fazer um paralelo ao pensarmos que os surdos brasileiros acabam por ser um grupo minoritário em número e as discussões políticas e educacionais acabam priorizando a Língua Portuguesa. Como a Libras é usada por uma pequena minoria, existe um ponto de dificuldade, uma limitação imposta pela língua da maioria quando há falta de oportunidade, falta de acessibilidade, falha na educação, isso não quer dizer que a Língua Portuguesa tende a suplantar a Libras, ou mesmo que a Libras irá desaparecer, mas que essa relação é posta. Hoje a comunidade surda tem leis que respaldam a língua de sinais, mas ainda assim é algo que precisamos refletir constantemente e ficarmos atentos.

Podemos, como base nessas pesquisas, discutir a emergência das línguas de sinais e da Libras, em particular, no Brasil. Todavia, uma diferença fundamental se dá em relação ao contato entre línguas orais e entre línguas orais e línguas de sinais. É importante lembrar que Libras, assim como todas as línguas de sinais, não tem um território próprio, estando definitivamente a emergir e existir num território em que a língua oral é majoritária. Nesse sentido, Couto (2005), reflete que,

Por fim, temos o caso das línguas de sinais (gestuais) dos surdos. Seja lá como tenha sido sua gênese, elas são línguas naturais. São manifestação da capacidade humana para a linguagem, além de serem usadas como L1 por uma parcela considerável de indivíduos. No entanto, às vezes se alega que não seriam línguas prototípicas, pois não se enquadrariam perfeitamente na EFL. Faltar-lhes-ia um T próprio. Os indivíduos surdos (P) se dispersariam pelo território da língua dos ouvintes (COUTO, 2005, p. 199).

Mottez (1993), por sua vez, afirma que os clubes, como Associações de Surdos, são como territórios. Aqui, no Brasil, por exemplo, surdos vão a vários lugares para ter contato com surdos, como associações de surdos, escolas de surdos, pontos de encontros de surdos, nas casas

de amigos surdos e entre outros. Atualmente, com o avanço da tecnologia, os surdos têm contato através de redes sociais como *FaceBook*, *Instagram*, entre outros.

Embora muitos surdos vivam parcialmente isolados (no interior ou porque vivem em família de ouvintes que não sinalizam), mesmo os surdos que têm contato com outros surdos, esse contato pode não ser diário, estando circunscrito a dias, lugares e horários predeterminados.

Por isso, podemos dizer que os surdos se dispersam pelo território da Língua Portuguesa dos ouvintes, comunidade maior a que pertencem. Assim, dizemos que a Libras é uma língua que tem povo e não tem território próprio como Língua Portuguesa. Nesse contexto, os surdos são uma minoria cultural e linguística, em comparação aos ouvintes, usuários da Língua Portuguesa oral.

A situação de contato intenso entre a Libras e a Língua Portuguesa, seja em ambientes de educação, trabalho, família, não pode se dar sem que haja influência. Thomason e Kauffman (1988, p. 3) afirmam que "[i]nfluências externas tanto na gramática quanto no léxico ocorreram (e ocorrem) provavelmente na história da maioria das línguas.

Assim, tal contato sempre tem consequências, chamadas de efeitos linguísticos do contato linguístico. Os efeitos linguísticos do contato de língua correspondem a fenômenos linguísticos que vão de empréstimos até mistura de línguas.

- *Empréstimos linguísticos*, como primeira consequência do contato de línguas, quando há contato, uma língua que empresta algumas palavras e gramáticas para outra língua. Segundo Thomason e Kaufman (1988, p. 21): "incorporação de elementos estrangeiros na língua nativa dos falantes".
- *Interferência*: quando uma pessoa bilíngue usa uma língua, mas durante conversação, usa algumas palavras, estrutura gramatical da outra língua. Thomason e Kaufman (1988, p. 21): as estruturas da língua nativa influenciam a segunda língua. "Transferência de estrutura gramatical de uma língua para outra (marcação de plural, regras de concordância)" (POPLACK, 1993, p. 256).
- Língua *pidgin*: língua que emerge em contextos multilíngues, quando não há línguas em comum. Carvalho (1989, p. 46) diz que não é língua materna de nenhum grupo, bastante simplificada na sua estrutura, usada na intercompreensão de comunidades linguísticas diferentes. Couto (2009, p. 104) apresentou as principais características que têm sido atribuídas aos *pidgins*: (i) são meios de comunicação que resultam do contato de línguas mutuamente ininteligíveis; (ii) não têm falantes nativos; (iii) são usadas para necessidades comunicativas

mínimas; (iv) não são inteligíveis com a língua doadora; (v) são simplificados, ou reduzidos morfosintática e lexicalmente, em relação às línguas doadoras; (vi) recebem a maior parte de seu vocabulário da língua dominante; (vii) podem conter frases feitas, sobretudo da língua superstrato; (viii) podem evoluir de um jargão ou pidgin instável para uma forma estabilizada e, até mesmo, expandir-se; outra alternativa seria crioular-se a partir de qualquer uma dessas fases; o pidgin seria um pré-crioulo potencial; geralmente não tem uma comunidade própria.

- *Crioulo*: Segundo Carvalho (1989, p. 46), é o resultado da adoção do *pidgin*, transformado em língua materna. Para Couto (2009, p. 106), a língua crioula não é necessariamente uma continuação de um *pidgin* prévio. Uma das suas principais características do crioulo é que ele resulta do contato de povos de línguas mutuamente ininteligíveis durante o período de colonização da África, Ásia e América pelas potências europeias, passaram a conviver em um território comum, frequentemente em ilhas ou em fortes costeiros. É importante lembrar sempre que o conceito de línguas crioulas é sempre discutido, vários linguistas têm suas próprias visões e conceitos diferentes. Couto (2005) afirma que alguns especialistas dessa área consideram que há crioulação quando um grupo de crianças adquire um *pidgin* ou jargão inicial como nativa. Outros acham que se tem um crioulo sempre que esse *pidgin*/jargão inicial passa a ser a língua principal de uma comunidade.
- *Code-Switching*: Poplack (1993, p. 255): a justaposição de sentenças ou fragmentos de sentenças, cada qual internamente consistentes com as regras morfológicas e sintáticas (e opcionalmente fonológicas) da língua de onde provêm.

Podemos argumentar que a Libras também evoluiu dessas situações de contato. Os surdos brasileiros, com sua língua, Libras, no território do Brasil, as convivências, as realidades acontecem naturalmente, eles se apresentam bilíngues. Todos surdos brasileiros têm contato com ouvintes nos vários ambientes como família, trabalho, escola, e entre tudo o que tem no Brasil.

O objetivo desta tese não é discutir se Libras se originou dessas situações de *pidgin* ou crioulo, mas, para nós, é importante destacar que vários tipos de contato linguísticos, inclusive,

entre surdos e ouvintes, não podem ser descartados neste estudo que investiga a emergência do léxico.

É fato que os surdos brasileiros, como minoria linguística, têm contato com a Língua Portuguesa oral majoritária do Brasil. É impossível não terem contato. Quando ocorre tal contato, como apontam estudos sobre outras línguas de sinais, tem várias consequências que alteram, muda muito a Libras em todos os níveis linguísticos como lexical, morfológico, sintático e seus significados.

Conforme as pesquisas sobre contato linguístico nas línguas de sinais, (SCHEMBRI; JOHNSTON, 2007, 2012; BOUDREAULT; MAYBERRY, 2006; ADAM, 2012; STOKOE, 1969; WOODWARD, 1973; LUCAS; VALLI, 1992; McKEE, 2007) como consequências do contato linguístico, nas línguas de sinais emergem fenômenos como bilinguismo, sistemas artificiais de sinalização, língua de sinais de contato, alternância, mistura, sobreposição de código, empréstimos linguísticos, soletração manual, oralização, tipo de aquisição da linguagem, diglossia, *continuum*, códigos manuais, sistemas artificiais e entre outros.

Esses fenômenos mostram que o uso de línguas de sinais dos surdos apresenta o bilinguismo como sua característica pois sempre envolve línguas orais. Podemos dizer que as comunidades surdas apresentam bilinguismo, cada surdo apresenta diferentes graus de bilinguismo entre Língua Portuguesa e Libras.

Lucas e Valli (1992) sistematizaram e classificaram os tipos de bilinguismo dos surdos e Nascimento (2010) adaptou para surdos brasileiros a relação entre surdos e ouvintes com bilinguismo da Libras e Língua Portuguesa:

- surdos bilíngues com ouvintes bilíngues;
- surdos bilíngues com surdos bilíngues;
- surdo bilíngues com ouvintes monolíngues em português;
- ouvintes bilíngues com surdos que têm o português sinalizado;
- surdos bilíngues com surdos que têm o português sinalizado;
- surdos com português sinalizado com ouvintes monolíngues em LP;
- surdos com português sinalizado com ouvintes bilíngues;
- surdos com português sinalizado com surdos monolíngues em LSB;
- surdos bilíngues com surdos monolíngues em LSB;
- surdos monolíngues com ouvintes bilíngues;
- surdos monolíngues com ouvintes monolíngues.

Todos esses tipos de bilinguismo dos surdos e ouvintes se relacionam ao contato que se dá em vários tipos de ambientes, em que tanto a libras como a Língua Portuguesa alteram suas formas.

Nessa situação, os surdos brasileiros, na comunidade Surda, o contato pode ocorrer entre algumas línguas de sinais e uma língua oral ou mais. Eles exibem bilinguismo, cada um surdo apresenta graus variáveis de bilinguismo na língua de sinais e língua oral/escrita. É fundamental saber que a Libras sofre influência da Língua Portuguesa, pois sempre tem empréstimos, que ocorrem entre línguas orais e também entre outras línguas de sinais.

Os efeitos do contato linguístico e bilinguismo na comunidade surda, entre línguas de sinais e línguas orais/escrita, são:

- *code-Switching*, na mesma sentença há duas ou mais línguas diferentes, também durante conversação de pessoas bilíngues que alternam de uma língua para outra, como, por exemplo, uma pessoa usa Libras, em determinado momento, começa na língua oral; surdo para de falar em Libras, e começa a falar em português e vice-versa;
- *code-Blending*, o efeito do contato entre língua de sinais e língua oral, suas propriedades únicas devido às duas modalidades, como por exemplo português sinalizado, que produção simultânea de elementos das duas línguas ao mesmo tempo, na forma de sinais que representa a gramática da língua portuguesa. Por exemplo, ao perguntar o nome de alguém, em Libras, seria: VOCE NOME? Ou: NOME? Mas acontece o code-blending ao sinalizar: QUAL É SEU NOME?;
- *empréstimo lexical* ocorre quando falantes em contato com uma outra língua dominante percebe uma falta ou a necessidade de fazer referência a conceitos novos e estrangeiros na sua primeira língua: resultado é a expansão do léxico ou a criação de palavras que podem substituir as existentes;
- *datilologia*, é o uso de um conjunto de símbolos manuais que representam letras numa língua escrita. Battison (1978) que escreveu o primeiro grande trabalho sobre empréstimo lexical de inglês na ASL: o modo como as palavras soletradas (datilologia) é reestruturado e emprestadas não se difere em nada dos empréstimos que ocorrem em línguas oralizadas;

- *mouthing*, expressa, articula os lábios, ou seja, gestos bucais, como com ou sem som, oraliza as palavras da língua oral, pode ou não coocorrer com sinais. Um dos exemplos o sinal de AMOR é o mesmo sinal de GOSTAR, assim, pode ocorrer uso de *mouthing*, oraliza a palavra irmão ou irmã;
- *contato entre línguas de sinais*, os sinais da língua nativa são emprestados de outras línguas de sinais trazidas por outros surdos estrangeiros. Valli e Lucas (1992) explanam que o contato entre duas LS resulta não apenas em empréstimos lexicais mas também *code-switching*, *foreigner talk*, interferência assim como *pidgins*, crioulos e sistemas mistos;
- *extinção ou desgaste linguístico*, é fato que a morte de uma ou mais línguas está associada muitas vezes a um contexto de bilinguismo. Todavia, ainda que se acredite que empréstimos, inovações (mudança) linguísticas e contato linguístico constituam uma ameaça à determinada língua, nenhuma dessas situações põem em risco qualquer língua. Uma língua só morre quando morrem seus falantes ou se por algum fator sócio-histórico esses sejam impedidos ou deixem com o tempo de usar sua língua nativa (substituição de uma língua por outra, num processo de aculturação). Um dos exemplos, Libras está sempre ameaçada pelo português brasileiro, principalmente em relação à educação inclusiva ou entre outros, de crianças surdas.

Xavier (2019) sintetiza, no Quadro 2, a análise de Johnston e Schembri (2007, p. 42) sobre os diferentes fenômenos – em comunidades surdas, indivíduos, surdos bilíngues – que se envolvem com línguas orais – nas formas de sinalização das línguas de sinais:

Quadro 8 – Diferenças entre língua de sinais natural, língua de sinais de contato e código manual

Nível		Língua de sinais natural	Língua de sinais de contato	Código manual
Lexical	Forma	Sinais e soletração manual com ou sem oralizações	Sinais e soletração manual como ou sem oralizações	Alguns sinais de uma língua de sinais, alguns sinais inventados, língua oral
	Significado	Próprio da língua de sinais	Da língua de sinais, da língua oral, idiossincrático	As vezes em conflito com a língua de sinais
Morfológico		Modificações de sinais e expressões não-manuais	Modificações de sinais reduzidas, terminações da língua oral e poucas expressões não-manuais	Soletração para sufixos da língua oral e sinais artificiais para palavras gramaticais
Sintático		Ordem própria da língua de sinais, uso do espaço e das expressões não manuais	Versão simplificada da ordem da língua oral, uso reduzido do espaço e das expressões não-manuais	Língua oral

Fonte: reproduzido de Xavier (2019, p. 51).

Tais formas de sinalização apresentam os processos quando há envolvimento com línguas orais e línguas de sinais. Como os surdos brasileiros usam Libras? É claro que estão usando todas as formas de sinalização da Libras como língua de sinais natural, língua de sinais de contato e código natural.

Normalmente, os fenômenos de empréstimos linguísticos ocorrem quando duas línguas distintas estão em contato e algumas palavras de uma língua são introduzidas no vocabulário de outra língua. Esse contato pode se dar por meio físico, cultural, legendas, livros, filmes, relações comerciais e entre outros. Algumas palavras são emprestadas com pouco ou mais intensidade. Thomason e Kaufman (1988) afirmam que há duas pré-condições para que haja empréstimos entre línguas: contato social intenso e falantes bilíngues. Carvalho (1989, p. 48) diz que as causas dos empréstimos podem ser divididas em dois grupos: i) aquelas devidas ao contato interpessoal, à convivência dos falantes; ii) aquelas devidas aos contatos à distância, mediatizados por canais artificiais.

Na França, há controle da entrada de palavras emprestadas, há um forte controle. Também, com respeito a Libras há muitos surdos que buscam controlar, tentam tirar os sinais emprestados das outras línguas, principalmente ASL, acreditam que os empréstimos ameaçam a Libras.

A aceitação ou não dos empréstimos de outras línguas pode estar ligada a questões políticas, culturais, sentimentos nacionalistas ou de identidade com determinado grupo ou comunidade, status social e até por motivos de afinidades pessoais. (NASCIMENTO, 2010, p. 21).

O português tem muitos empréstimos linguísticos das outras línguas como indígenas, africanas, italiana, árabe, alemã, inglesa e entre outras. As palavras do empréstimo podem ou não sofrer alteração na forma original, a maioria sofre algumas adaptações fonológicas.

Podemos entender empréstimo linguístico, quando há cruzamento das línguas distintas, com ou sem afinidade, há algum empréstimo, como uma influência de uma língua sobre outra, como cópia de uma língua para outra língua. Também podem acontecer os empréstimos linguísticos de uma mesma língua como variação de regionais, sociais ou entre outros.

Nascimento (2010) mostrou que existe discussão entre os linguistas sobre o problema quanto ao termo empréstimo, *borrowing*, em inglês, como um termo adequado, há outros termos usados por alguns linguistas como *cópia lexical* (THURSTON, 1987; CROWLEY, 1997), *transferência* (NEWMARK, 1981; AUBERT, 2003), e *importação* (CORREIA; LEMOS, 2005). De acordo com Nascimento, esses autores defendem que o termo empréstimo é inadequado por processo de compartilhamento linguísticos de uma língua para outra língua, porque a palavra 'emprestar', pressupõe uma devolução, o que as realidades nas línguas não ocorrem.

Nascimento (2010) apresenta alguns conceitos de uma literatura sobre empréstimos linguísticos:

Quadro 9 – Conceitos de empréstimos linguísticos

“a adoção de traços linguísticos diversos daqueles pertencentes ao sistema tradicional” (BLOOMFIELD, 1961, p. 37).
“considera os empréstimos como um processo que envolve a reprodução de um modelo, e qualquer tentativa de análise deve levar em conta o padrão original, ou seja, o modelo imitado” (HAUGEN, 1972, p. 82).
“o termo interferência para explicitar o rearranjo dos padrões resultantes da introdução de elementos estrangeiros nos domínios mais estruturados da língua, como no sistema fonético, em grande parte da morfologia e na sintaxe, bem como em algumas áreas do vocabulário” (WEINREICH, 1974, p. 1).
“considera o empréstimo uma consequência do contato entre as línguas” (HERMAN PAUL, 1966, p. 409).

“entende a transferência como a introdução de material textual da Língua Fonte (LF) no texto da Língua Meta (LM)” (NEWMARK, 1981 apud AUBERT, 2003, p. 29).

“o empréstimo normalmente definido como uma cópia pela L1 de um modelo da L2” (MACHABÉE, 1995, p. 49).

“O empréstimo é a incorporação de aspectos estrangeiros na língua nativa de um grupo por um falante dessa língua: a língua nativa é mantida, mas se altera pelo acréscimo dos traços (características) incorporados.” (KAUFMAN, 1988, p. 37).

Fonte: Nascimento (2010).

Todas as línguas em contato incorporam algumas palavras. Segundo Quadros e Karnopp (2004), todas as línguas orais ou de sinais incorporam em seu vocabulário palavras estrangeiras. Adam (2012, p. 842) diz que em contextos sociolinguísticos similares, o efeito do contato entre línguas orais e sinalizadas é igual ao do contato entre línguas orais.

No que diz respeito à Libras, Ferreira-Brito (1995) foi uma das primeiras a apresentar a sistematização de empréstimos linguísticos, citando alguns exemplos de empréstimo linguístico da Língua Portuguesa para Libras e também sinais de outras línguas dos sinais. Posteriormente Faria (2009) apresentou a tipologia de empréstimos linguísticos da Língua Portuguesa para Libras. Nascimento (2010) também estudou os empréstimos linguísticos da Libras. Machado (2016), com base na proposta de Carvalho (1989), analisa os materiais de vídeo-aulas das disciplinas do curso de Letras Libras quanto aos empréstimos linguísticos de diferentes línguas de sinais para Libras.

Ferreira-Brito (2010, p. 21) classificou os tipos de empréstimos linguísticos:

- a) *lexical*: datilologia ou soletração digital, que é utilizado para traduzir nomes próprios, lugares e nomes que não tem sinais na Libras;
- b) *inicialização*: recorre ao alfabeto manual e utiliza a primeira letra da palavra em português para criar um sinal: BRASIL, COMUNICAÇÃO, etc.;

Figura 58 – Sinal BRASIL



Fonte: acervo pessoal do autor.

Figura 59 – Sinal COMUNICAÇÃO



Fonte: acervo pessoal do autor.

- c) *sinais de outras línguas dos sinais*: empréstimos de sinais de outras línguas, exemplo YES, LINGUÍSTICA e etc.;

Figura 60 – Sinal YES



Fonte: acervo pessoal do autor.

Figura 61 – Sinal LINGUISTICA



Fonte: acervo pessoal do autor.

- d) *domínios semânticos*: recorre empréstimo da Língua Portuguesa a partir de noções semânticas, não associadas à forma ou tamanho, como, por exemplo, sinais para cores, que não são tão relevantes na descrição de objetos quanto à forma, tamanho e movimento;
- e) *empréstimos de ordem fonética*: empréstimo de uma representação visual do som que constitui a palavra em português para mostrar como os surdos percebem diferenças semânticas, como, por exemplo, o sinal de PROFESSOR e DOCENTE, que são o mesmo sinal, com diferenciação apenas na expressão bucal (*mouthing*) “PROF” e “DOS”²⁴.

Figura 62 – Sinal PROFESSOR



Fonte: acervo pessoal do autor.

²⁴ Meus exemplos o que sempre uso de Libras.

Figura 63 – Sinal DOCENTE

Fonte: acervo pessoal do autor.

Faria (2009, p. 61-69) traz a tipologia dos empréstimos da Libras e segue a classificação por ela apresentada: *empréstimos datilológicos, por transliteração* como representação de letras de uma língua oral por alfabeto manual de uma língua de sinais; *empréstimos por transliteração pragmática*; uso de alfabeto manual, usados em momentos de interação em que não existe na Libras; *empréstimos por transliteração lexicalizada (semidatilológicos)*; *empréstimos por transliteração da letra inicial*; empresta alguma palavra, à primeira letra da palavra em português como exemplo BRASIL, ALUNO, etc.; *empréstimos da 'configuração' visual dos lábios*; como imitação parcial ou completa da articulação labial das palavras da língua portuguesa; *empréstimos semânticos*; que é a tradução literal de uma palavra emprestada como na expressão puxa-saco, café da manhã na Libras como PUXA-SACO, CAFE-DA-MANHA, que são decalque da palavra da língua portuguesa para Libras; *empréstimos estereotipados*; reprodução da forma de um objeto que pode ser um símbolo gráfico convencionalizado como as formas geométricas, símbolos matemáticos, sinais de pontuação, em Libras, são desenhados no ar, com o dedo indicador na qual se imita o símbolo. *Empréstimos cruzados*, ocorrem com palavras graficamente semelhantes da língua portuguesa, com escritas iguais ou, ao menos, semelhantes, exemplo SATANÁS para SANTANA - marca de carro da Volkswagen, para Libras, os sinais apresentam o mesmo sinal.

Nascimento (2010), com base nas pesquisas de Ferreira (2010) e Faria (2009), analisou e descreveu as consequências do contato entre Língua Portuguesa e Libras, como empréstimos linguísticos da escrita da Língua Portuguesa brasileira para Libras, a origem na escrita da Língua Portuguesa brasileira por meio do alfabeto datilológico da Libras. Nascimento (2010) elabora um quadro dos tipos de empréstimos linguísticos, exibidos no quadro a seguir.

Quadro 10 – Tipos de empréstimos linguísticos

Ferreira-Brito (1995)	Faria (2009)
a) Empréstimos Lexicais	a) Empréstimo por Transliteração <ul style="list-style-type: none"> • Transliteração Pragmática • Transliteração Lexicalizada
b) Inicialização	b) Empréstimo por Transliteração de Letra inicial, Inicialização (<i>inicialized signs</i>)
c) Empréstimos de Itens Lexicais de outras Línguas de Sinais	
d) Empréstimos de Domínio Semântico	
e) Empréstimos de Ordem Fonética	c) Empréstimo da configuração Visual dos Lábios
	d) Empréstimos Semânticos (decalques)
	e) Empréstimos Estereotipados
	f) Empréstimos Cruzados

Fonte: Nascimento (2010, p. 41).

Machado (2016) faz adaptação baseada na proposta de classificação de tipologia dos empréstimos linguísticos para Libras feita por Carvalho (2009). Analisou os dados dos materiais de videoaulas das disciplinas do curso de Letras Libras, encontrou todas as categorias propostas por Carvalho (2009), porém o objetivo da pesquisa dele foi somente escolher duas categorias quanto ao tipo de empréstimos linguísticos das línguas de sinais para Libras: I. *Quanto à origem: íntimo, dialetal e externo* e II. *Segundo a fase de adoção: estrangeirismo, empréstimo e xenismo*. Nesses dados, encontrou sinais emprestados da ASL, LSF e SI.

Os empréstimos linguísticos entre as línguas de sinais acontecem nas interações em congressos, seminários, associações de surdos, pontos de encontros de surdos, redes sociais e entre outros, como por exemplo o sinal americano de YES, LINGUÍSTICA. Também acontecem os empréstimos linguísticos entre as variantes regionais, na Libras. A pesquisa de Machado (2016) encontrou alguns sinais regionais como ALUNO, DISCIPLINA, FELIZ.

Figura 64 – Dois sinais regionais ALUNO

Fonte: acervo pessoal do autor.

Conforme já abordado extensamente, os estudos sociolinguísticos como área científica na pesquisa das línguas orais e nas línguas de sinais mostram que qualquer que seja a língua de contato quando seus elementos se juntam ocorrem efeitos no processo. São diversos, por exemplo, no contato das línguas, sempre acontecem empréstimos que substituem outros signos, seja de uma língua ou outra. Há influências de ambas as línguas e acabam nessa mistura surgindo outras palavras. Esse processo comprova que as línguas são humanas, naturais. Portanto, a pesquisa com inspiração na sociolinguística, conforme lido acima, é que as línguas de contato fazem empréstimos entre si e etc. Mas, nada a respeito dos gestos, nada que indique tais estudos na área da sociolinguística.

O objetivo da pesquisa nesta tese é discutir a presença e sua influência na produção de sinais na Libras. Por isso, dividimos o texto em três subseções: (i) estudos sobre gestos; (ii) estudos fonológicos e (iii) sociolinguística. Com isso, discutimos questões importantes para fomentar nossas análises de como emblemas influenciam a produção do sinal nas línguas de sinais.

3 METODOLOGIA

Para cumprir o objetivo desta tese, qual seja, discutir a influência dos emblemas nos sinais da Libras, a análise de dados diacrônicos é fundamental. O termo usado no texto “influência” apesar de não ser a mais recorrente, pode ter o sentido de “incorporação” ou mesmo de “empréstimo linguístico”, optamos por usar o termo “influência” mesmo, devido ao contexto do tema da pesquisa.

Todavia, como assinala Pfau e Steinbach (2011) e Rodrigues (2020), a ausência de evidências históricas das línguas de sinais dificulta seu estudo diacrônico. Para tentar suprir, portanto, essa escassez de um corpus de sincronias pretéritas, que viabilizariam um estudo diacrônico, nossa proposta foi analisar dados registrados em publicações de outros autores e dados coletados de dicionários de libras publicados no século XX.

Sabemos que as informações contidas nesses dicionários não mostram a completa realidade das vivências dos surdos, mas sendo surdo, tenho como primeira língua, a língua de sinais, então é possível adequar as informações contidas no dicionário com a realidade dos surdos.

Além disso, lançamos mão da consulta a obras especializadas na descrição de emblemas brasileiros, italianos e franceses, de modo a confrontá-los com os sinais presentes nos dicionários.

A iniciativa de buscar análises contrastivas de emblemas italianos, franceses e brasileiros justifica-se pela história dos surdos brasileiros, assim como a evolução da Libras.

Sabemos, com base em Quadros e Campello (2010), que a língua usada por surdos brasileiros no século XIX teve contato com a Língua de Sinais Francesa no INES, por influência de Huet, em Rio de Janeiro-RJ e no Instituto Santa Terezinha, por influência das irmãs francesas que atuaram na instituição, em São Paulo-SP.

Além disso, na história do Brasil, está registrada a vinda de milhões de italianos imigrantes para o Brasil, principalmente a partir de 1870. Devido ao contato intenso e à forte integração dos imigrantes italianos na sociedade brasileira, principalmente no estado de São Paulo, foram incorporadas expressões linguísticas à fala dos brasileiros, como se espera em qualquer situação de contato. A forte presença dos emblemas na cultura italiana é também uma marca nesse contato. Soma-se a isso o inevitável contato entre surdos italianos e brasileiros com os ouvintes das duas nacionalidades e o natural esforço de comunicação instaurado nessas situações. Surdos brasileiros tiveram contato com italianos no Instituto Paulista de Surdos Mudos “Rodrigues Alves”, coordenado pelo italiano Nicoláo Carusone. E os emblemas

brasileiros, é claro que a Libras tem contato todos os dias, toda hora com língua portuguesa, as pessoas não-surdas. É possível perceber que na Associação de surdo de São Paulo, ASSP, na época, há muitos surdos, que são descendentes de italianos, provenientes da época de migração ao Brasil.

Depois de fazer a coleta de dados italianos, franceses e brasileiros, a seleção dos verbetes foi feita com base no conhecimento prévio dos sinais em Libras, os emblemas que eram usados na Libras, ou mesmo semelhantes, foram selecionados. Os emblemas que não eram conhecidos e nem ao menos semelhantes, foram descartados.

Sendo assim, detalhamos as quatro etapas de coleta e análise de dados realizadas.

3.1 COLETAR OS EMBLEMAS ITALIANOS, FRANCESES E BRASILEIROS

Para iniciar as coletas, foram feitas diversas pesquisas em livros, na internet e artigos com os emblemas italianos, franceses e brasileiros, os quais, previamente selecionados, que serão mostrados a seguir.

A coleta de emblemas italianos foi feita a partir de 4 livros. Tais livros foram escolhidos por conta do embasamento científico que eles possuem. O primeiro é o livro de Fabio Caon, *Dizionario dei gesti degli italiani: una prospettiva interculturale*, publicado em 2010:

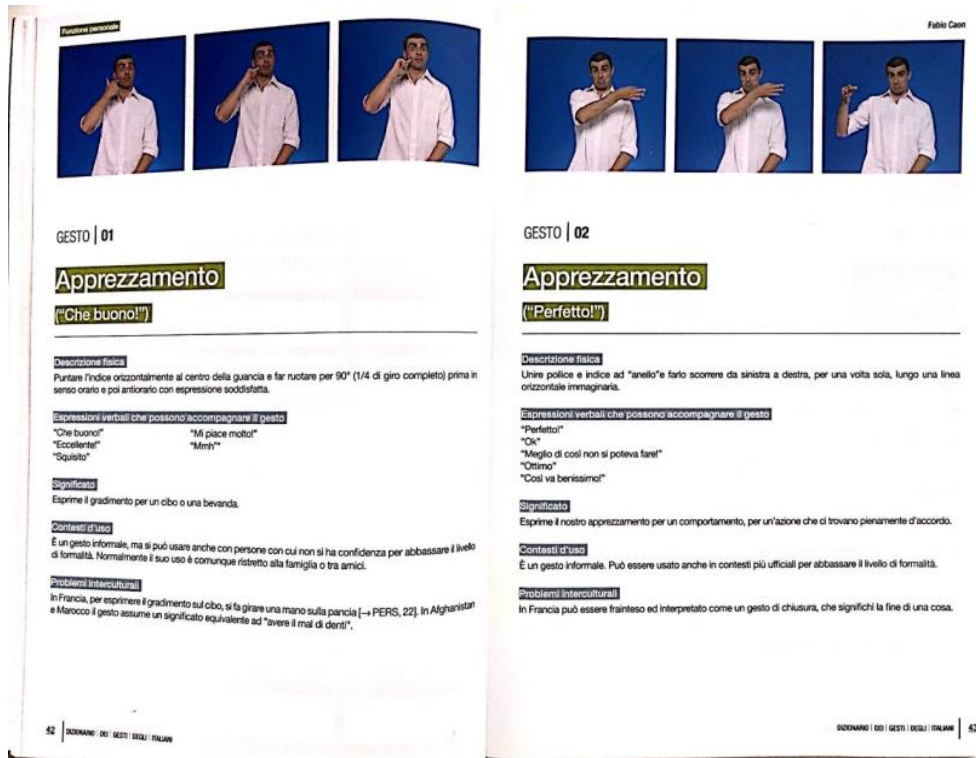
Figura 65 – *Dizionario dei gesti degli italiani: una prospettiva interculturale*



Fonte: Caon (2010).

Nessa obra, os verbetes têm fotos, explicação escrita e acompanha um CD com os emblemas. Foi o livro italiano que teve maior importância para as análises.

Figura 66 – *Dizionario dei gesti degli italiani: una prospettiva interculturale*



Fonte: Caon (2010).

Nessa obra, encontramos uma descrição detalhada com apresentação de um emblema com explicação de descrição física, expressão verbal que acompanha a fala, significado, contextos de uso e problema intercultural.

O segundo livro é o de Pierangela Diadori, *Senza Parole: 100 gesti degli italiani*, publicado em 1999:

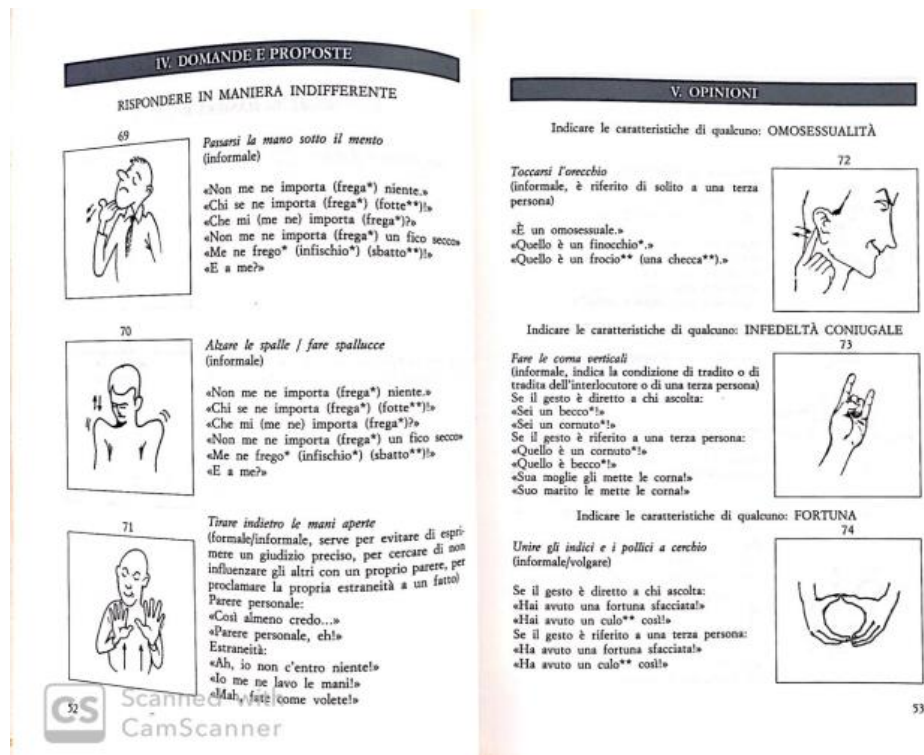
Figura 67 – Senza Parole: 100 gesti degli italiani



Fonte: Diadori (1999).

Os verbetes têm desenhos e explicação escrita.

Figura 68 – Senza Parole: 100 gesti degli italiani



Fonte: Diadori (1999).

O terceiro é o livro de Bruno Munari, *Supplemento al dizionario italiano*, publicado em 1999:

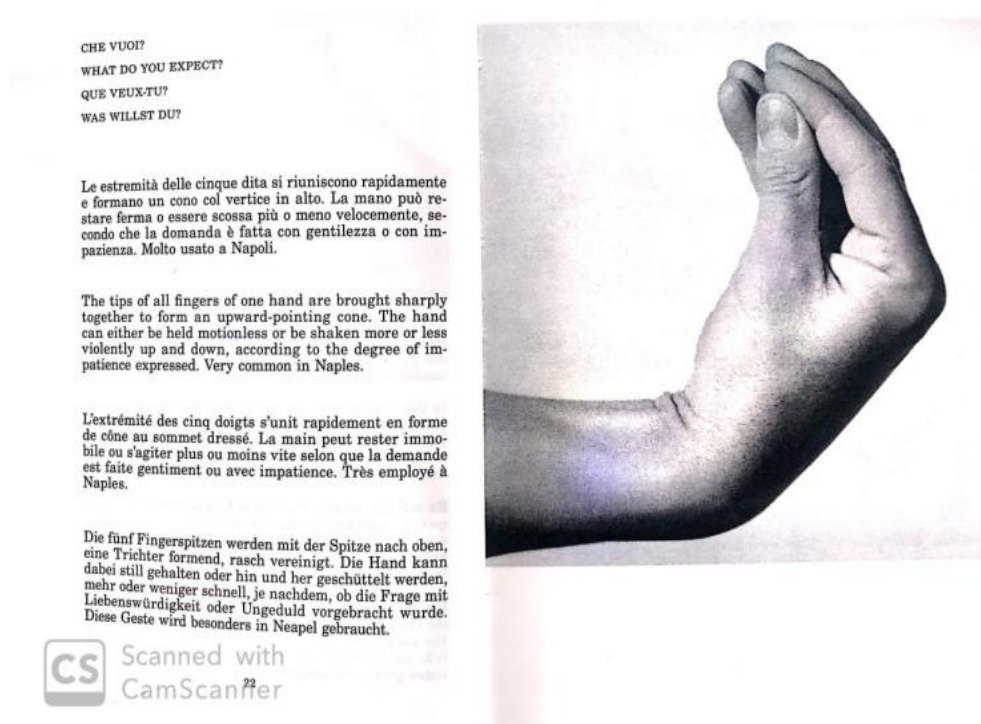
Figura 69 – *Supplemento al dizionario italiano*



Fonte: Munari (1999).

Os verbetes têm fotos e explicação escrita.

Figura 70 – *Supplemento al dizionario italiano*



Fonte: Munari (1999).

O quarto livro é o de Lilia Angela Cavallo, *Il Dizionario dei gesti*, publicado em 2017:

Figura 71 – Il Dizionario dei gesti



Fonte: Cavallo (2017).

Os verbetes têm fotos e explicação escrita.

Figura 72 – Il Dizionario dei gesti

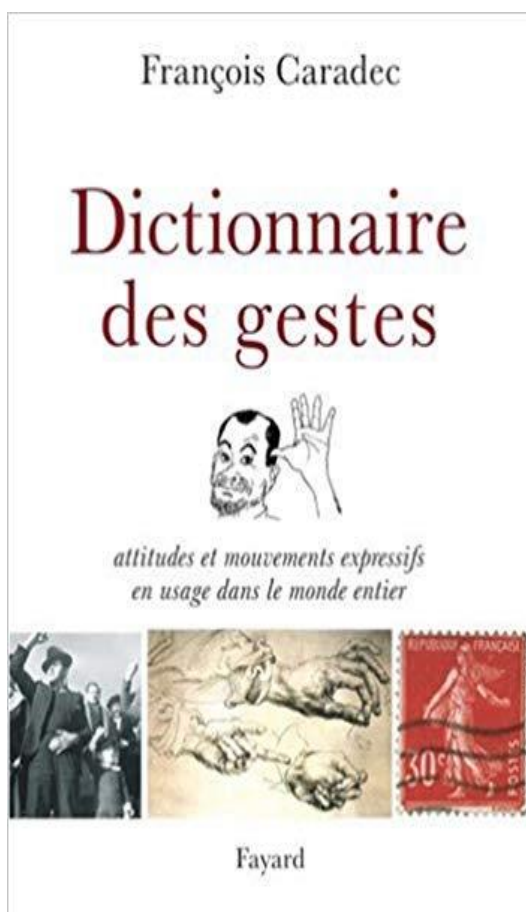


Fonte: Cavallo (2017).

Os emblemas italianos tinham 4 dicionários diferentes, foram comparados e percebemos que são variáveis, os seus significados/pragmáticos também são variáveis. Segundo Telmon (2009), os emblemas italianos são variáveis por local, idade e classe social, e os seus aspectos como outras línguas orais.

Para o estudo dos emblemas franceses, selecionamos o livro de François Caradec, *Dictionnaire des gestes* (Figura 54), publicado em 2005, e o canal do YouTube com With Vicent, "*Les gestes des Français*"²⁵.

Figura 73 – *Dictionnaire des gestes*



Fonte: Caradec (2005).

²⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLCB0A7B9C560DDB8D>. Acesso em: 1 mar. 2021.

No levantamento de dados sobre os emblemas usados na França, percebemos que, no canal do YouTube, o objetivo principal é mostrar os emblemas e seus significados, as expressões verbais com que co-ocorrem e também mostram as partes do corpo em que os gestos são realizados, como, por exemplo, cabeça, testa, mão. No caso de Caradec (2005), os verbetes têm desenhos e explicação escrita:

Figura 74 – Dictionnaire des gestes



Fonte: Caradec (2005).

Para o levantamento dos emblemas brasileiros, consultamos três obras. A primeira delas é *História dos Nossos Gestos*, publicada em 1976, por Luís da Câmara Cascudo:

Figura 75 – *História dos Nossos Gestos*

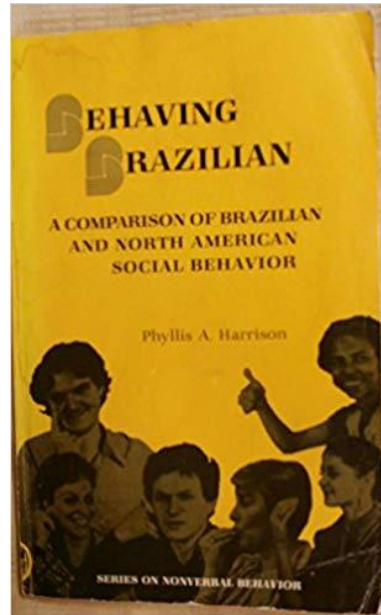


Fonte: Cascudo (1976).

Em Cascudo (1976), os verbetes de gestos não têm desenhos, não têm fotos, possuem apenas escrita como, por exemplo, *beliscão de frade*, *fechar as mãos*, etc. Embora seja uma obra de rico valor etnográfico, não foi aproveitada para analisar na tese, pois não tem as características necessárias que ajudariam nas análises, porque somente a escrita dá ao leitor a possibilidade de imaginar possíveis emblemas que não estariam necessariamente adequados. Tal livro teve a importância para o entendimento histórico e reflexão de conteúdo.

A segunda obra consultada é *Behaving Brazilian: A comparison of Brazilian and North American social behavior*, publicada em 1983, por Phyllis A. Harrison:

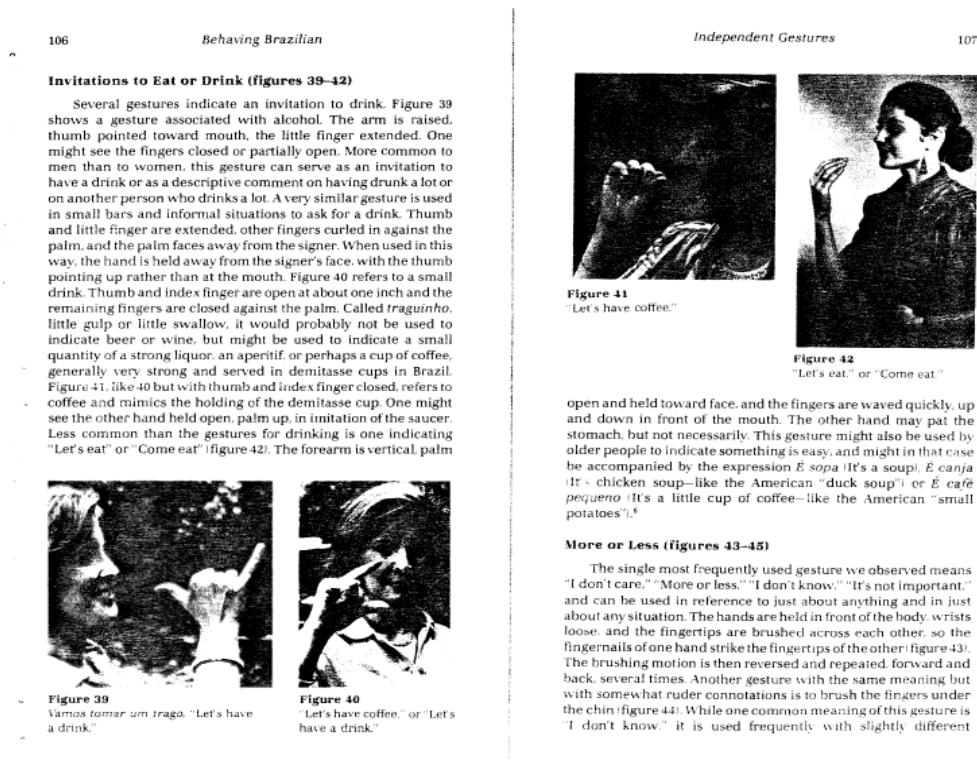
Figura 76 – *Behaving Brazilian: A comparison of brasilian and north american social behavior*



Fonte: Harrison (1983).

Os verbetes têm fotos e explicação escrita:

Figura 77 – *Behaving Brazilian: A comparison of brasilian and north american social behavior*



Fonte: Harrison (1983).

A terceira obra consultada é *Comunicação não-verbal: a gestualidade brasileira*, publicada em 1985, por Monica Rector & Aluizio R. Trinta:

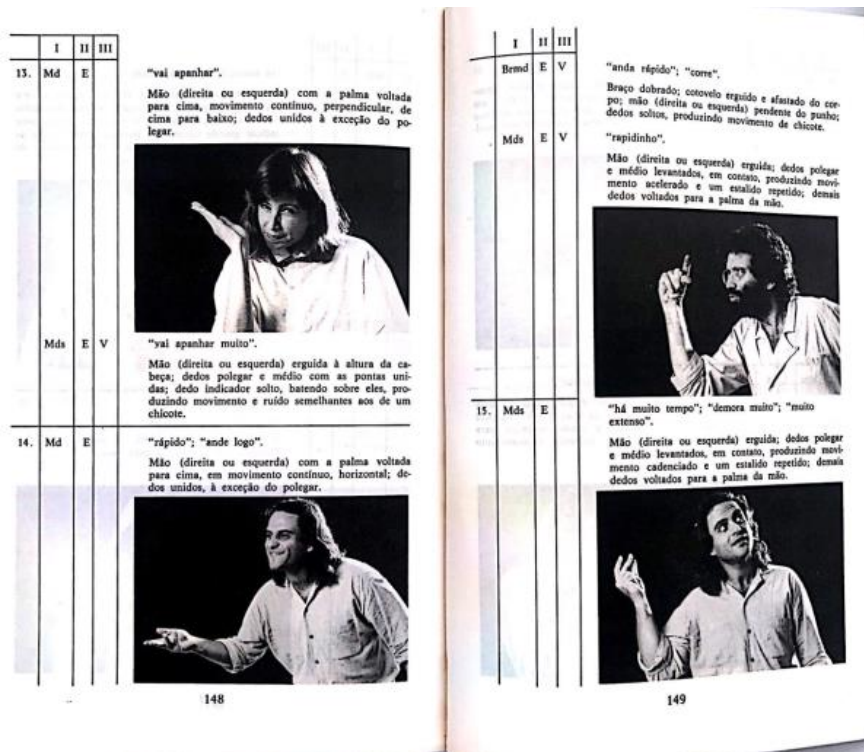
Figura 78 – *Comunicação não-verbal: a gestualidade brasileira*



Fonte: Rector e Trinta (1985).

Os verbetes têm fotos e explicação escrita. Esse livro explica os significados dos emblemas, mostra o contexto de uso, foi o instrumento brasileiro que mais auxiliou nas análises:

Figura 79 – *Comunicação não-verbal: a gestualidade brasileira*



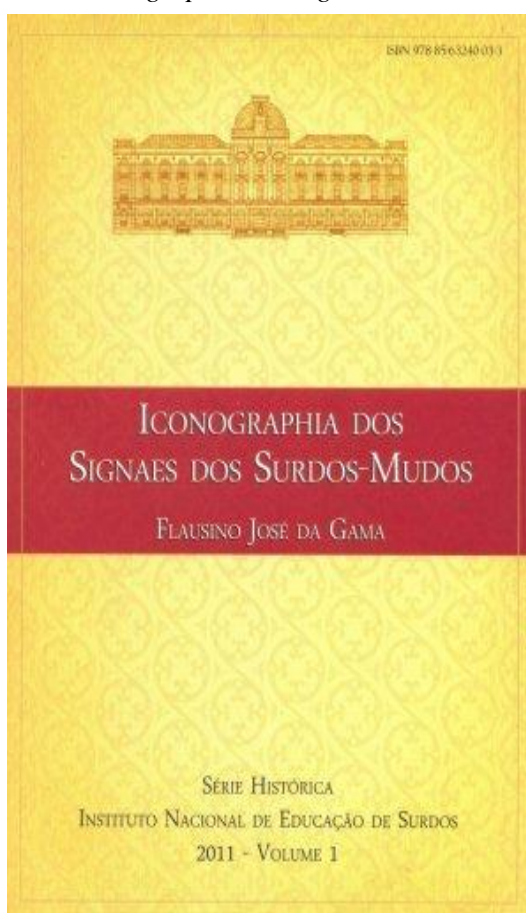
Fonte: Rector e Trinta (1985).

Os emblemas brasileiros tinham 3 dicionários diferentes, foram comparados e percebemos que são variáveis, os seus significados/pragmáticos também são variáveis, igual aos emblemas italianos. Principalmente, Trinta e Rector (1985) mostram emblemas usados no Brasil são variáveis por local, idade e classe social.

3.2 COLETAR OS SINAIS DA LIBRAS

Analizamos também quatro dicionários da Libras. O primeiro é a obra *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*, publicada em 1875, por Flausino José da Gama, Podemos questionar e discutir sobre o dicionário Gama, conhecido como o primeiro dicionário de Libras, e quanto a sua veracidade em ser, de acordo com as definições, reconhecido como um dicionário, e realmente o questionamento é válido. Como discutido nos capítulos anteriores, ele não se enquadra no conceito de dicionário, apesar de levar esse título:

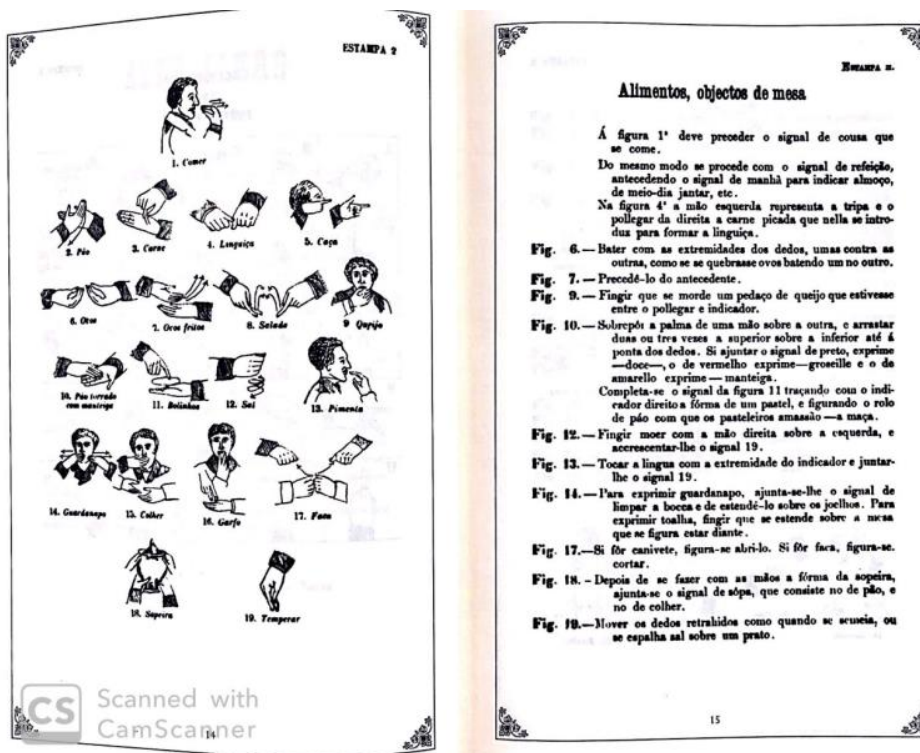
Figura 80 – *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*



Fonte: Gama (1875).

Os verbetes têm desenhos e explicação escrita.

Figura 81 – *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*



Fonte: Gama (1875).

O segundo é *Linguagem das mãos*, publicado em 1969, por Eugênio Oates. O dicionário citado do OATES, também, de acordo com as definições não se enquadra como um dicionário,

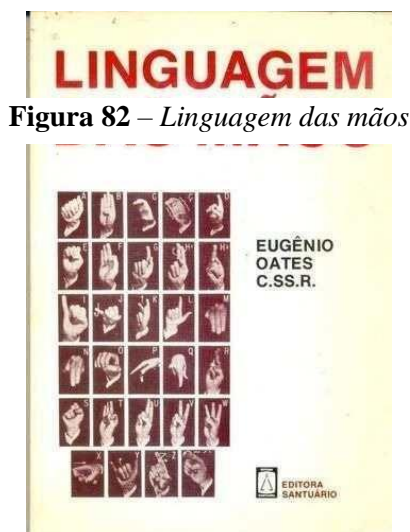


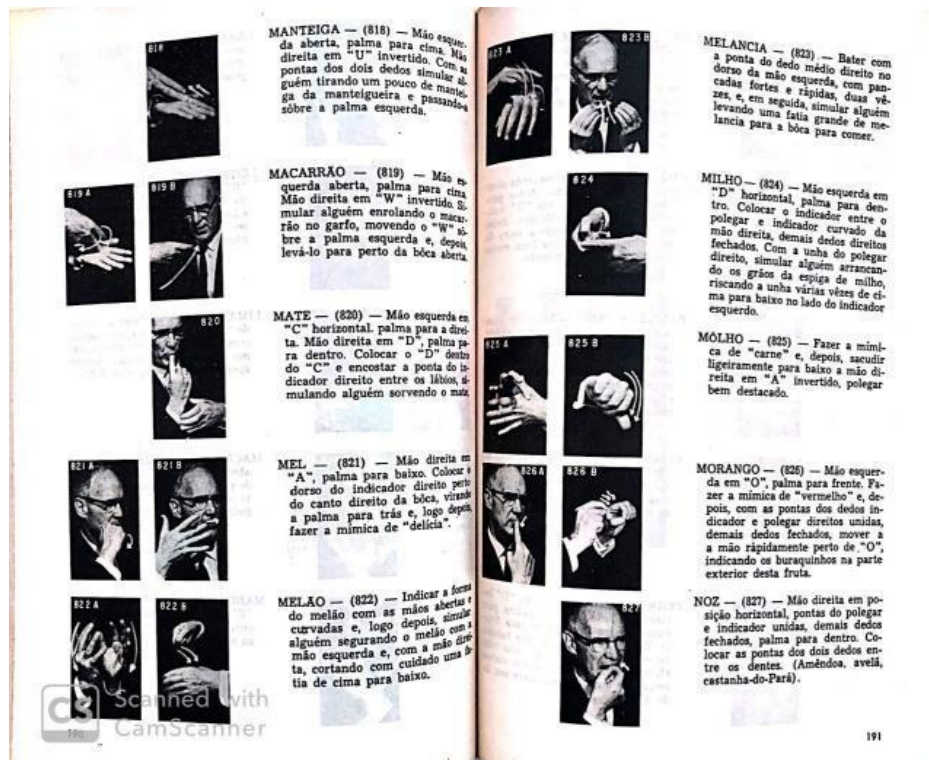
Figura 82 – *Linguagem das mãos*

ele pode ser definido como um glossário ou um sinalário, contudo no texto ele é chamado de dicionário. Essa obra é considerada pela comunidade surda representativa dos sinais antigos, pois alguns sinais descritos já não estão mais usados atualmente.

Fonte: Oates (1969).

Os verbetes têm fotos e explicação escrita.

Figura 83 – Linguagem das mãos



Fonte: Oates (1969).

O terceiro dicionário, é um dicionário online, criado no INES, intitulado Dicionário da Língua brasileira de sinais/LIBRAS²⁶ e lançado em 2006. Os verbetes têm vídeos e explicação escrita, como se vê na Figura 67:

²⁶ Disponível em: <http://www.acessobrasil.org.br/libras>. Acesso em: 4 mar. 2021.

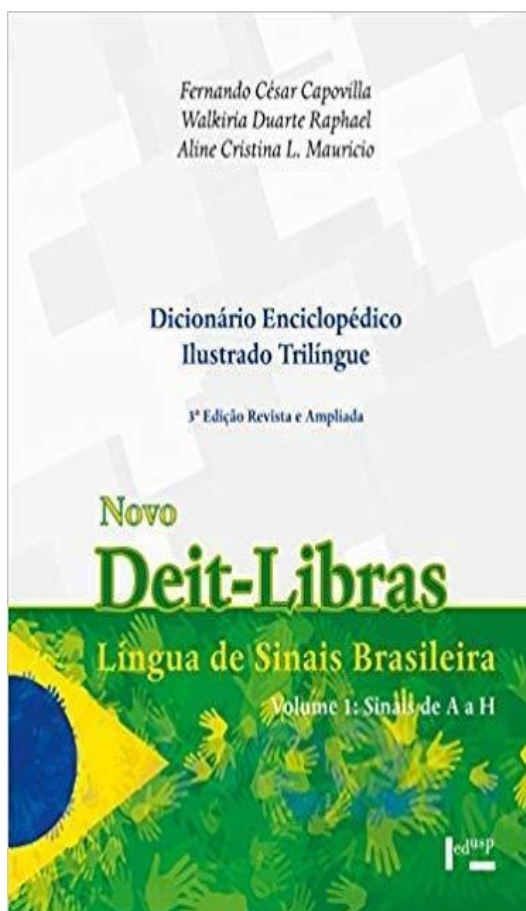
Figura 84 – *Dicionário da Língua Brasileira de sinais (LIBRAS versão 2.0 – 2005)*



Fonte: INES (2006).

A quarta obra é *Novo deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de sinais Brasileira*, publicado em 2009, por Fernando César Capovilla, Walkiria Duarte Raphael e Aline Cristina L. Mauricio (Figura 68). Existe uma versão mais atual desse mesmo Dicionário de 2017, contudo a opção pela edição de 2009 foi para ter um recorte maior de obras durante o tempo.

Figura 85 – *Novo deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de sinais Brasileira*



Fonte: Capovilla, Raphael e Mauricio (2009).

Os verbetes têm desenhos e explicação escrita, igual a forma de dicionário.

Figura 86 – *Novo deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de sinais Brasileira*






Fonte: Capovilla, Raphael e Mauricio (2009).

Esses quatro dicionários apresentados foram de grande ajuda para a pesquisa, auxiliando nas comparações entre os emblemas e os sinais, também deixando claro o momento em que os emblemas começaram a fazer parte da Libras. As três mais recentes, dicionários do Oates (1969), INES (2006) e Capovilla, Raphael e Mauricio (2009) são considerados o que comunidade surda está usando atualmente.

3.3 INVESTIGAR E COMPARAR OS EMBLEMAS COLETADOS E OS SINAIS DA LIBRAS

Na análise, a comparação de emblemas italianos, franceses e brasileiros com dicionários, identificamos os emblemas relacionados com sinais da Libras. Como critério de seleção desses emblemas foi observado se eles possuíam alguma semelhança com o sinal em Libras, para que uma análise linguística sobre as mudanças fonológicas pudesse ser feita. Realizamos isso por colocar tais dados em uma tabela de *word* e na parte superior nomeamos EMBLEMAS. Abaixo colocamos cada sinal em colunas, a primeira sendo de Flausino (1875), a seguinte de Oates (1969), depois do INES (2006) e por fim de Capovilla, Raphael e Mauricio (2009). Veja um exemplo de quadro:

Quadro 11 – Exemplo de quadro

Nº: 77		EMBLEMA FRANCÊS: Ela ficou de cabeça cheia	
 <p>Learn French with Vincent (2007)</p>			
LIBRAS			
GAMA	OATES	INES	CAPOVILLA, RAPHAEL E MAURICIO
			
		CHEIO1	Cheio (4)

Fonte: elaborado pelo autor.


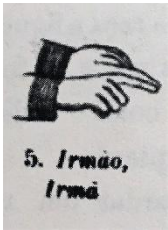
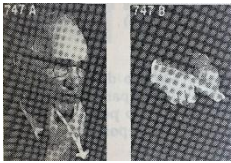


Com a coleta de dados pronta, dentre os quatro dicionários selecionados, a ordem de comparação com a Libras foi: Gama (1875), Oates (1969), INES (2006) e Capovilla, Raphael e Mauricio (2009) e posteriormente todos os emblemas deles foram comparados com a Libras.

O primeiro critério de comparação foi observar se o emblema era igual ao sinal da Libras, no formato, nos parâmetros. O segundo critério de comparação foi perceber se havia

semelhança entre o emblema e o sinal da Libras, principalmente com relação aos parâmetros, configuração de mão, localização, movimento, orientação das mãos. Apenas foi excluída a expressão facial dessa comparação, pois os vídeos e os dicionários pesquisados não mostram a expressão facial da pessoa que está fazendo o sinal ou o emblema e também porque a expressão facial tem como responsabilidade a gramática do sinal e dos emblemas, a qual ainda faltam pesquisas aprofundadas sobre a temática.

Feitas as comparações, os emblemas que são iguais a Libras ou tem alguma semelhança foram selecionados para a análise, os emblemas que não tinham em Libras, não foram selecionados para a análise. Percebemos que os emblemas entraram nos sinais da Libras de duas formas. A primeira se dá quando o emblema e a Libras são iguais, e a segunda é quando temos alguma semelhança, ou seja, temos alguma mudança na fonologia. Veja o exemplo, emblema e sinal da Libras iguais:



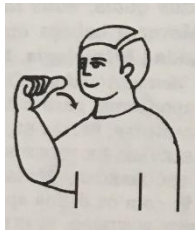
Quadro 12 – Exemplo de emblema e sinal iguais

Nº: 96	EMBLEMA BRASILEIRO: proximidade, uma amizade ou outros próximos entre duas pessoas		
 <p data-bbox="675 752 994 786">(HARRISON, 1983, p. 96)</p>			
LIBRAS			
GAMA	OATES	INES	CAPOVILLA, RAPHAEL E MAURICIO
 <p data-bbox="339 1104 475 1171">5. <i>Irmão, Irmã</i></p>			
	Igual, irmão	JUNTAR2	Junta-se (3),

Fonte: elaborado pelo autor.

Ao ver com atenção cada emblema é instantânea a percepção, vinda rapidamente à mente, à lembrança, um sinal. Por exemplo, no emblema de “proximidade entre duas pessoas” e o sinal para “irmão” é perceptível a semelhança. Foram coletados muitos dados para análise e agrupados. E outro exemplo, o emblema e sinal da Libras semelhante, há diferença em algum parâmetro.

Quadro 13 – Exemplo emblema e sinal da Libras semelhantes

Nº: 113	EMBLEMA BRASILEIRO: beber, tomar, bêbado, convidar para uma bebida		
 (HARRISON, 1983, p. 106)			
LIBRAS			
GAMA	OATES	INES	CAPOVILLA, RAPHAEL E MAURICIO
			
	Beber	BEBER4	Beber, bebida (1)

Fonte: elaborado pelo autor.

Ao observarmos os emblemas e os sinais identificamos muitas semelhanças. As diferenças são evidentes apenas nas configurações de mão, no movimento, na orientação das mãos, mas com muitas similaridades entre si.

Depois de selecionados e agrupados devido às similaridades, então começamos as análises de qual parâmetro influenciou o emblema e qual elemento influenciou o sinal. No sinal qual emblema do grupo analisado é igual, então uma vez identificada a similitude é concluída a análise e o resultado é registrado. Entretanto, se isso não ocorre, o assunto é discutido e analisado posteriormente.

3.4 ANALISAR E IDENTIFICAR OS PARÂMETROS DOS EMBLEMAS QUE PARTICIPAM DOS SINAIS COLETADOS

Nas etapas anteriores, mostramos o passo a passo das análises. Nessa etapa, aprofundamos a análise fonológica observando as mudanças que ocorreram em cada um dos sinais em cada coluna. Analisamos cada mudança ocorrida e registramos em arquivo *Excel* que pode ser visto no anexo I. Primeiro salvamos em arquivo *word* com as imagens a serem analisadas claramente. Depois transferimos os resultados para o *Excel*. Nesse tipo de arquivo na linha de cima, na primeira coluna, numeramos em ordem crescente. Na coluna seguinte escrevemos EMBLEMA. Em baixo colocamos os nomes dos emblemas identificando a origem deles, se da França, Itália, etc. Ao lado colocamos o sinal e em qual dicionário está registrado, se Oates (1969), INES (2006) ou outro. Na coluna seguinte, as mudanças fonológicas. Fizemos tais registros para nos ajudar a ver claramente as variações ocorridas e quantificar a porcentagem de influência do emblema sobre os sinais. Isto foi importantíssimo em nos ajudar na análise e conteúdo da pesquisa, conforme a tabela abaixo.

Nº:	EMBLEMA:		
LIBRAS			
GAMA	OATES	INES	CAPOVILLA, RAPHAEL E MAURICIO

Ao falar agora sobre mudanças fonológicas talvez surja a pergunta sobre o que significa. A pesquisa foi feita com base nos registros do *Word*, dos emblemas e dos sinais em cada coluna de acordo com os dicionários. Nos debruçamos sobre tais registros buscando ver as mudanças fonológicas na língua de sinais a partir de seus parâmetros, primeiro a Configuração de mãos, movimento, locação ou ponto de articulação, orientação de palma de mão. São os parâmetros da língua de sinais.


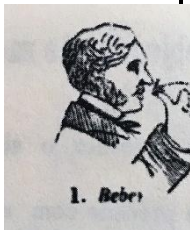



Observamos as mudanças ocorridas, não importa se em apenas um fonema a ou dois ou mais fonemas. Ao encontrar a mudança, registramos tal mudança fonológica. No momento exato da descoberta, colocávamos a informação quanto à mudança que ocorria em cada um dos dicionários. Por exemplo, o emblema, PERFEITO sendo realizado com a mão direita e

movimento horizontal da esquerda para a direita, mas em sinais com a mesma mão sendo o movimento vertical de cima para baixo. Assim exemplifica-se o que é mudança fonológica.

Analisar os exemplos de mudança encontrados em nossa pesquisa, é sempre importante lembrar, que para os emblemas entrarem nos sinais da Libras temos diversas mudanças nos parâmetros, e não apenas uma mudança, mas nessa parte do trabalho iremos mostrar apenas as mudanças mais significativas.

- a) mudança fonológica de Configuração de mãos;

Quadro 14 – Mudança fonológica de configuração de mãos

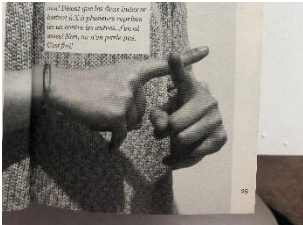


Nº: 113		EMBLEMA BRASILEIRO: beber, tomar, bêbado, convidar para uma bebida					
 (HARRISON, 1983, p. 106)							
LIBRAS							
GAMA		OATES		INES		CAPOVILLA, RAPHAEL E MAURICIO	
							
beber		beber		BEBER4		Beber, bebida (1)	

Fonte: elaborado pelo autor.

Observando o emblema, a configuração de mão é em Y, conforme a foto nos mostra, depois notamos a mudança para a configuração de mão a qual o dedo mínimo fecha juntamente com os outros três dedos.

- b) mudança fonológica de Movimento;

Quadro 15 – Mudança fonológica de movimento





Nº: 55		EMBLEMA ITALIANO: não (cruz)	
 <p>(Cavallo, 2017, p. 25)</p>			
LIBRAS			
GAMA	OATES	INES	CAPOVILLA, RAPHAEL & MAURICIO
			
		NUNCA MAIS	Nunca mais

Fonte: elaborado pelo autor.

No emblema coletado, notamos que o “não (cruz)” em formato de cruz não tem movimento e tem a mesma configuração de mão do sinal em Libras “nunca mais”, porém o sinal “nunca mais” tem movimento para frente.

c) mudança fonológica de orientação das mãos;

Quadro 16 – Mudança fonológica de orientação das mãos




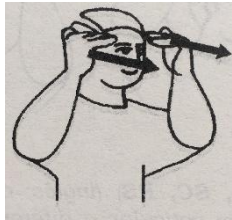
Nº: 97 EMBLEMA BRASILEIRO: “puxar o carro”, “vamos embora”			
 <p>(HARRISON, 1983, p.99)</p>			
LIBRAS			
GAMA	OATES	INES	CAPOVILLA, RAPHAEL & MAURICIO
			
	Fugir	FUGIR	Sair (1), ir embora, fugir,

Fonte: elaborado pelo autor.

No emblema temos “vamos embora” com a orientação da mão que permanece na horizontal e na entrada dele como sinal da Libras, temos “fugir” com a diferença na configuração da mão que uma permanece na vertical.

d) mudança fonológica de Configuração das mãos e movimento;

Quadro 17 – Mudança fonológica de Configuração das mãos e movimento


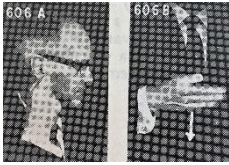


Nº: 23		EMBLEMA ITALIANO: sim, senhor (obediência)	
 <p>(Caon, 2010, p. 113)</p>			
LIBRAS			
GAMA	OATES	INES	CAPOVILLA, RAPHAEL & MAURICIO
			
	Obedecer	OBEDECER, RESPEITAR	Obedecer, respeitar

Fonte: elaborado pelo autor.

O emblema “sim, senhor” parece uma entrada no sinal da Libras mudando a configuração de mão e o movimento, a mão que no emblema era usada apenas uma, quando entra no sinal da Libras, passa a usar as duas mãos, e o movimento que anteriormente era suave, passa a ser para frente com a configuração de mão diferente. O movimento da cabeça é levemente curvada para frente. O sinal teve mudança na configuração de mão, primeiro emblema era com a mão aberta e a palma da mão para frente e a segunda configuração de mão, é com os quatro dedos dobrados e o movimento é em linha reta para frente. Frishberg (1975) diz que ocorre com sinais feitos na face: se bimanual > monomanual e não o contrário. Esse autor fala da mudança recorrente de usar as duas mãos para usar apenas uma, no entanto o emblema destacado faz o movimento inverso, assim é interessante trazermos essa discussão, que da mesma forma que a mudança tende a acontecer de duas para uma mão, ela também pode ocorrer de uma para duas mãos.

e) mudança fonológica de movimento e orientação de mão.

Quadro 18 – Mudança fonológica de movimento e orientação de mão

Nº:	Emblema italiano: “Perfetto”, “OK”, “Meglio di così non si poteva fare”, “Ottimo”, “Così va benissimo”		
 <p>(Caon, 2010, p. 43)</p>			
LIBRAS			
GAMA	OATES	INES	CAPOVILLA, RAPHAEL & MAURICIO
			
	Perfeito	PERFEITO	Perfeito

Fonte: elaborado pelo autor.

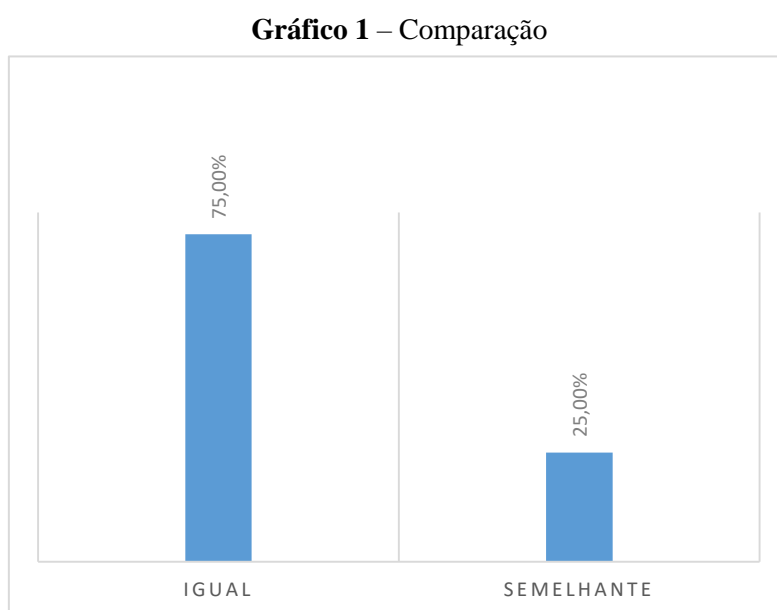
No emblema “perfetto” quando entrou nos sinais da Libras, temos a mudança de movimento e orientação das mãos. O movimento no emblema é em linha reta horizontal, na frente do peito. O sinal tem mudança na orientação da mão, conforme mostra a figura e o movimento é de cima para baixo, na diagonal e/ou vertical.

4 ANÁLISE E RESULTADO

Reunimos na primeira etapa da coleta de dados, registros sobre gestos da Itália, França e Brasil. Em outra etapa, a segunda, os dicionários da língua de sinais de Capovilla, Raphael e Mauricio (2009).

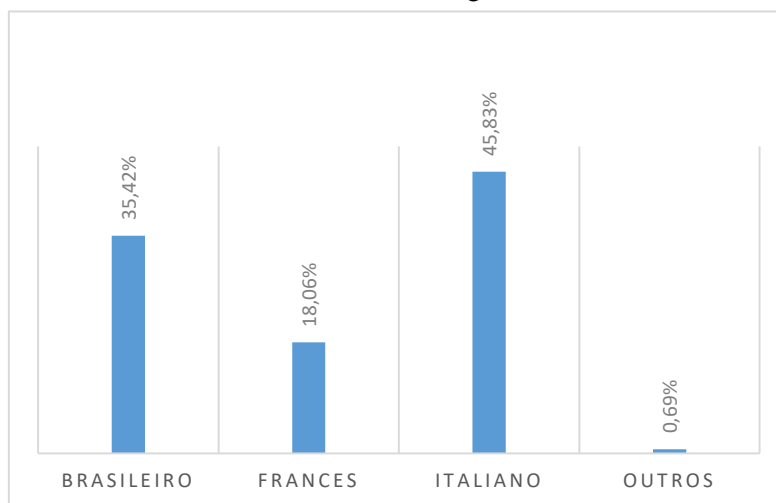
Na terceira etapa fizemos avaliações quanto aos iguais, quanto aos semelhantes. No total temos 145 emblemas que influenciaram a criação de sinais da Libras.

Realizamos isso por colocar tais dados em uma tabela de *word*. Com a coleta dos emblemas e dos sinais, percebemos que temos 75% são iguais e 25% são semelhantes que mudaram fonologicamente, os parâmetros. Conforme o gráfico a seguir.



Fonte: elaborado pelo autor.

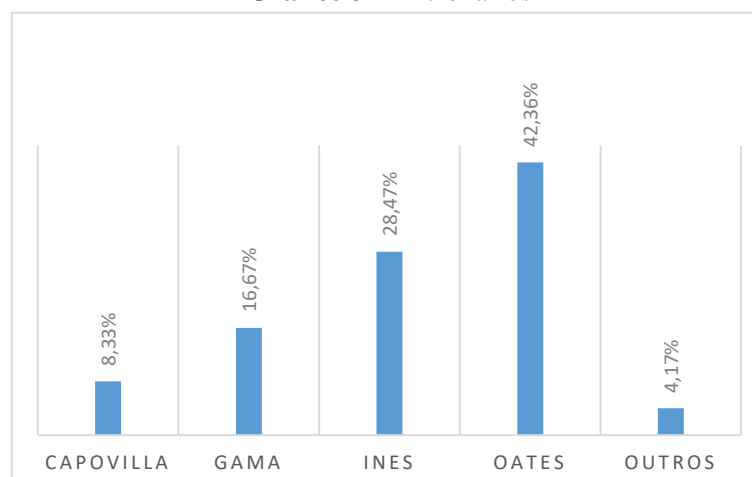
Os emblemas que entraram nos sinais da Libras a maioria são de origem italiana, em segundo lugar temos os brasileiros e em terceiro lugar temos os franceses. Conforme vemos no gráfico.

Gráfico 2 – Origem

Fonte: elaborado pelo autor.

Um fato curioso que trouxe uma reflexão acerca desses dados apresentados, é o fato de termos um número maior de emblemas italianos que de emblemas brasileiros na Libras. Essa reflexão é apenas uma hipótese, mas acreditamos que por conta de o Brasil ter passado por um forte processo de imigração italiana e de os italianos culturalmente serem conhecidos por terem muitos emblemas e se expressarem bastante com as mãos, que essa influência deve ter sido um fator importante para determinar o grande número de emblemas dessa origem na Libras. Os emblemas italianos são em maior número se comparados aos brasileiros, contudo isso não significa que um seja mais rico que o outro, e ambos podem entrar na Libras.

A pesquisa foi feita em quatro dicionários e notamos que a maioria dos emblemas entraram no dicionário do Oates (1969), em segundo lugar temos o dicionário do INES (2006), em terceiro temos o dicionário Gama (1875) e em quarto lugar temos o dicionário do Capovilla, Raphael e Mauricio (2009). Na legenda do gráfico, há um item marcado como “outros”, esses seriam outros dicionários conhecidos, que podem ser encontrados pela internet, esses estão contabilizados nesse gráfico por esse item.

Gráfico 3 – Dicionários

Fonte: elaborado pelo autor.

Baseados nesses dados, é importante discutirmos essa diferença no número de emblemas encontrados nos dicionários analisados, já que conseguimos observar que o gráfico nos mostra que antigamente tínhamos um número maior de emblemas que os encontrados nos dicionários mais recentes. Os emblemas entram na Libras na atualidade tanto quanto antigamente, esse é um fenômeno que sempre aconteceu e que ainda acontece, isso não somente nas línguas de sinais, mas mesmo nas línguas orais. Então porque temos essa diferença nos números representados no gráfico da pesquisa? Podemos observar, que no dicionário Gama (1875), o primeiro que tivemos no Brasil, mas que era baseado na LSF, por isso um pouco mais antigo, tinha influência de emblemas europeus, já o dicionário Oates (1969) que no gráfico aparece com o maior número de sinais influenciados por emblemas, é por ter sido o primeiro dicionário brasileiro, assim a primeira forma de registrarmos os usos da língua, agora no dicionário INES (2006), temos um número menor, isso porque grande parte já havia sido registrado, então, nesse dicionário foi adicionado aqueles usos que ainda não haviam sido registrados, por isso um número menor, posteriormente, temos no Capovilla, Raphael e Mauricio (2009) a adição daquilo que não tínhamos no INES (2006). Portanto os emblemas sempre entram e têm influência na Libras, contudo com o passar do tempo o número diminui devido às formas que já haviam sido registradas.

Na quarta etapa, aprofundamos a análise fonológica observando as mudanças que ocorreram em cada um dos sinais em cada coluna. Conforme explicado no capítulo de metodologia nós analisamos cada mudança ocorrida e registramos em arquivo *Excel* que pode ser visto no anexo I. Primeiro salvamos em arquivo *word* com as imagens a serem analisadas claramente. Depois transferimos os resultados para o *Excel*. Fizemos tais registros para nos


ajudar a ver claramente as variações ocorridas e quantificar quantos de influência do emblema sobre os sinais ocorreram. Isto foi importantíssimo em nos ajudar na análise e conteúdo da pesquisa.

Com a coleta dos dados, temos o total de 145 emblemas que entraram nos sinais, os que são iguais totalizaram 75%, que correspondem a 108 emblemas, e os semelhantes são 25%, que correspondem a 37. Nos 37 encontramos mudanças fonológicas dos quais 13 serão apresentados a seguir.

a) Mudança fonológica de Configuração de mãos;

Agora apresentaremos exemplos de mudanças fonológicas de um emblema italiano, um emblema francês e um emblema brasileiro com a mudança na configuração de mão.

Quadro 19 – Mudança fonológica de Configuração de mãos no emblema italiano


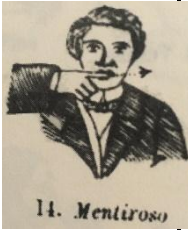



Nº: 61		EMBLEMA ITALIANO: maldição, raiva	
 <p>(Cavallo, 2017, p. 427)</p>			
LIBRAS			
GAMA	OATES	INES	CAPOVILLA, RAPHAEL & MAURICIO
			
	Inveja	Inveja	Inveja

Fonte: elaborado pelo autor.

O emblema italiano tem a configuração de mão com a palma da mão para baixo e leve mordida no dedo indicador. No sinal muda a configuração de mão, apenas mordendo o dedo

indicador. Esse emblema entrou no sinal da Libras mudando apenas a configuração de mão, o sentido e o significado continuam o mesmo, evidenciando assim que o emblema teve influência para a criação de um novo sinal na Libras. Nesses registros percebemos que o emblema “inveja” de origem italiana entrou no sinal da Libras e teve a mudança na configuração de mão, da mão em “B” mudou para o dedo indicador esticado, no dicionário Oates (1969), com o passar do tempo o dicionário do Capovilla, Raphael e Mauricio (2009), teve mudança na configuração de mão, antes era o dedo indicador esticado, agora é o mesmo dedo porém, curvado. Hoje em dia os surdos usam as duas variações possíveis, com o dedo indicador esticado ou com o mesmo dedo curvado, não é mais utilizado a configuração de mão em “B”.

Quadro 20 – Mudança fonológica de Configuração de mãos no emblema francês





Nº: 80		EMBLEMA FRANCÊS: Pfruit sous le nez - Mentira		
 <p>Learn French with Vincent (2007)</p>				
LIBRAS				
GAMA	OATES	INES	CAPOVILLA, RAPHAEL & MAURICIO	
				
Mentiroso	Mentir	Mentir	Mentir, mentira,	

Fonte: elaborado pelo autor.

O emblema francês significa “mentira” e conforme vemos a configuração de mão é o dedo indicador esticado e o movimento é na horizontal da direita para a esquerda que também influenciou o sinal francês que é igual, conforme podemos ver no desenho acima do Gama (1875) que é o dicionário dos sinais usadas na França (LSF) antigo, no qual o emblema e o sinal

são o mesmo, mas com o passar do tempo o emblema sofreu mudanças na configuração de mão e o dedo que era reto agora é curvado, e o movimento é o mesmo, só teve a mudança da configuração de mão. Mas percebemos também na sequência das quatro fotos dos dicionários que o dedo foi curvando com o passar do tempo. Hoje em dia usamos o dedo indicador curvado na frente do nariz, com o movimento da direita para a esquerda, não há variações como o sinal francês mostrado acima, notamos que podemos usar também gestos, por conta do filme Pinóquio, com o dedo indicador esticado, com movimento para frente, mas não é cotidianamente utilizado.

Quadro 21 – Mudança fonológica de Configuração de mãos no emblema brasileiro

Nº: 93		EMBLEMA BRASILEIRO: juro	
 <p>(HARRISON, 1983, p. 96)</p>			
LIBRAS			
GAMA	OATES	INES	CAPOVILLA, RAPHAEL & MAURICIO
			
	Jurar	JURAR	Jurar (1)

Fonte: elaborado pelo autor.

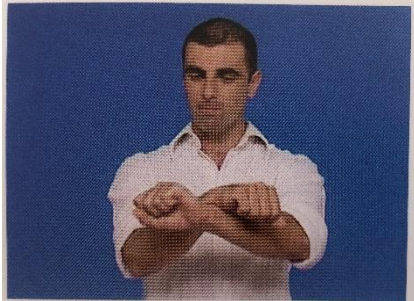


O emblema brasileiro que significa “juro” é usado as duas mãos em forma de “x” na frente da boca podendo ser em forma de “mais” depois que pesquisamos e coletamos os dados percebemos que esse emblema pode também ter tido influência do emblema italiano, pois o emblema italiano é feito da mesma forma, a influência pode ter ocorrido ou não, não podemos afirmar, mas percebemos que é igual. E esse emblema tem influência começando pelo primeiro dicionário Oates (1969) que a forma é a mesma, no dicionário INES (2006) temos a mudança da configuração de mão, pois é usada uma mão com o dedo esticado, depois com o dedo

curvado, e no dicionário do Capovilla, Raphael e Mauricio (2009) o emblema é feito com as duas mãos na frente da boca, percebemos então que no Brasil temos dois sinais em uso. Com uma mão e com duas mãos, deixando claro que o emblema influenciou o sinal da Libras. Xavier (2014) apresenta uma pesquisa que na Libras é possível utilizar uma ou as duas mãos para sinalizar, então essa pesquisa nos ajuda a refletir que é possível usar as duas variações, com os dois dedos cada um de uma mão ou somente um dedo de uma mão, com o movimento. Sabemos que temos as duas variações, mas com o passar do tempo, utilizar somente uma mão começou a ser mais comum, sendo uma marca do sinal. Por exemplo o sinal de “casa”, pode ser feito somente com uma mão, caso a outra esteja ocupada, segurando algo, será compreensível, porém, não é uma marca do sinal de “casa”.

b) Mudança fonológica de Movimento;

Apresentaremos a mudança somente no movimento dos três emblemas, italiano, francês e o brasileiro.

Quadro 22 – Mudança fonológica de movimento no emblema italiano



Nº: 49		EMBLEMA ITALIANO: Impossibilidade “tenho minhas mãos amarradas.		
 <p>(Caon, 2010, p. 208)</p>				
LIBRAS				
GAMA	OATES	INES	CAPOVILLA, RAPHAEL & MAURICIO	
				
	Impossível	Impossível	Impossível	

Fonte: elaborado pelo autor.

Conforme vemos no emblema italiano, as duas mãos estão cerradas à frente do corpo e um braço em cima do outro, e o movimento é de cima para baixo, repetidamente. Quando o emblema entrou no sinal da Libras, a configuração de mão é a mesma, somente há mudança no movimento, que os braços se separam. Então o movimento do braço para cima é o movimento contrário do sinal “possível”, que são os dois braços para baixo. O emblema entrou no sinal da Libras e teve mudança no movimento, antes era somente parado, depois os braços abrem para cima, o qual se mantém até hoje. Também percebemos duas variações, os braços abrem para cima, e os braços para fora e para dentro, desenhando um “S”. Esse movimento em “S” usado

no Brasil teve influência de outras línguas de sinais. A ASL e a LSF também tem um sinal muito semelhante a esse.





Quadro 23 – Mudança fonológica de movimento no emblema francês

Nº: 65	EMBLEMA FRANCÊS: É avoir ras le bol – estar cansado – Estar de saco cheio		
 Learn French with Vincent (2007)			
LIBRAS			
GAMA	OATES	INES	CAPOVILLA, RAPHAEL & MAURICIO
			
			Cheio (6)

Fonte: elaborado pelo autor.

Esse emblema francês tem a configuração de mão em “B” e o movimento reto da esquerda para a direita, na testa. Tal emblema é muito comum de ser usado no Brasil, inclusive por ouvintes e surdos, então esse emblema entrou no sinal da Libras e mudou o movimento, agora ele é em linha reta, para cima, do peito para a cabeça.

Quadro 24 – Mudança fonológica de movimento no emblema brasileiro

Nº: 105		EMBLEMA BRASILEIRO: louco	
 <p>(HARRISON, 1983, p. 103)</p>			
LIBRAS			
GAMA	OATES	INES	CAPOVILLA, RAPHAEL & MAURICIO
			
	Louco	LOUCO	Louco (a)



Fonte: elaborado pelo autor.

Quanto ao emblema brasileiro “louco”, tem a configuração de mão com o dedo indicador apontando na parte superior lateral da frente, com o movimento de “vai e vem” semelhante ao de uma chave de fenda, houve então uma pequena variação do movimento, de forma circular que é o gesto que normalmente é usado. Assim, no sinal conseguimos perceber a semelhança, apenas com a mudança do movimento, nota-se que o movimento circular aumentou de raio, se diferenciando um pouco do emblema usado no Brasil. O emblema ao ser inserido na Libras, mostra, por meio dos registros, que ele se assemelha ao emblema originário do Oates (1969), assim, ele se iniciou dessa forma e com o tempo foi mudando a movimentação, de forma que atualmente na Libras conseguimos identificar duas possibilidades, duas variações, sendo a primeira com movimento circular maior, mas ainda próximo da localização lateral da cabeça, e a segunda variação, com o mesmo movimento, contudo mais afastado da cabeça. Isso nos evidencia que ambos provêm do mesmo emblema.

c) Mudança fonológica de orientação das mãos;

Agora apresentaremos três exemplos de emblemas brasileiros, italianos e franceses, contudo que demonstram mudança na orientação da mão.

Quadro 25 – Mudança fonológica de orientação das mãos no emblema italiano

Nº: 63		EMBLEMA ITALIANO: Parabéns	
 <p>(Munari, 1999, p. 104)</p>			
LIBRAS			
GAMA	OATES	INES	CAPOVILLA, RAPHAEL & MAURICIO
			
		Parabenizar	Parabenizar

Fonte: elaborado pelo autor.




Ao vermos o exemplo acima, do emblema Italiano que representa o conceito de parabenizar, notamos que a configuração da mão e o movimento se mantêm os mesmos usados pela Libras, contudo podemos observar pela imagem, que a orientação da mão mudou na Libras, nesta, se assemelha ao bater palmas, o que no emblema original muda-se a orientação da mão de forma a lembrar o cumprimentar a outra pessoa. Assim, também conseguimos refletir que na Libras, temos outras possibilidades de variações referente a este sinal. Por exemplo, o conceito de “parabéns”, representado na Libras pelo bater palmas, nos mostra que também é uma influência do emblema de bater palmas. Da mesma forma, em Libras temos variações de “parabéns”, com as mãos levantadas ao lado do tronco, à altura da cabeça, com as mãos abertas e as palmas da mão apontadas para trás, com um movimento de virar as palmas para frente repetidamente, como na imagem a seguir, nos evidenciando que as mudanças acontecem na Libras com o passar dos tempos.

Figura 87 – Palmas

Fonte: INES²⁷.

Vale ressaltar que esse segundo sinal da Libras que representa a ideia de aplaudir, não é algo exclusivo da libras, mas sim um combinado entre as comunidades surdas de todo o globo, uma vez que para os surdos o bater palmas, com a representação padrão usada pelos ouvintes que causa o som de palmas, ganha mais significado se transferido para uma representação visual e não sonora, por isso o sinal se mantém da forma já descrita, apesar de na Libras ainda mantermos também outras variações para “parabenizar” como no exemplo acima.

Quadro 26 – Mudança fonológica de orientação das mãos no emblema francês





Nº: 75	EMBLEMA FRANCÊS: il pris la grosse tête! Ela pegou cabeça grande		
 Learn French with Vincent (2007)			
LIBRAS			
GAMA	OATES	INES	CAPOVILLA, RAPHAEL & MAURICIO
			
		CHEIO1	Cheio (4)

Fonte: elaborado pelo autor.

²⁷ Disponível em: https://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/main_site/libras.htm. Acesso em: 1 mar 2021.

O emblema francês, apresentado aqui, descrito com as mãos abertas ao lado do corpo, na altura da cabeça, com as palmas da mão viradas para cima, representando a ideia de “cheio” como se estivesse suportando uma grande carga acima dos ombros, na Libras sofre uma alteração na orientação das mãos, mantendo a mesma localização, movimento e configuração de mãos, mas com as palmas das mãos viradas para a cabeça, trazendo o mesmo sentido do emblema francês, contudo enfatizando a imagem de uma “cabeça cheia”. Também temos uma segunda variação, uma derivação desta primeira, cujo movimento diferente de já estar aos lados da cabeça, agora se inicia na frente da frente e expande para os lados trazendo a mesma imagem de “cabeça cheia”, contudo em um único movimento.

Quadro 27 – Mudança fonológica de orientação das mãos no emblema brasileiro

Nº: 95 EMBLEMA BRASILEIRO: “puxar o carro”, “vamos embora”			
 <p>(HARRISON, 1983, p.99)</p>			
LIBRAS			
GAMA	OATES	INES	CAPOVILLA, RAPHAEL & MAURICIO
			
	fugir	FUGIR	Sair (1), ir embora, fugir,

Fonte: elaborado pelo autor.

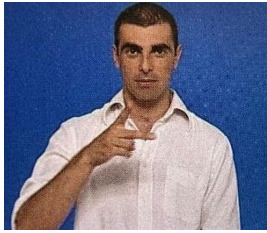


Aqui trazemos o emblema brasileiro que é comumente usados na sociedade, com a ideia de representar o ato de “ir embora”, como na primeira imagem do quadro acima, onde ambas mãos tem a orientação das palmas apontadas uma de frente a outra, com a direção dos dedos apontando para frente. Ao ser introduzido na Libras percebemos pela imagem do Oates (1969)

e posteriormente do INES (2006) e Capovilla, Raphael e Mauricio (2009), notamos a mudança que aconteceu na orientação das mãos, no período representado pelo OATES (1969) a orientação da mão era com os dedos apontados para frente, mas inclinados para cima. No INES (2006), uma das mãos tem os dedos apontados para cima e na outra para o lado. Já no Capovilla, Raphael e Mauricio (2009), as duas mãos mudam novamente a orientação, que se inicia com os dedos apontados para frente e se movimenta para apontar para cima. Todas possuem o mesmo significado, contudo percebemos uma derivação, podendo gerar múltiplas possibilidades. Isso evidencia que inicialmente o emblema teve grande influência na Libras, mas conforme os usos e o passar do tempo foram havendo mudanças.

d) mudança fonológica de Configuração das mãos e movimento;

Apresentaremos a seguir três emblemas que também influenciaram os sinais em Libras, contudo sofreram mudanças tanto de configuração de mão como de movimento.



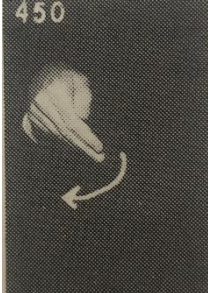


Quadro 28 – Mudança fonológica de configuração das mãos e movimento no emblema italiano

Nº: 15		EMBLEMA ITALIANOS: macarrão (convite para comer espaguete)			
 (Caon, 2010, p. 101)					
LIBRAS					
GAMA	OATES	INES	CAPOVILLA, RAPHAEL & MAURICIO		
					
	Macarrão	MACARRÃO	Macarrão		

Fonte: elaborado pelo autor.

Aqui trazemos o exemplo de “macarrão”, vindo do emblema italiano, descrito com a configuração de mão em “V” ou “2”, e o movimento simulando o enrolar do macarrão com o garfo, da mesma forma que se faz quando estamos comendo macarrão. Ao entrar na Libras, na forma representada pelo dicionário Oates (1969), percebemos que já houve uma mudança, apesar de manter a mesma forma do emblema, se adicionou a outra mão como base, simulando o prato. Podemos discutir que a mão base, que simula o prato não é obrigatória no uso da Libras, da mesma forma como acontece com o sinal de “café” em que uma mão simula o segurar de uma xícara com o movimento de tomar, temos a segunda mão simulando o segurar do pires, mas muito comumente o sinal de café é feito apenas com a primeira mão, não tendo a segunda como obrigatória, da mesma forma aconteceu com a versão de macarrão apresentada em Oates (1969). Posteriormente houve mais mudanças da configuração de mão, como percebemos nas representações do INES (2006) e Capovilla, Raphael e Mauricio (2009), onde a mão não mais é na configuração de “V” ou “2”, mas em “R” com o polegar levantado, contudo cada um apresenta um movimento diferente, no INES (2006) sendo um movimento em espiral, com as mãos se distanciando e no Capovilla, Raphael e Mauricio (2009) ser somente um movimento circular. Isso nos mostra que o sinal passou por influência do emblema italiano, contudo, nesse caso, as mudanças foram maiores, chegando a variações mais diferentes. Lembrando também que é importante ressaltar que o uso do o sinal de macarrão na Libras atualmente tem muito mais variações, mas esses citados foram os registros encontrados.

Quadro 29 – Mudança fonológica de configuração das mãos e movimento no emblema francês




Nº: 77		EMBLEMA FRANCÊS: On se tire! Nós puxamos um ao outro	
 <p>Learn French with Vincent (2007)</p>			
LIBRAS			
GAMA	OATES	INES	CAPOVILLA, RAPHAEL & MAURICIO
 <p>19. Partir</p>	 <p>450</p>		
	Embora	RUA2, ENDEREÇO	Rua, endereço

Fonte: elaborado pelo autor.

O emblema francês apresentado, com a palma da mão para baixo e com a outra mão batendo na palma da primeira, lembra o emblema brasileiro de “ir embora”, porém com um significado parecido. Também temos um emblema italiano parecido com esse do francês, com o mesmo significado de “pedir para ir embora” ou “mandar alguém embora”, contudo expressado de forma mais rígida e com o movimento mais forte em contraste a forma francesa de expressar que é mais suave e delicada. Não podemos ao certo afirmar que o emblema tem origem francesa, pois o italiano também usa esse emblema, onde geralmente o uso é maior, pois assim como palavras são emprestadas de uma língua para outra, também são os emblemas. Agora, analisando e olhando atentamente para a língua de sinais francesa e também a italiana, percebemos a mesma influência do emblema, principalmente quando analisamos os primeiros registros do Gama (1875), vemos o emblema já citado e percebemos que o emblema influenciou as línguas de sinais, seja ele originado na França ou na Itália. Assim, o sinal em Libras primeiro representado no Oates (1969), com o significado de “embora” usava apenas uma mão, conforme

Xavier (2014) nos apresenta as possibilidades de uso de uma ou duas mãos, com um movimento direcionado para cima, que hoje interpretamos como a ideia de “mandar embora”, ou mandar “para rua”, contudo percebemos que com o passar do tempo o significado foi recebendo novas conotações, como o sentido de “rua” ou “endereço”, tanto nos registros do INES (2006) como do Capovilla, Raphael e Mauricio (2009), contudo passando por variações na configuração de mão, que era com a mão mais reta e foi se curvando, e também uma alteração no movimento, que no emblema era com uma lado da mão batendo na palma da outra, e passou a ter o movimento de deslize. No INES (2006) de uma forma mais curta e repetitiva, com o movimento de vai e vem, e no Capovilla, Raphael e Mauricio (2009) com um único movimento mais longo passando por todo o outro braço de apoio, conforme observamos nas imagens acima. Assim podemos perceber que apesar de muitas mudanças, todas se alinham a uma mesma família, tanto na questão conceitual como na questão da forma do sinal, podendo assim concluir que todas essas formas usadas hoje na Libras foram influenciadas pelos mesmos emblemas.

Quadro 30 – Mudança fonológica de configuração das mãos e movimento no emblema brasileiro

Nº: 138		EMBLEMA BRASILEIRO: Que idiota	
 <p>Babbel Brasil (2016)</p>			
LIBRAS			
GAMA	OATES	INES	CAPOVILLA, RAPHAEL & MAURICIO
			
		IDIOTA	Idiota

Fonte: elaborado pelo autor.

Chegando ao nosso exemplo de emblema brasileiro, conseguimos observar um emblema muito usado no Brasil, normalmente em situações de provocação e zoação ou insulto, também usado de forma mais informal, para a ideia de “idiota”, que é o emblema descrito com a mão fechada em “S” batendo com o lado do indicador e polegar na parte central da testa. Já em Libras o sinal com a mesma conotação tem a configuração de mão em “Y”, na mesma localização do emblema, contudo com o movimento circular. Percebemos que os usos situacionais são os mesmos, tanto para o emblema como para o sinal, trazendo assim o mesmo significado. Este é um bom exemplo para evidenciar que o emblema brasileiro teve influência na Libras, com aspectos fonológicos diferentes como a configuração de mão e o movimento. Os registros aqui apresentados, tanto do INES (2006) quanto do Capovilla, Raphael e Mauricio (2009) trazem o termo em português como “idiota”, porém vale dizer que nos usos da Libras, esse sinal não possui apenas esse significado, podendo ser usado em outras situações, com ao dizer que alguém é “bobo” não sentido de levar tudo na brincadeira ou “bobinho”, “mole” no sentido de aceitar que outros se aproveitem de alguém, lembrando também que esse é um sinal mais comumente usado antigamente e na região do Rio de Janeiro. Por meio das análises foi discutido se os emblemas sofreram influências, de acordo com nossa pesquisa, afirmamos que sim, porém é possível que com novos estudos, essa afirmação venha a se fortalecer mais ou mesmo que seja comprovada outra hipótese acerca desse assunto. É importante, por isso, que as pesquisas continuem a serem desenvolvidas.

e) Mudança fonológica de movimento e orientação de mãos;

No próximo exemplo apresentaremos um emblema que passou por uma mudança de movimento e de orientação das mãos, esse diferente dos acima terá apenas um quadro, contudo é um fato interessante que ocorre.

Quadro 31 – Mudança fonológica de movimento e orientações de mãos no emblema italiano

Nº: 1		GESTO ITALIANO: Perfeito	
 <p>(Caon, 2010, p. 43)</p>			
LIBRAS			
GAMA	OATES	INES	CAPOVILLA, RAPHAEL & MAURICIO
			
		PERFEITO	Perfeito

Fonte: elaborado pelo autor.

Esse emblema, de origem italiana, descrito com a configuração da mão em um formato de “anel” entre os dedos indicador e polegar, e com os demais dedos levantados, com a palma da mão virada para dentro, na posição em frente ao corpo do lado contrário ao da mão, com o movimento arrastando horizontalmente para o lado oposto, representa “perfeito”, ele é muito comumente usado na Itália, por todo o território italiano. Esse emblema tem influência na Libras no sinal de “perfeito”, e nela conseguimos observá-lo em 3 variações, pelos dicionários analisados. Não há registro dele no dicionário Gama (1875) que é mais antigo, contudo, no dicionário Oates (1969) ele é representado por um sinal composto, primeiramente com a mão na configuração em “A” segurando a parte inferior da orelha entre os dedos indicador e polegar, segurando e movimento de forma curta e rápida para frente e para trás, seguido do sinal com a

configuração de mão em anel, da mesma forma que o emblema, no entanto com a orientação da mão na horizontal com a palma para trás descendo com um movimento vertical. Percebemos, dessa forma, que a configuração da mão se manteve como a do emblema, mas que houve uma mudança no movimento, que no emblema era horizontal e no Oates (1969) vertical. No dicionário do INES (2006), temos apenas um sinal, mantendo a mesma configuração do emblema, na posição em frente ao corpo, com a orientação da palma voltada para trás, porém com uma inclinação, e o movimento também segue para baixo na diagonal. Já no dicionário do Capovilla, Raphael e Mauricio (2009), a configuração de mão é a mesma, a mesma localização como no do INES (2006), contudo a orientação com a palma para dentro é na horizontal e o movimento é vertical para baixo. Percebemos que de uma forma geral a mudança fonológica aconteceu no movimento e também na orientação da mão, assim conseguimos chegar em duas hipóteses para essas mudanças, conforme discutiremos abaixo:

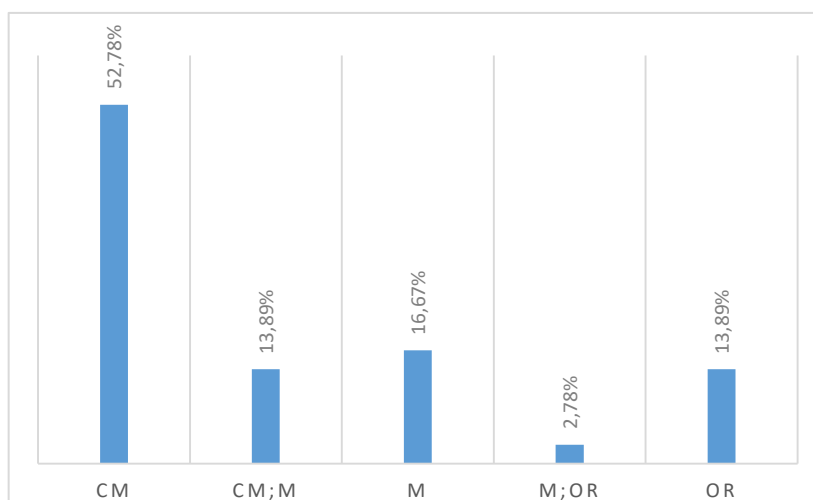
Hipótese 1 – Podemos pensar que o sinal foi influenciado por não somente um, mas por dois emblemas, o primeiro representado na primeira figura do quadro acima, “perfeito” e um segundo, já descrito na representação do sinal do Oates (1969), como aquele com o movimento de “segurar a orelha”. O primeiro emblema, traz um significado mais claro de “perfeição”, já o segundo podendo ser usado em diferentes ocasiões, com diferentes possibilidades de significado como “ótimo”, “excelente”, “perfeito”, sempre no contexto de aprovação. Pode ter acontecido, que a comunidade surda da época, influenciada por esses dois emblemas tenha trazido para a Libras o sinal composto juntando os dois emblemas. A hipótese é que com o uso frequente do sinal, da forma como representado no emblema trazia uma tensão ao uso, pois fazer um sinal na orelha seguido de um sinal que tem um movimento horizontal que se inicia do lado oposto causava um “desconforto”, o que chamamos de um sinal tenso, de forma que ao começar a fazer o segundo sinal no movimento vertical e não no horizontal tirava essa tensão na sinalização deixando o sinal mais confortável. Isso poderia explicar a mudança no movimento do sinal. Continuando nessa mesma hipótese, o emblema foi mudando conforme o uso, pensando nessa mesma ideia de diminuir a tensão na execução do emblema, que ao longo do tempo, o que era composto teve uma diminuição do uso da primeiro emblema (segurando a orelha) até se consolidar com apenas o uso do segundo emblema, até que, pela mesma razão de diminuir a tensão na execução do sinal, o movimento que antes era horizontal começa a se inclinar, uma vez que o movimento horizontal demandava de subir o braço para depois descer, ficando menos tenso ao ser executado na diagonal com a orientação da mão mais inclinada. Vale lembrar também que essas formas foram as encontradas nos registros, porém, ainda temos muitas variações para o sinal “perfeito” em Libras, ao observarmos seu uso na sociedade, tendo

variações que mantêm a mesma configuração de mão, mas pode ser com a orientação da palma para frente, ou tendo diferentes movimentos, como na vertical, horizontal, diagonal para cima ou para baixo entre outras formas, também tendo uma ampliação em seus significados e usos, podendo também representar o sinal de “certo”, “ótimo”, “luxo”, “chique” entre outros.

Hipótese 2 – Já na segunda hipótese, temos que refletir e discutir, apesar de ser apenas uma possibilidade e não termos como dar certeza, mas podemos assumir que existe a possibilidade do dicionário Oates (1969) ter se equivocado quanto a esse registro. Sabemos que Libras era a terceira língua do criador do dicionário e que ele pode ter incluído questões referentes não à Libras, mas à ASL (American Sign Language), esta que era sua segunda língua. Podemos discutir isso hoje, pois sabemos que na época a pesquisa conhecida na área e os registros eram dos estudos de Stokoe, assim não temos como afirmar que o sinal representado no dicionário Oates (1969) tratava-se do sinal usado em Libras, pois podia também ser um classificador. Então, ao observarmos o sinal composto, com os dois emblemas, podemos pensar que na verdade tratava-se de um sinal não composto, mas de um registro de usos recorrentes em frases ou contextos onde o emblema segurando a orelha era normalmente seguido do sinal de perfeito, que acabou por ser registrado como um único sinal. Suponhamos uma situação em que o contexto fosse um elogio a uma comida que estava muito boa, o sinalizante diria “- esta comida está deliciosa, perfeito!” Usado neste contexto, o emblema segurando a orelha para representar “delicioso” seguido do sinal “perfeito”. Assim, da mesma forma como citado na primeira hipótese, o sinal passaria posteriormente por mudanças para se adequar a formas menos tensas de falar até ficar na forma como é normalmente usado atualmente.

Baseado em tudo que foi apresentado e no que discutimos até então, podemos sim afirmar que muitos sinais vieram de influências de emblemas.

Conseguimos apresentar que dentre os emblemas encontrados, 25 sofreram mudanças fonológicas, dentre esses, pelas nossas análises, percebemos que a maioria das mudanças acontecem na configuração de mão, seguida dos movimentos, depois em mesma quantidade na orientação de mão somente e na configuração de mão juntamente com o movimento e tendo com menor representação as mudanças concomitantes no movimento e orientação, conforme podemos observar no gráfico abaixo:

Gráfico 4 – Mudanças fonológicas

Fonte: elaborada pelo autor.

Portanto, observando os 37 casos encontrados e analisando mais detalhadamente os 13 emblemas aqui discutidos, conseguimos concluir que os sinais em Libras, assim como acontece com outras línguas orais, sofrem mudanças, fazem empréstimos, se adequam, se adaptam aos usos de acordo com as influências sociais e culturais. Isso tudo nos evidencia que dentre os gestos, os emblemas aqui analisados, têm influências na Libras, contudo ainda são necessárias mais pesquisas, com registros históricos, principalmente para que possamos identificar e descrever com mais clareza essas mudanças fonológicas que também são causas das muitas variações da língua. Um ponto muito importante para ressaltarmos aqui é estar atento ao movimento da língua que tende a buscar formas de diminuir a tensão na forma de falar, e não somente isso, mas que essas mudanças fonológicas também podem ser processos fonológicos ocorridos, processos de gramaticalização ou ainda devido a outros aspectos sociais e culturais na forma como a língua se comporta.

Vale dizer que baseado no que observamos nos 37 emblemas que passaram por mudanças fonológicas, que também poderíamos fazer uma discussão com os outros 108 emblemas, 75% do total de emblemas encontrados, que se mantiveram iguais ao serem incorporados à Libras. É interessante refletirmos que há uma grande possibilidade que esses 108 emblemas ainda venham a passar por mudanças fonológicas futuramente, por isso é importante continuarmos a observar e descrever esses fenômenos conforme os usos da Língua. É importante ressaltar também, que os 145 emblemas encontrados e citados nesta tese, não são todos os emblemas que encontramos na Libras, ainda há muitos que não foram registrados e que demandariam muito mais pesquisa e coleta para que sejam contemplados, aqui focamos nos originários da França, Itália e Brasil, mas que ainda poderíamos olhar influências

portuguesas, inglesas dentre muitas outras para termos um parâmetro maior, se tivéssemos esses registros.

Assim, esta tese busca fomentar uma reflexão sobre a importância em valorizar os gestos como sendo parte da língua, uma vez que tivemos uma maior valorização para registro e pesquisas dos gestos e emblemas para que eles também tenham seu lugar de prestígio ao pensar nos registros da língua, como em dicionários, por exemplo da língua portuguesa, inglesa ou outra. Isso possibilitaria que tivéssemos estudos mais aprofundados e poderíamos olhar de forma mais geral para as influências que esses elementos têm na Libras.

Nesta seção, apresentamos as análises dos emblemas de forma prática, observamos as mudanças fonológicas, chegando aos resultados que os emblemas influenciam a Libras e as mudanças de configuração de mão, orientação e movimento acontecem. Ressaltamos que as análises são baseadas em registros fotográficos apenas, uma vez que naquela época não tínhamos tecnologias que garantissem uma forma de registro mais adequada, porém, apesar das limitações, conseguimos obter resultados e chegar às conclusões já apresentadas aqui. A seguir, no próximo capítulo faremos as discussões acerca dos aspectos que permeiam esta tese.

5 DISCUSSÃO

Os autores Moura (2000) e Carvalho (2007) apresentam um histórico dos surdos no mundo e no Brasil com a finalidade de contribuir para os Estudos dos Gestos que discutem a origem da linguagem humana e de como esse processo se iniciou: com gestos, com a verbalidade ou concomitantemente. Historicamente, no Egito antigo, pessoas surdas eram cultuadas como mensageiros divinos, como instrumentos de acesso às deidades. A comunicação entre tais mensageiros traz luz ao fato que a comunicação por meio de gestos era algo recorrente em tal civilização. Já na Grécia antiga, as pessoas com deficiência, inclusive as pessoas surdas, não eram vistas como seres humanos, pois não eram vistos como capazes de desenvolver pensamento racional e lógico. Essa relação de poder existente nessa sociedade, se analisada por uma perspectiva sociolinguística, evidencia que comunicar-se por meio de uma língua gestual era uma forma inferiorizada. Isso demonstra que o uso de gestos não é algo recente, se estende por um longo período na história da humanidade, mesmo não se podendo afirmar o que surgiu primeiro, temos constatado que o uso dos gestos é tão antigo quanto a história da humanidade. Ainda assim, o uso de gestos é visto como algo inferior ao uso da linguagem.

Seguindo na história, no ano de 1880, é realizado um congresso em Milão onde por consenso se exclui o uso das línguas de sinais no processo de escolarização da pessoa surda. Um pouco antes, em 1857, no Brasil, é criada a primeira escola para surdos, e para tal, o professor surdo francês E. Huet é convidado a integrar o instituto. Temos aí um marco importante para os surdos brasileiros além do primeiro registro de sinais em língua de sinais que eram utilizadas por esses surdos. Não que anteriormente a fundação da escola não houvesse surdos que apresentavam uma língua de sinais não comunitária, uma vez que o próprio instituto é criado pela demanda de escolarização das pessoas surdas que aqui viviam, mas é a partir daí que se dá início ao que chamamos de língua brasileira de sinais. Com a vinda do primeiro dicionário que se tem registro (GAMA, 1875) e com um professor que se comunicava utilizando Língua de Sinais Francesa Antiga (LSFA), as primeiras formas de sinais são registradas. A história demonstra que já nessa época o uso da língua de sinais tinha estatuto inferior à língua oral e que por isso as pessoas surdas precisavam passar por um processo de ‘ajuste’ para conviver em sociedade. A sociolinguística marca isso como uma forma de preconceito linguístico, preconceito com a modalidade de língua utilizada. Os estudos dos gestos apontam que em detrimento de se privilegiar a língua oral, nota-se que com a chegada dos imigrantes de outros países ao Brasil, da mesma maneira que o contato linguístico que deu entre as suas línguas orais, com seus empréstimos, se influenciaram mutuamente, não se levou em

consideração os gestos que também eram utilizados por essas línguas e que influenciaram o uso desses na comunicação dos que aqui viviam, como por exemplo alguns emblemas utilizados pelos italianos.

Historicamente, os estudos linguísticos que se voltaram para as línguas de sinais tinham como objetivo demonstrar que línguas sinalizadas e línguas faladas possuíam o mesmo estatuto, ambas sendo línguas naturais. Mas mesmo esses linguistas tentavam diferenciar o que era gestual do que era linguístico em suas análises, ou seja, os gestos ainda eram vistos como algo menos importante na linguagem humana (tanto para as línguas de sinais quanto para as línguas orais). É só com novos estudos linguísticos, que vão considerar os gestos como sendo parte integrante da comunicação humana para a produção de significado, é que se começa a questionar a visão linguística corrente que marginaliza tal forma de expressão. Pesquisadores como Kendon (1980), Liddell (1989, 2000, 2003), Wilcox (2004) analisaram os gestos e as línguas de sinais, comprovando que os gestos fazem parte das línguas de sinais e das línguas orais. No Brasil, McCleary e Viotti, (2011) foram os primeiros pesquisadores a romper com a teoria de que os gestos estão separados das línguas de sinais. Posteriormente, seus alunos Leite (2008) e Xavier (2006) começaram a pesquisar em suas respectivas áreas, e entenderem que os gestos fazem parte da língua de sinais.

Na seção de Fundamentação Teórica, associamos os estudos voltados para a fonologia e a duas perspectivas linguísticas: os estudos dos gestos e a sociolinguística. Dessa maneira, assim como as palavras em língua de sinais podem ser estudadas em unidades menores (isto é, seus parâmetros), também com os gestos isso pode ser feito. Gestos do tipo emblema, por exemplo, podem ser analisados nas partes que os compõem, justificando a sua escolha para esta tese. Os Estudos do Gestos já há algum tempo se dedicam a esse tipo de análise, sendo marginal aos estudos tradicionais realizados na Linguística. Essa área de estudos desenvolveu uma ampla teoria que carece ainda de mais estudos para que possa ser usada em comparação com o que já vem sendo realizado em outras áreas dos estudos linguísticos: autores diferentes conceitualizam e tratam os gestos de maneiras diferentes. Mas o consenso é que a comunicação humana não se dá apenas em um único modo, ou por uma única via. Toda comunicação humana é realizada de maneira multimodal, todo o corpo está envolvido para a produção de sentidos. Não restrito apenas ao que tradicionalmente é chamado de verbal. Várias categorias gestuais foram propostas que podem ser úteis ao se estudar as línguas de sinais. Dentre essas categorias, os gestos do tipo emblema, que possuem forma e significado convencionalizado, podem ser analisados à luz da sociolinguística, pois são utilizados recorrentemente em todas interações humanas nos mais diferentes idiomas. Entender que em situações de contato linguístico alguns

fenômenos que emergem, efeitos de tal interação, como empréstimos linguísticos, podem ajudar a elucidar como tais emblemas podem ser encontrados em como todas as línguas, e entender os processos de adequação fonológica, morfológica e de ressignificação do uso do gesto a língua que o emprestou.

A realização das análises pressupõe uma metodologia que se difere um pouco do que vem sendo feito nos estudos linguísticos uma vez que o estudo dos efeitos que o uso dos emblemas na Libras não foi realizado. A metodologia adotada é baseada na fundamentação teórica apresentada. Coletamos os emblemas utilizados em três países: Itália, Brasil e França, confrontados com os principais dicionários da Libras: Gama (1875), Oates (1969), INES (2016) e Capovilla, Raphael e Mauricio (2009). 75% dos emblemas que são utilizados nesses países foram encontrados nos dicionários, como itens lexicalizados, da mesma forma que são expressos nesses países, sem nenhum tipo de adequação fonológica. Já os outros 25% sofreram mudança fonológica em sua forma. Podemos inferir que os demais emblemas que ainda não tiveram esse tipo de adequação com o tempo poderão sofrer tal mudança, mas que só poderá se confirmar com uma futura análise diacrônica, o que pode ser feito com os itens que já passaram por tal mudança, trazendo a luz a motivação de tal fenômeno. As teorias linguísticas correntes disputam com os Estudos dos Gestos o estatuto de tais produções gestuais, se podem ser ou não consideradas como produções linguísticas. Nesta tese, se a análise se restringir apenas ao nível fonológico, pode-se dizer que esses emblemas são utilizados da mesma forma por todos. Porém, deve haver uma diferenciação sutil entre o que é considerado gesto e o que é considerado palavra em sua fonética e prosódia, que não se pretende neste estudo apontar qual seria essa diferenciação. Essa é uma reflexão que carece de mais investigação.

É a partir do dicionário de Oates (1969) que tivemos uma maior entrada dos emblemas em forma de registro. Isso provavelmente se deve por ser o primeiro dicionário sistematizado da Libras, assim, já fornecendo para os dicionários seguintes uma grande base de emblemas lexicalizados, que foram se expandindo com a adição de novos emblemas ou emblemas ainda não registrados na época. Incluindo esses itens. Com relação a natureza desses emblemas, os que são de origem italiana são os mais frequentes, em segundo lugar os emblemas brasileiros e por último os franceses. Talvez a maior incidência de emblemas italianos pode ser explicada pela língua italiana ter exercido grande influência e em seu contato com outras línguas e também pelo grande número de imigrantes italianos que se mudaram para o Brasil.

No que diz respeito às mudanças fonológicas encontradas entre os 25% de emblemas que adentraram ao léxico da Libras, as mais frequentes foram as mudanças da configuração de mão, mudanças sutis, onde ainda a relação com o emblema original ainda é perceptível, tais

como o estiramento de um único dedo, ou a não utilização dele. Já com relação a outro parâmetro, o movimento, as mudanças se deram em movimentos que eram feitos na horizontal sendo feitos na vertical. Alguns movimentos chamados de tensos, se modificam em não-tensos, modificação fonológica recorrente em todas as línguas. De todos os emblemas que passaram a fazer parte do sinal da Libras, esses que sofreram mudança fonológica se mostraram muito produtivos na formação de novas palavras, derivadas desse emblema original, sugerindo que esses emblemas funcionaram como morfemas raiz, de onde derivaram essas outras palavras. Embora essas análises não façam parte do escopo deste estudo, podem servir de base para futuros estudos fonológicos.

Dessa forma concluímos que os emblemas italianos, franceses e brasileiros que passaram a compor o léxico da Libras podem ser divididos de duas formas: i) emblemas que mantiveram os mesmos parâmetros; ii) emblemas que sofreram mudança em seus parâmetros.

Por meio de todo o desenvolvimento da tese, podemos levantar alguns pontos que não foram explorados aqui, porém que seriam interessantes de serem problematizados, questões das quais ainda não há muita literatura, são pontos que não iremos desenvolver ou nos aprofundar, contudo são discussões que foram levantadas durante a banca de defesa da tese e pontos que merecem uma atenção aqui, para despertar possibilidades de reflexão.

Um dos pontos que foi levantado e é importante nos atentarmos e discutirmos, é quanto aos registros. Identificamos vários problemas nas formas como os emblemas foram registrados. Se olharmos para o Brasil, o primeiro registro que temos da língua de sinais foi o *Iconographia dos signaes dos Surdos-Mudos - Gama (1875)* que na verdade era uma reprodução do mesmo dicionário da língua de sinais francesa com uma tradução para o português daquilo que estava escrito em francês, era por meio de figuras estáticas que não representavam bem os movimentos dos sinais, após o Gama, tivemos um longo período até chegarmos no Oates – *Linguagem das Mãos* publicado em 1969, que se propôs a fazer alguns registros, contudo, percebemos que o número de sinais era muito pouco, o que não condizia a todos os sinais que eram usados pela comunidade surda na época, e o registro também era por meio de imagens fotografadas, claro que poder olhar para esse registro é uma ótima oportunidade para pesquisas e precisamos levar em consideração que naquela época o acesso a tecnologias, principalmente aqui no Brasil era restrito, ainda mais comparando com outros registros da época, como nos Estados Unidos onde já era usado a gravação em vídeo. Posteriormente no dicionário do INES – *Dicionário da Língua Brasileira de Sinais (2005)*, conseguimos uma tecnologia que abrangesse melhor a forma de registrar os sinais, mas ainda de uma forma regional. Outro aspecto que vale refletirmos é que no Oates, a forma do registro se aproximava a um glossário, com o registro de um sinal e a

correlação a uma palavra em português e não trabalhava diretamente o conceito do sinal em Libras, de forma que o conceito ainda estava em português. Esses são alguns aspectos falhos que podemos perceber nesses registros. Já no Capovilla – Novo deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilingue da Língua Brasileira de Sinais, temos uma expansão maior, contudo, mantém-se também os mesmos problemas já identificados anteriormente, como trazer o conceito do sinal em português, sem uma conceitualização direta em Língua de Sinais, esses são os principais aspectos negativos que podemos perceber. Por outro lado, temos os emblemas que se assemelham aos sinais, assim a forma de registro pode ser por meio de um vídeo ou de uma fotografia, com um glossário, contudo a forma como as pessoas usam os emblemas são muito diversas, assim os registros acabam limitando o significado desses emblemas. Tomemos por exemplo o emblema “positivo” com a mão fechada e o dedo polegar levantado, em um registro ele acaba recebendo o significado de “positivo”, como em um glossário, o que acaba deixando toda a significação do emblema pobre e limitada, sem abranger todos os conceitos e usos diversos que o emblema pode assumir, pois este mesmo emblema pode ser usado em diferentes contextos com diferentes significações, por isso precisamos pensar em novas formas de registramos todos esses usos, pensamos daqui pra frente que o uso de filmagens, gravações e novas possibilidades seriam as melhores formas de prosseguirmos a fim de desenvolvermos e avançarmos em novas pesquisas.

Além dos problemas percebidos quanto aos registros, um ponto importante de discutirmos é acerca do conceito de dicionário. Os dicionários possuem, já pela literatura uma definição e suas características, e baseado nesses aspectos, ao olharmos para os registros da Língua de Sinais Brasileira que apontamos aqui, seja o Gama, Oates, INES ou Capovilla, podemos dizer que por definição, esses não se enquadram como dicionários. Contudo vale também ressaltarmos que isso não é um problema para os estudos e a nossa pesquisa, pois ao olharmos para todo o contexto histórico brasileiro, são esses os registros que nós efetivamente temos para poder olhar para a língua, assim como linguistas que se propõem a analisar a língua de sinais, precisamos flexibilizar essa questão. Por isso nesta pesquisa decidimos devido a todo esse contexto considerar os registros apresentados como dicionários, apesar de termos a consciência que por definição e em seu real sentido e significado como conceito eles possam ser classificados mais como glossários que como dicionários.

Cabe discutirmos igualmente, um outro aspecto muito importante para os estudos na área da linguística, que é quanto à fonologia, um ponto inclusive levantado e comentado durante a banca de defesa desse trabalho. Na tese, não foi aprofundado anteriormente a respeito da fonologia, contudo aqui vale trazer uma breve reflexão sobre o tema. Os estudos fonológicos,

tradicionalmente estudam as unidades mínimas da língua que não têm significado, contudo, novos estudos vêm de encontro a esse conceito mais tradicional, com uma abordagem que difere desse entendimento. Questionados na banca sobre em quais das abordagens essa tese se baseia, se na concepção fonológica mais tradicional, da unidade mínima sem significado ou se nas novas abordagens, trazemos aqui uma breve explanação sobre: esta tese não se propõe a fazer a discussão acerca da fonologia, contudo nos baseamos na concepção tradicional, da unidade mínima sem significado, pois acreditamos que por meio dela poderíamos quebrar os emblemas nas unidades mínimas, e analisa-los na mesma perspectiva que analisamos os parâmetros formacionais da Libras, porém, acreditamos que essa discussão mais profunda sobre a concepção da fonologia possa ser desenvolvida em outro momento em outro estudo.

Outro ponto que brevemente discutiremos aqui, é acerca dos estudos dos gestos, que são estudos com muitas variações nos conceitos, e não há uma única abordagem e leitura sobre como analisa-los. Por exemplo, há autores que dizem que os emblemas podem ser quebrados em unidades mínimas, outros autores dizem que não, alguns vão dizer que esse fenômeno depende de certas circunstâncias, de forma que não há um consenso. Pelos estudos fonológicos das línguas de sinais, podemos afirmar que a Libras, como língua, pode sim ter seus sinais quebrados nessas unidades, que possuem suas propriedades linguísticas. Por meio dessa disso, e das discussões que trouxemos aqui, podemos afirmar que os emblemas possuem as mesmas propriedades e características de expressividade que um sinal da Libras pode ter, trazendo um conceito, uma significação clara, assim, podendo da mesma forma, como um sinal da Língua de Sinais, ser quebrado em unidades linguísticas, contudo para isso usamos a mesma abordagem das unidades baseadas nos parâmetros da Língua de Sinais, não procuramos outras formas de dividir os emblemas em unidades pois os próprios parâmetros usados na Libras davam conta de descrever e dividir os emblemas.

Uma reflexão que também é muito interessante de fazermos aqui, que já foi questionado em outros trabalhos, por diversos linguistas é se os sinais e os emblemas são a mesma coisa, ou se seriam conceitos diferentes, se deveriam ser estudados separados, essa é uma discussão bastante complicada. Aqui precisamos retomar o termo emblema, o autor David Efron (1941) quem começou a usar esse termo, tratando não da comunidade surda, ou de língua de sinais, mas da comunidade ouvinte, decidiu usar o termo emblema para separar aquilo que era língua oral daquilo que eram os gestos, os emblemas que eram convencionados socialmente em uso, pela localidade ou cultura, já o conceito de sinal, surge em outro cenário, com outra proposta, já focada na comunidade surda e nas línguas de sinais, por terem essas origens distintas, quando colocados lado a lado surgiu esse questionamento, se seriam ou não a mesma coisa. A forma

que surdos e ouvintes se expressam, são bem diferentes, os ouvintes usam a língua oral e os emblemas, as vezes de forma simultânea ou de forma isolada, já a comunidade surda se expressa diretamente em língua de sinais, sim, também com suas variações, mas em sua essência de forma distinta às línguas orais. Ao fazermos o recorte para o estudo dos emblemas, olhando suas representações como figuras por exemplo, não encontramos diferenças entre eles e os sinais, no entanto ao expandirmos nossas análises, sejam das línguas de sinais ou dos emblemas, eles começam a se diferenciar. Por exemplo, se um estudo tem como objetivo a fonética ou a prosódia, poderemos notar as diferenças entre os sinais e os emblemas, já se o estudo for fonológico não notaremos as diferenças. Aqui nesta tese, não gostaríamos de cristalizar uma concepção de serem iguais ou diferentes, pois ao usar a língua de sinais, se usam os emblemas da mesma forma, eles influenciam a língua, entram nos discursos e os falantes se apropriam de seus usos, de forma que não há sentido, na proposta aqui, de separarmos os emblemas da língua, em pesquisas futuras, dependendo dos objetivos, poderá caber a discussão se os emblemas e os sinais são ou não a mesma coisa.

Também é importante falarmos do conceito de emblema, criado pelo autor David Efron (1941), ele conseguiu criar o conceito fechado, já estruturando seus aspectos, sem deixar possibilidades para expansão do mesmo. Na área da linguística ainda há uma discussão se o conceito está completo, se precisaria de alguma atualização, porém pelas definições trazidas por David Efron, o conceito já está determinado, como por exemplo se pensarmos na palavra escrita, que já tem um significado, da mesma forma o emblema já traz o conceito, sua expressão, e seu significado, podemos entender como uma convenção social, que vai depender da localidade, da cultura, assim como é o conceito de uma palavra, o conceito de um sinal, igualmente podemos definir o conceito de emblema.

Aqui trazemos um esclarecimento, nesta tese, discutimos diversos temas e assuntos nos capítulos anteriores, um capítulo para falar sobre a fonologia, um sobre os estudos dos gestos, outro sobre os estudos sociolinguísticos. Entendemos que algumas dessas discussões, como da fonologia, ou mesmo dos estudos dos gestos, que foram bastante abordados, apesar de bem desenvolvidas em seus devidos capítulos podem parecer não dialogar diretamente com as análises desenvolvidas nos capítulos seguintes ou com os resultados obtidos, contudo precisamos lembrar que essas teorias se relacionam com a forma como analisamos os emblemas, pois esses podem contribuir para o desenvolvimento de novas pesquisas, sabendo que são essas as teorias que nos embasam, não podemos deixá-las esquecidas. As relações com as análises muito se baseiam nos objetivos da pesquisa, ao trazer esse conjunto de teorias com

os dados apresentados, podemos promover através de novos objetivos, novas pesquisas, esse é o intuito de termos trazido todas as reflexões teóricas da tese.

Buscamos mostrar, nesta tese, que a língua de sinais não é marginal ou apartada socialmente, e que é influenciada por sua cultura, história e política. A Libras é uma língua natural, produzida por seres humanos e por isso também se apresenta multimodalmente, tanto gestualmente quanto verbalmente.

Esperamos agora que com novas pesquisas, as quais, independentemente dos objetivos, tragam mais informações sobre os gestos e as línguas de sinais.

6 CONCLUSÃO

Após toda a trajetória da pesquisa desta tese, após termos apresentado os emblemas como parte da Libras, de observarmos o processo como isso ocorre, as influências na língua e por meio das considerações apontadas durante a pesquisa, e pelos resultados obtidos por meio das análises, podemos chegar à conclusão de que foi possível identificar e comprovar que os emblemas têm grande influência na Libras. Também podemos concluir que para conseguirmos analisar como essas influências acontecem, precisamos olhar para o contexto da educação de surdos e de sua trajetória, olhar para todo o percurso histórico da comunidade surda, e também é importante termos em mente que se não olharmos para esses fatores gerais não é possível desenvolver pesquisas sobre a Libras. Do mesmo modo, precisamos olhar a história brasileira, como historicamente o Brasil é um país que passou por inúmeros processos de imigração, como, por exemplo, a vinda de incontáveis famílias italianas e os impactos que esses fenômenos acarretam, tal como o grande número de emblemas de influência italiana que adentraram na língua de sinais do país.

Os estudos a respeito dos gestos começaram há muito tempo atrás, contudo, historicamente, e também pelo contexto dos estudos linguísticos que temos, são poucas as pesquisas que se empenham em aprofundar os estudos acerca dos emblemas, uma vez que a maioria dos estudos linguísticos predominantemente valorizam a língua como um sistema fechado, observando e analisando a sua forma escrita e a sua fala, deixando de lado a expressividade corporal como os gestos e os emblemas. Podemos perceber que esse cenário está passando por pequenas mudanças, pois os gestos e a expressividade corporal humana que acompanham a fala são de extrema relevância para entendermos a língua e as interações sociais, que estudos como o apresentado nesta tese tem ganhado espaço e atenção, ainda que de forma muito tímida ainda. Podemos observar que historicamente houve um processo em que a forma de observar esses fenômenos de gestos foi evoluindo, sendo mais reconhecida, o que pode nos permitir a percepção e a discussão que a língua não é apenas esse sistema fechado, mas que ela também é composta por toda a expressividade do corpo, dos gestos, assim por meio desse processo, os estudos linguísticos de uma forma geral, tem tido uma grande evolução, uma grande mudança, assim, podemos então exaltar que a Libras, como uma área de estudos linguísticos, tem contribuído para uma grande mudança e evolução no próprio conceito do que é língua, vindo reforçar os fenômenos como os gestos e os fenômenos corporais como parte da língua.

Ao articularmos a tríade dos estudos do gesto, dos estudos linguísticos, a dos estudos das línguas de sinais, partindo das primeiras pesquisas que surgiram e das contribuições das poucas pesquisas que se sucederam nesta empreitada de se aprofundar nos conhecimentos acerca dessas línguas, podemos, por meio da abordagem sócio linguística, identificar e afirmar que a Libras, e também as demais línguas de sinais, representam um processo humano, um fenômeno natural, pois é envolta por diversos fatores, como culturais, linguísticas, sociais, entre tantos outros e é por meio desse envolvimento que a língua de sinais vai se desenvolvendo. Dessa forma, podemos refletir e chegar à conclusão de que não é possível olhar para a língua de sinais somente como um sistema fechado, pois essa seria uma visão empobrecida da língua, o ideal seria olharmos por uma perspectiva externa, olharmos para a língua como um todo, e começar a olhar as línguas de sinais também em relação aos aspectos que a circundam e como todos eles são importantes e influenciam a língua como um fenômeno natural humano, dessa forma poderemos caminhar e evoluir nas pesquisas.

Outro ponto específico que podemos concluir por meio desta pesquisa, ao observarmos a influência dos emblemas na Libras, por meio da metodologia usada, na consulta de quatro dicionários: Gama (1875), Oates (1969), Ines (2006) e Capovilla, Raphael e Mauricio (2009), conforme já apresentado. O que precisamos discutir brevemente, é a questão de que os dicionários são apresentados por meio de imagens estáticas impressas, aqui cabe dizer que para uma pesquisa que se presta a olhar para uma língua como a Libras, o ideal seria que houvessem gravações em vídeo de pessoas interagindo de uma forma natural, isso seria o mais adequado, contudo temos que esclarecer que os dicionários tem sim o seu papel importante, que eram o possível de ser desenvolvido naquela época, que sem eles não seria possível ter desenvolvido essa pesquisa, sem eles não seria possível termos esses registros, então, são eles que nos asseguraram os resultados e pelos quais pudemos obter os resultados, podendo olhar para a língua com um recorte temporal maior, sendo o Gama (1875) o mais antigo deles, depois o Oates (1969), seguido pelo do INES (2006), e finalmente o Capovilla (2009), o mais recente. É importante lembrarmos, claro que sem pararmos com as pesquisas com dicionários, que são de grande importância para os registros diacrônicos, mas que fique como uma sugestão que para as futuras pesquisas sobre a língua de sinais na área, sejam estimuladas também aquelas que olham para a língua de sinais em sua forma natural de interação social, na relação das pessoas de uma forma espontânea, sem a mediação de situações pré estabelecidas ou ambientes controlados, mas buscar registros da língua de sinais em sua forma mais autêntica, dessa forma as pesquisas linguísticas sobre a Libras se enriqueceriam grandemente.

Podemos discutir também, por meio da pesquisa desta tese, acerca dos dados levantados e dos resultados obtidos, (aqui vale ressaltar, que os números a seguir são baseados no total de exemplares que essa tese se propôs a analisar, temos que considerar que caso, a amostra fosse maior, essa porcentagem poderia ser diferente) que baseados na amostra coletada para pesquisa, conseguimos chegar ao resultado que 75% dos emblemas que entraram na Libras não sofreram nenhuma mudança fonológica, que os emblemas se mantiveram da mesma forma como já eram usados anteriormente, por conseguinte, 25% desses emblemas sofreram alterações fonológicas em seus parâmetros. Podemos pensar que esse é um número pequeno, se comparado ao todo, contudo, essas mudanças acontecem por meio de vários fatores, já citados na seção de análise e podemos então refletir e chegar à hipótese que, por meio desses mesmos fatores, esses 75% de emblemas que não sofreram mudanças, podem, com o tempo, e com uso e evolução natural da Libras, ainda passarem por essas mudanças fonológicas em seus parâmetros.

Outro ponto que é importante ressaltarmos é que toda essa influência pela qual a Libras passou é um fenômeno natural, que acontece da mesma forma com outras línguas, inclusive com línguas orais. Isso serve como um grande fator para reforçarmos a afirmação de que a Libras, e as demais línguas de sinais, são línguas naturais, que sofrem influências culturais, sociais, políticas e históricas. Os fenômenos e os processos linguísticos tanto nas línguas de sinais quanto nas línguas orais acontecem da mesma forma e é possível comprovar, através desta tese, que a língua de sinais, é uma língua natural, uma língua humana. Por conta disso, chegamos a uma questão que precisamos refletir, um problema que enfrentamos até nos dias atuais, é quanto ao conceito que temos de língua, que temos limitações contextuais por conta da história dos estudos linguísticos e da forma como a língua era conceituada e analisada. A partir de pesquisas e estudos que foram sendo desenvolvidos, esse conceito de língua pode ser ampliado, entendendo que ela não deve mais ser vista somente como um sistema fechado, mas sim como um fenômeno social que passa por processos que são influenciados pelo seu ambiente social e pela sua sociohistória.

Os autores McCleary e Viotti (2011) dizem que “gesto e língua podem viver em harmonia”. Essa citação traz uma reflexão muito relevante dizendo que a língua pode viver em harmonia com os gestos, sendo assim, chegamos à conclusão de que, por meio das reflexões e análises obtidas através da pesquisa desta a tese de doutorado, analisando os dados coletados e os resultados obtidos, é possível percebermos que por conta dos emblemas terem influenciado a Libras, é possível refletirmos que os estudos do gesto e os estudos linguísticos podem e devem se articular.

Assim é importante lembrarmos que muitas vezes os estudos dos gestos acabam não sendo considerados como relevantes ou como objeto de estudo das línguas, porém, como pesquisadores, precisamos abraçá-los e incorporá-los em nossas análises, e começarmos a dar mais atenção a eles, ampliando até mesmo o próprio conceito do que é língua. São muitas as reflexões que podemos desenvolver, porque os estudos dos gestos são muito abrangentes, e, dessa forma, conseguimos chegar à conclusão, olhando por uma perspectiva geral, que a Libras é uma língua, que como todas as outras passa por vários processos, vários fenômenos como foi comprovado na tese aqui apresentada, que como uma língua, ela passa por influência de outras culturas, e isso faz com que ela se desenvolva. Igualmente a Libras também sofre influência de outras línguas, o que, da mesma forma, faz com que ela se modifique, devido a questões políticas, ou demais fatores sociais, todos eles servem para um desenvolvimento da língua de sinais. Assim, a Libras, como objeto, deve ser analisada nos estudos linguísticos, nos estudos do gesto e nos demais estudos, para que ela possa contribuir para todas as áreas e também para que ela mesma como língua venha a se desenvolver cada vez mais.

Finalmente, esperamos que esta pesquisa, que esta tese, tenha conseguido introduzir uma longa discussão e reflexão, como uma semente plantada para que tenha um bom desenvolvimento como área de pesquisa. Esperamos que os estudos linguísticos e que os estudos dos gestos comecem a olhar para os fatores abordados aqui e com isso, comecem a contribuir para o desenvolvimento da área, trazendo novas pesquisas, novos pesquisadores e novos conteúdos, seja para os estudos linguísticos ou para os estudos dos gestos, porque é por meio deles que nós poderemos enriquecer as nossas pesquisas. Esperamos também que toda a comunidade surda, a partir dessa pesquisa desenvolvida possa olhar, se orgulhar cada vez mais de sua língua, e juntamente com a sociedade, dar a Libras o valor que ela merece.

REFERÊNCIAS

- ADAM, R. Language contact and borrowing. *In*: PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (Orgs.). **Sign language: an international handbook**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2012. p. 841-861.
- ADRIANO, N. A. **Sinais caseiros: uma exploração de aspectos linguísticos**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.
- ANATER, G. I. P. **As marcações linguísticas não manuais na aquisição da Língua brasileira de sinais (LSB): um estudo de caso longitudinal**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.
- ANDRADE, W. T. L. **Variação fonológica da libras: um estudo sociolinguístico de comunidades surdas da Paraíba**. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.
- BATTISON, R. Phonological Deletion in American Sign Language. **Sign Language Studies**, 5, pp. 1-19, 1974.
- BERENZ, N. **Person and Deixis in Brazilian Sign Language**. Ph.D. Dissertation. University of California, 1996.
- BERNIERI-SOUZA, R.; SEGALA, R. R. A perspectiva social na emergência das Línguas de Sinais: noção de comunidade fala e idioleto segundo o modelo teórico laboviano. *In*: QUADROS, R. M.; STUMPF, M. R. (Orgs.). **Estudos Surdos IV**, Petrópolis-RJ, 2009.
- BOUDREAULT, P.; MAYBERRY, R. Grammatical Processing in American Sign Language: Age of First Language Acquisition Effects in Relation to Syntactic Structure. **Language and Cognitive Processes**, n. 21, p. 608-635, 2006.
- BULWER, J. **Chirologia: or the naturall language of the hand**. Composed of the speaking motions, and discoursing gestures thereof. Whereunto is added Chironomia: or, the art of manuall rhetoricke. Consisting of the naturall expressions, digested by art in the hand, as the chiefest instrument of eloquence. London: Thomas Harper, 1644.
- CAMPELLO, A. R. S. A constituição histórica da Língua brasileira de sinais: século XVIII a XXI. **Revista Mundo & Letras**, São Paulo, v. 2, 2011.
- CAON, F. **Dizionario dei gesti degli italiani: una prospettiva interculturale**. Guerra Edizioni, 2010.
- CAPOVILLA, F.; RAPHAEL, W. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua brasileira de sinais – Libras**. São Paulo, SP: Edusp, 2001.
- CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURICIO, A. C. L; **Novo Deit-Libras: Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua brasileira de sinais**. v. 1 e 2. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Inep: Capes, 2009.
- CARADEC, F. **Dictionnaire des gestes: attitudes et mouvements expressifs em usage dans le monde entier**. [S.l.]: Ed. Fayard. 2005.
- CARVALHO, N. **Empréstimos Linguísticos**. São Paulo: Editora Ática. 1989.
- CARVALHO, N. **Empréstimos linguísticos na língua portuguesa**. São Paulo: Cortez. 2009.
- CARVALHO, P. V. **Breve história dos surdos no mundo e em Portugal**. Lisboa: Surd'Universo, 2007.
- CASCUDO, L. C. **História de nossos gestos: uma pesquisa na mimica do Brasil**. São Paulo, Melhoramentos, 1976.
- CASCUDO, L. C. **História de nossos gestos: uma pesquisa na mimica do Brasil**. São Paulo: [s.n.], 2003.

CAVALLO, L. A. **Il dizionario dei gestii-Gesture dictionary-Dictionnaire des gestes**. [S.l.]: Iacobellieditore, 2017

CHOMSKY, N. **Knowledge of Language: Its Nature, Origin, and Use**. New York: Praeger, 1986.

CONSERVA, K. M. F. **Descrição de aspectos variacionais fonológicos da Língua Brasileira de Sinais**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

CORREA, R. C. **A complementaridade entre língua e gestos nas narrativas de sujeitos surdos**. Dissertação (Mestrado), UFSC, Florianópolis, 2007.

COSTA, V. H. S. **Iconicidade e produtividade na Língua Brasileira de Sinais: a dupla articulação da linguagem em perspectiva**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

COUTO, H. H. **Linguística, ecologia e ecolinguística: contato de línguas**. São Paulo: Contexto, 2009.

COUTO, H. H. Sobre o conceito de Comunidade Surda. *In: Revista Est. Ling.*, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, p. 193-219, jul./dez. 2005.

DANTAS, C. R. S. **Variações linguísticas em Libras: um estudo das variações diatópicas das cidades de Macaé e Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado em Cognição e Linguagem) – Centro de Ciências do Homem, Universidade Estadual do Norte Fluminense, Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, 2018.

DEDINO, M. **Incorporação de numeral na Libras**. *In: ALBRES, N. A.; XAVIER, A. N. (Org.). Libras em estudo*. São Paulo: FENEIS, p. 123-139. 2012.

DIADORI, P. **Senza Parole: 100 gesti degli italiani**. Roma, Bonacci Editore, 1999.

DICIONÁRIO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS/LIBRAS. Versão 2.0. 2006. Disponível em: <http://www.acesobrasil.org.br/libras>. Acesso em: 10 dez. 2020.

DINIZ, H. G. **A história da Língua brasileira de sinais (Libras): um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais**. 144 p. Dissertação (Mestrado), Florianópolis, SC, 2010.

ESPÍNDOLA, A. J. **Variação linguística na libras: estudo de sinais de Porto Velho (RO) e Rio Branco (AC)**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2018.

EKMAN, P. (1999). Emotional and Conversational Nonverbal Signals. *In: MESSING, L. S. & CAMPBELL, R. (Eds.). Gesture, Speech, and Sign*. New York, NY: Oxford University Press, [s.d.].

EKMAN, P.; FRIESEN, W. V. The Repertoire or Nonverbal Behavior: Categories, Origins, Usage and Coding. *Semiotica*, v. 1, p. 49-98, 1969.

FARIA, S. P. **A metáfora na LSB e a construção dos sentidos no desenvolvimento da competência comunicativa de alunos surdos**. Dissertação (Mestrado), Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Brasília, 2003.

FAUCONNIER, G. **Mental Spaces**. [S.l.]: The Massachusetts Institute of Technology, 1985.

FELIPE, T. A. A Valência dos Verbos na LSCB. *In: Congresso da Associação de Estudos da Linguagem do Rio de Janeiro (ASSEL)*, 2., 1992, Rio de Janeiro. *Anais [...]* Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 1993.

FELIPE, T. A. Por uma tipologia dos Verbos da LSCB. *In: Encontro Nacional da ANPOLL*, 7., v. 2, Goiânia. – *Anais [...]* Goiânia: [S.l.: s.n.], 1993. p. 724-743.

FELIPE, T. A. **A relação sintático-semântica dos verbos e seus argumentos na Língua Brasileira de Sinais (Libras)**. Tese (Doutorado em linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

FERREIRA-BRITO, L. Similarities and Differences in Two Sign Languages. *Sign Language Studies*. Linstok Press, **Silver Spring**, USA, 1984.

FERREIRA-BRITO, L. EPISTEMIC, Alethic, and Deontic Modalities in a Brazilian Sign Language. *In*: S. D. Fisher and P. Siple (eds.). **Thoretical Issues in Sign Language Research**, Chicago, v. 1, 1990.

FERREIRA-BRITO, L. **Integração social & educação de surdos**. Rio de Janeiro: Babel, 1993.

FERREIRA-BRITO, L. **Por uma gramática da Língua de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FONSECA, V. **Desenvolvimento psicomotor e aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FRISHBERG, N. Arbitrariness and Iconicity: historical change in american sign language. **Language**, v. 51, n. 3, p. 696-719, 1975.

GAMA, F. J. **Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos**. Rio de Janeiro: Typographia Universal de E. & H. Laemmert, 1875.

GRIPP, H. **A história da Libras**: um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais. Dissertação (Mestrado em linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2010.

HARRISON, P. A. **Behaving Brazilian**: a comparison of brazilian and north american social behavior. Rowley: Newbury House, 1983.

HOUAISS, A.; VILAR, M. S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JOHNSTON, T.; SCHEMBRI, A. **Australian Sign Language**: an introduction to sign language linguistics. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

KARNOPP, L. B. **Aquisição do parâmetro configuração de mão dos sinais da LIBRAS**: estudo sobre quatro crianças surdas filhas de pais surdos. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras e Artes, PUCRS, Porto Alegre, 1994.

KARNOPP, L. B. **Aquisição fonológica na Língua Brasileira de Sinais**: estudo longitudinal de uma criança surda. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras e Artes, PUCRS, Porto Alegre, 1999.

KENDON, A. Gesticulation and speech: two aspects of the process of utterance. *In*: KEY, M. R. (Ed.). **The Relationship of Verbal and Nonverbal Communication**. The Hague: Mouton and Co, 1980. p. 207-227.

KENDON, A. **Gesture**: visible action as utterance. New York: Cambridge University Press, 2005.

KENDON, A. **History of the Study of Gesture**. *The Oxford Handbook of the History of Linguistics*. Edited by Keith Allan. [S.l.:s.n.], 2013.

KLIMA, E.; BELLUGI, U. **The Signs of Language**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1979.

LEITE, T. A. **A segmentação da Língua brasileira de sinais (libras)**: um estudo lingüístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos. Tese (Doutorado), USP, São Paulo, 2008.

LEITE, T. A. O futuro dos estudos das línguas (de sinais). *Estudos da Língua Brasileira de Sinais I*. *In*: QUADROS, R. M.; LEITE, M. R. S. T. A. (Orgs.). **I Série Estudos de Língua de Sinais**. Florianópolis: [s.n.], 2013. v. 1.

LIDDELL, S. K.; JOHNSON, R. E. American Sign Language: The Phonological Base. **Sign Language Studies** 64, p. 197-277, 1989.

LIDDELL, S. K. Blended spaces and deixis in sign language discourse. *In*: MCNEILL, D. (Ed.). **Language and gesture**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

LIDDELL, S. K. **Grammar, gesture and meaning in American Sign Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LILLO-MARTIN, D.; KLIMA, E. S. Pointing out differences: ASL pronouns in syntactic theory. **Theoretical Issues in Sign Language Research**, Chicago, IL, v. 1, p. 191-210, 1990.

LUCAS, C; BAYLEY, R.; VALLI, C. **Sociolinguistic Variation in American Sign Language**. Washington, DC: Gallaudet University Press, 2001.

LUCAS, C.; VALLI, C. **Language Contact in the American Deaf Community**. San Diego, CA: Academic Press, 1992.

MACHADO, R. N. **Empréstimos linguísticos na Libras**: primeira turma do curso de letras Libras da USFC. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2016.

MARTELOTTA, M; WILSON, V. Arbitrariedade e Iconicidade. *In*: MARTELOTTA, M. (Orgs.) **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 70-85.

MCCLEARY, L. **Sociolinguística**. Curso de Licenciatura em Letras-Libras Modalidade a Distância. [S.l.]: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

MCCLEARY, L.; VIOTTI, E. Sign-gesture Symbiosis in Brazilian Sign Language Narrative. **Meaning, Form, and Body**, Chicago, IL, p. 181-201, 2010.

MCCLEARY, L.; VIOTTI, E. Língua e gesto em línguas sinalizadas. **Revista de Estudos Linguísticos Veredas**, 15(1):289-304. 2011. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2011/05/ARTIGO-212.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2020.

MCCLEARY, L.; VIOTTI, E. Fundamentos para uma semiótica de corpos em ação. *In*: FIORIN, J. L (Org.). **Novos caminhos da Linguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2017.

MCKEE, R.; MCKEE, D.; MAJOR, G. **Numeral variation in New Zealand Sign Language**. Washington, DC: Gallaudet University Press, 2011.

MCKEE, R.; MCKEE, D.; SMILER, K.; POINTON, K. Maori Signs: the construction of indigenous deaf identity in New Zealand Sign Language. *In*: QUINTO-POZOS, D. (Org.). **Sign Languages in Contact**. Washington, DC: Gallaudet University Press, 2007. p. 31-81.

MCNEILL, D. **Hand and Mind**: what gestures reveal about thought. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

MCNEILL, D. **Language and gesture**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

MOTTEZ, B. The Deaf Mute Banquets and the Birth of the Deaf Movement. *IN*: FISCHER, R.; LANE, H. Looking Back: a read on the History of Deaf Communities and their Sign languages. **International Studies on Sign Language and Communication of the Deaf**, Hamburg, v. 20, p. 143-155, 1993.

MOURA, M. C. **O surdo**: caminhos para uma nova identidade. Rio de Janeiro: Revinter/Fapesp, 2000.

MUNARI, B. **Supplemento al dizionario italiano**. [S.l.]: Editora Corraini, 1999.

NASCIMENTO, S. P. F. **A metáfora na LSB e a construção dos sentidos no desenvolvimento da competência comunicativa de alunos surdos**. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2003.

NASCIMENTO, S. P. F. **Representações lexicais da Língua brasileira de sinais**. Uma proposta lexicográfica. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

NASCIMENTO, C. B. **Empréstimo linguístico do português na Língua brasileira de sinais – LSB: línguas em contato**. 2010. 111 f., il. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

NASCIMENTO DOMINIQUE, N. Comunicación no verbal: algunas diferencias gestuales entre España y Brasil. **Linguística en la Red**, Madrid, v. 2, 2005.

OATES, E. **Linguagem das Mãos**. Rio de Janeiro: Gráfica Editora S. A. COLTED, 1969.

OLIVEIRA, R. G. **A variação articulatória em libras e a orientação sexual do surdo**: estudo sobre captura de movimentos e percepção linguística. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. Trad. José Teixeira Coelho Neto. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

PEREIRA, A. C. **Os gestos das mãos e a referenciação**: investigação de processos cognitivos na produção oral. Tese (Doutorado), Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Belo Horizonte, 2010.

PFAU, R.; STEINBACH, M. Grammaticalization in sign languages. *In*: NARROG, H.; HEINE, B. (eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 683-695.

PIZZIO, A. L. **A variabilidade da ordem das palavras na aquisição da Língua brasileira de sinais**: construções com tópico e foco. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, 2006.

POPLACK, S. Variation theory and Language Contact. *In*: PRESTON, D. (Ed). **American dialect research: An Anthology celebrating the 100th anniversary of the American Dialect Society**. Amsterdam: John Benjamins, 1993. p. 251-286.

QUADROS, R. M.; CAMPELLO, A. R. S. A constituição política, social e cultural da língua brasileira de sinais – Libras. *In*: VIEIRA- MACHADO, L. M. C.; LOPES, M. C. (Orgs.). **Educação de Surdos**: políticas, língua de sinais, comunidade e cultura surda. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010.

QUADROS, R. M. Aspectos da aquisição da sintaxe e da aquisição da Língua brasileira de sinais. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 110, 1997.

QUADROS, R. M. **Phrase structure of Brazilian sign language**. Tese (Doutorado), PUC-RS, Porto Alegre, 1999.

QUADROS, R. M. Contextualização dos estudos linguísticos sobre a Libras no Brasil. *In*: QUADROS, R. M.; LEITE, M. R. S. T. A. (Orgs.). **I Série Estudos de Língua de Sinais**. Florianópolis: [s.n.], 2013. v. 1.

QUADROS, R. M; CAMPELLO, A. R. S. Constituição política, social e cultural da Língua Brasileira de Sinais. *In*: VIEIRA-MACHADO, L. M. C.; Lopes, M. C. (Orgs.). **Educação de Surdos**: políticas, língua de sinais, comunidade e cultura surda. Santa/RS: EDUNISC, 2010. v. 1. p. 15-47.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. **Língua brasileira de sinais**: estudos linguísticos. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

- QUADROS, R. M.; PIZZIO, A.; REZENDE, P. L. F. **Língua Brasileira de Sinais I**. Material didático do curso de Letras LIBRAS a distância. Rev. Florianópolis: UFSC, 2009a.
- QUADROS, R. M.; PIZZIO, A.; REZENDE, P. L. F. **Língua Brasileira de Sinais II**. Material didático do curso de Letras LIBRAS a distância. Rev. Florianópolis: UFSC, 2009b.
- QUADROS, R. M.; PIZZIO, A.; REZENDE, P. L. F.; CAMPELLO, A. R. S. **Língua Brasileira de Sinais III**. Material didático do curso de Letras LIBRAS a distância. Rev. Florianópolis: UFSC, 2009c.
- RECTOR, M; TRINTA, A. R. **A comunicação não-verbal: a gestualidade brasileira**. [S.l.]: Vozes, 1985.
- RECTOR, M; TRINTA, A. R. **Comunicação do corpo**. São Paulo: Ática, 1993.
- ROCHA, S. M. O INES e a educação de surdos no Brasil: aspectos da trajetória do Instituto Nacional de Educação de Surdos em seu percurso de 150 anos. **Espaço**, Rio de Janeiro, v. 29, p. 94-94, 2008.
- RODERO-TAKAHIRA, A. G. **Compostos na Língua brasileira de sinais**. 2015. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- RODRIGUES, A. **Gramaticalização de conjunções na Língua Brasileira de Sinais: um estudo sobre a mudança linguística nas línguas de sinais**. Tese de Livre Docência, 2020 (inédito).
- RODRIGUES, A.; SILVA, A. A. Reflexões sociolinguísticas sobre a libras (língua brasileira de Sinais). **Estudos linguísticos**, São Paulo, 46 (2): p. 686 – 698, 2017.
- SANCHEZ-MENDES, L.; SEGALA, R.; XAVIER, A. N. O Papel da (Re)Duplicação na Expressão de Pluracionalidade em Libras. **Revista Letras**, [S.l.], n. 96, 487-508, 2017.
- SANTOS, D. V. **Estudos de línguas de sinais: um contexto para a análise da língua brasileira de sinais**. Tese (Doutorado), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.
- SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. Trad. Antonio Chelini; Jose Paulo Paes; Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1969.
- SCHEMBRI, A.; JOHNSTON, T. Sociolinguistic aspects of variation and change. In: PFAU, R.; STEINBACH, M; WOLL, B. (Orgs.). **Sign Language: an international handbook**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2012. p. 788-816.
- SCHMITT, D. **A história da língua de sinais em Santa Catarina: contextos sócio-históricos e sociolinguísticos de surdos de 1946 a 2010**. Tese (Doutorado), Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.
- SILVA, L. **Investigando a categoria aspectual na aquisição da língua brasileira de sinais**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.
- SILVA, R. C. **Indicadores de formalidade no gênero monológico em Libras**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.
- SOUZA, W. P. A. **A construção da argumentação na língua brasileira de sinais**. Tese (Doutorado), Universidade Federal da Paraíba, Joao Pessoa, 2009.
- STOKOE, W. Sign Language Structure: an outline of the visual communication systems of the american deaf. **Studies in Linguistics: Occasional Papers**, n. 8, p. 7-78, 1960.
- STOKOE, W. **Sign language diglossia**. Studies in Linguistics. [S.l.:s.n.], 1969.

STOKOE, W., CASTERLINE, D., CRONEBERG, C. **A Dictionary of American Sign Language on Linguistic Principles**. Washington, DC: Gallaudet College Press, 1965.

SUPALLA, T. **Arqueologia das Línguas de Sinais**: integrando lingüística histórica com pesquisa de campo em línguas de sinais jovens^{1,2}. Questões teóricas das pesquisas em línguas de sinais. Petrópolis, RJ: ED. Arara Azul, 2008.

TARALLO, F.; ALKMIN, T. **Falares crioulos**. Línguas em contato. São Paulo: Editora Ática, 1987.

TAUB, S. F. **Language from de body**: iconicity and metaphor in American Sign Language. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

TAUB, S. Iconicity and metaphor. *In*: PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (Orgs). **Sign Language**: an international handbook. Berlin: Mouton de Gruyter, 2012. p. 388- 412.

TELMONT T. **La gestualità in Italia**. AperTO – Archivio Istituzionale Open Access dell'Università di Torino, 2009. p. 589-648.

TEMÓTEO, J. G. **Diversidade linguístico-cultural da língua de sinais do Ceará**: um estudo lexicológico das variações da libras na comunidade de surdos do sítio caçara. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

THOMASON, S.; KAUFMAN, T. **Language Contact, Creolization, and Genetic Linguistics**. Berkeley: University of California Press, 1988.

VALLI, C.; LUCAS, C. Variation and historical change. **The Linguistics of American Sign Language**: a resource text for ASL users, Washington, D.C., p. 286-291, 1992.

VALLI, C; LUCAS, C. **Linguistics of American Sign Language**. Washington: Gallaudet University, 2000.

VILHALVA, S. **Mapeamento das línguas de sinais emergentes**: um estudo sobre as comunidades linguísticas Indígenas de Mato Grosso do Sul. Florianópolis, SC, 2009. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

XAVIER, A. N. **Descrição fonético-fonológica dos sinais da língua brasileira de sinais (Libras)**. 175 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

XAVIER, A. N. A variação na produção de sinais da Libras à luz da fonologia gestual. **Gradus**, v. 1, p. 97-125, 2016.

XAVIER, A. N. A Expressão de Intensidade em Libras. **Revista Intercâmbio**, Especial Expressividade, v. 36, p. 1-25, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP.

XAVIER, A. N. Panorama da variação sociolinguística nas línguas sinalizadas. **CLARABOIA**, v. 12, p. 48-67, 2019.

XAVIER, A. N.; NEVES, S. L. G. Descrição de aspectos morfológicos da Libras. **Revista Sinalizar**, v. 1, p. 130-151, 2016.

XAVIER, A. N.; SANTOS, T. A iconicidade na criação de itens lexicais em Libras. **Línguas de Sinais**: aspectos linguísticos, culturais, literários e de ensino, v. 1, n. 57, 2016.

XAVIER, A. N.; SILVA, A. R. IDENTIFICAÇÃO, DOCUMENTAÇÃO E DESCRIÇÃO DE PROCESSOS FONOLÓGICOS NA LIBRAS. *Revista Humanidades e Inovação* v.7, n.26, 2020

WILCOX, S. **Gesture and language**: cross-linguistic and historical data from signed languages. [S.l.]: University of New Mexico, 2004.

WOODWARD, J. C. Some Characteristics of Pidgin Sign English. **Sign Language Studies**, n. 3, p. 39-46, 1973.

ZIMMER, J. Toward a Description of Register Variation in American Sign Language. *In*: LUCAS, C. (Org.). **The Sociolinguistics of the Deaf Community**, San Diego-CA, p. 253-272, 1989.

ANEXO - Dados de emblemas e sinais

Emblema	Origem	Sinal	Dicionário	Mudança fonológica
Perfetto	Italiano	PERFEITO	Oates	M; Or
Dedos cruzados	Italiano	tomara	INES	Não sofreu
Que bolas	Italiano	chato	INES	Não sofreu
Juramento	Italiano	jurar	Oates	Não sofreu
Fome	Italiano	Fome	INES	CM; Or
Dor de barriga	Italiano	Enjoado	INES	Não sofreu
Dormir	Italiano	Dormir	Gama	CM
Quente	Italiano	Calor	INES	Não sofreu
Ideia	Italiano	Ideia	Oates	Não sofreu
Não importa	Italiano	Não adianta	Capovilla	Não sofreu
aplausos	Italiano	parabéns, aplaudir	INES	Não sofreu
ótimo, excelente, delicioso	Italiano	boa, bom, bem, maravilha	INES	Não sofreu
beber	Italiano	beber, bebida	Gama	Não sofreu
café	Italiano	café	Oates	Não sofreu
macarrão	Italiano	macarrão	Oates	CM; M; Or
ligar, telefone	Italiano	telefone, ligar,	Oates	Não sofreu
chifre, infidelidade, traição	Italiano	cornos, chifre, traição	Capovilla	Não sofreu
cruz	Italiano	benzer	INES	CM
tenha cuidado, olha, atenção, não sou idiota,	Italiano	olhar, cuidar, ver	Oates	Não sofreu
boca costurada	Italiano	segredo	Oates	Não sofreu

obediência	Italiano	obedecer, obediente, respeitar,	Oates	CM; M
o que você quer	Italiano	como, para que, como que fim	Oates	Não sofreu
louco	Italiano	louco, doido, maluco, loucura	Oates	M
foda	Italiano	transar	INES	CM
silêncio	Italiano	silencio, quieto	Gama	Não sofreu
venha aqui	Italiano	vem cá	Capovilla	Não sofreu
calma	Italiano	calma, tranquilo,	Oates	Não sofreu
favor	Italiano	rezar, por favor, pedir,	Oates	Não sofreu
Corte (pedido de um resumo)	Italiano	cortar	Oates	Não sofreu
vamos	Italiano	ir	INES	Não sofreu
pedido de mais velocidade, se apresse	Italiano	muito tempo, hora, relógio, atrasar, hora	Gama	Não sofreu
insuportável	Italiano	cheio	Capovilla	M
Pare	Italiano	parar	Oates	Não sofreu
pedido de encerramento	Italiano	acabar, chega, encerrar, parar, concluir, terminar, pronto,	Oates	Não sofreu
vai embora, saia daqui, vou sair, melhor sair	Italiano	partir, embora, rua, endereço	Gama	CM; M
pedir a conta	Italiano	escrever	Oates	Não sofreu
tudo bem, ok, aprovação	Italiano	bom, legal, positivo, tudo bem	INES	Não sofreu
não	Italiano	não, nunca	Oates	Não sofreu
mais ou menos	Italiano	mais ou menos, regular	Oates	Não sofreu

contagem	Italiano	contar, vez, numero	Gama	Não sofreu
inimizade	Italiano	não concordar, não combinar	Capovilla	Não sofreu
cumplicidade, proximidade	Italiano	igual, irmão, juntar, mano	Gama	Não sofreu
dinheiro	Italiano	dinheiro, caro, rico, riqueza	Oates	Não sofreu
roubar	Italiano	furtar, ladrão, roubar	Gama	Não sofreu
lotado	Italiano	muito, tanto	Gama	Não sofreu
muito tempo atrás, ontem	Italiano	passado	Oates	Não sofreu
daqui a pouco, amanhã	Italiano	futuro, depois	Oates	Não sofreu
não tem nada, nada	Italiano	não ter	Capovilla	Não sofreu
impossibilidade	Italiano	impossível, escravo	Oates	M
magro	Italiano	magro, emagrecer, emagrecimento	Oates	Não sofreu
gordo	Italiano	gordo, engordar	INES	Não sofreu
falar muito	Italiano	falar	Gama	Não sofreu
Não (cruz)	Italiano	nunca mais	INES	M
Sviolinata	Italiano	violino	Capovilla	Não sofreu
entre aspas	Italiano	assunto, tema, título, aspas, sobre,	INES	Não sofreu
caridade	Italiano	pobre, esmolar	Oates	CM
olá, salve, tchau, saudação	Italiano	olá, tchau,	INES	Não sofreu
morto	Italiano	não ter jeito	Capovilla	Não sofreu
pagar	Italiano	pagar, dever, obrigatório	Oates	Não sofreu
eu te venci	Italiano	vencer	INES	CM
maldição, raiva	Italiano	inveja	Oates	CM
saco cheio	Italiano	chato, cheio	INES	Não sofreu

parabéns	Italiano	parabenizar, parabéns	INES	Não sofreu
oh barba, aí que saco	Frances	safado, barbeiro, barbeador	Oates	Não sofreu
em avoir ras le bol, estar cansado, estar de saco cheio	Frances	cheio	Capovilla	M
avoir les boules, ter as bolas, estar mal	Frances	chato	INES	Não sofreu
foi perfeito	Frances	perfeito, certo, justo, correto	Oates	M; Or
super, legal	Frances	bom, legal, positivo, tudo bem	INES	Não sofreu
plus ou moins, mais ou menos	Frances	mais ou menos, regular	Oates	CM
zéro	Frances	zero, zerar, nada, não conhecer nada, não saber nada	Oates	Não sofreu
: premièrement, em primeiro lugar	Frances	primeiro, primeira vez,	INES	Não sofreu
Il fait soif, non? Está com sede, não?	Frances	beber, bebida,	Gama	Não sofreu
J'ai um idée! – Tenho uma ideia	Frances	idéia	Oates	Não sofreu
ça va pas la tête – Não está bem “cabeça”	Frances	pensar	Oates	Não sofreu
il pris la grosse tête! Ela pegou cabeça grande	Frances	cheio	INES	Or
Mon oeil! Meu olho	Frances	ver, cuidado, olhar, cuidar-se	Oates	Não sofreu
On se tire! nós puxamos um ao outro	Frances	partir, embora, rua, endereço	Gama	CM; M

Moi, tranquille! Eu quieto	Frances	feriado, vagabundo, boa vida, folga, desempregado,	Oates	Não sofreu
Calmez-vous! acalma-se	Frances	calma, tranquilo	INES	Não sofreu
Pfuit sous le nez	Frances	mentiroso, mentir, mentira	Gama	CM
Um petit peu! Um pouquinho	Frances	pouco	INES	Não sofreu
c'est termine! Acabou	Frances	acabar, chega, encerrar, terminar, concluir, pronto	Oates	Não sofreu
même pas ça! – Nem isso!	Frances	pouco	Gama	Não sofreu
motus et bouche cousue! – Boca costurada	Frances	segredo	Oates	CM
Chut! , Silencio	Frances	silêncio, quieto	Gama	Não sofreu
c'est mon petit doigt qui me l'a dit - É meu dedinho quem me disse	Frances	comunicar, contar	Oates	CM
c'était il y a des années – foi há anos	Frances	passado	Oates	CM
tenez, j'ai la preuve, Segure, tenho uma prova	Frances	provar, prova	Oates	Não sofreu
je le jure, Juro	Frances	prometer,	Oates	Não sofreu
quero falar com você	Brasileir o	dizer, falar, conversa-fiada	Gama	Não sofreu
venha aqui	Brasileir o	chamar, vir, vem cá	Oates	Não sofreu
telefone	Brasileir o	telefone	Oates	CM
juro	Brasileir o	jurar	Oates	Não sofreu

proximidade, uma amizade ou outros próxima entre duas pessoas	Brasileiro	igual, irmão, juntar, mano	Gama	Não sofreu
vamos embora	Brasileiro	fugir, sair, ir embora	Oates	Or
cash”, uma ameaça para alguém criança, e outro significado, depressa, apressa-se	Brasileiro	bater, apanhar, surrar	INES	Não sofreu
cuidado, tenha cuidado, mantenha os olhos abertos ou você acha que eu sou estúpido para acreditar nisso	Brasileiro	ver, cuidado, olhar, ver, cuidar,	Oates	Não sofreu
papo-furado	Brasileiro	papo, papear	INES	Não sofreu
papo-furado	Brasileiro	papo, papo-furado	INES	Não sofreu
OK, tudo bem, olá, sim, legal, positivo, boa sorte, obrigado, você é legal, eu concordo, nada acontece	Brasileiro	bom, legal, positivo, tudo bem	INES	Não sofreu
negativo, indeciso, deu zebra, to liquidado, ruim	Brasileiro	ruim	INES	Não sofreu
pão-duro	Brasileiro	pão-duro, avarento, economizar, avareza	INES	Não sofreu
burro, tapado	Brasileiro	burro	Gama	Não sofreu
“barbeiro”, “motorista ruim”	Brasileiro	safado, barbeiro, barbeador	Oates	Não sofreu

louco	Brasileiro	louco, doido, maluco	Oates	M
cornudo	Brasileiro	cornu	Capovilla	Or
cornudo	Brasileiro	cornu, chifre, chifrudo	Capovilla	Não sofreu
ladrão, roubado	Brasileiro	furtar, ladrão, roubar	Gama	CM; L; Or
ladrão, roubado	Brasileiro	furtar	Gama	Não sofreu
prisão	Brasileiro	prender, prisão, aprisionar, cadeia, penitenciária,	Oates	Or
beber, tomar, bêbado, convidar para uma bebida	Brasileiro	beber, bebida,	Gama	Não sofreu
cafezinho	Brasileiro	cafezinho	INES	Não sofreu
café	Brasileiro	café	Oates	CM
comer	Brasileiro	comer, alimentar, comida,	Oates	Não sofreu
não sei, não estou interessado, seu problema, não me importo, tanto faz	Brasileiro	indiferente, tanto, qualquer	Oates	Não sofreu
mais ou menos	Brasileiro	mais ou menos	Oates	Não sofreu
não, negação	Brasileiro	não, nunca	Oates	Não sofreu
não	Brasileiro	acabar, chega, encerrar, terminar, concluir, pronto	Oates	Não sofreu
saco cheio	Brasileiro	chato, cheio, saco	INES	Não sofreu

boa vida	Brasileiro	feriado, vagabundo, boa-vida, folga, desemprego, estar folga	Oates	Não sofreu
ciúme, estar com dor de cotovelo	Brasileiro	ciúme	INES	Não sofreu
"É daqui ó," "muito bom" saboroso, delicioso, bonito, atraente, excelente,	Brasileiro	perfeito	Gama	Não sofreu
demonstrar avaliação positiva (saboroso, delicioso, bonito, atraente, excelente,	Brasileiro	bom, boa, bem, maravilha	Gama	Não sofreu
demonstrar avaliação positiva (saboroso, delicioso, bonito, atraente, excelente,	Brasileiro	delicioso	Capovilla	Não sofreu
cheio	Brasileiro	muito, tanto	Oates	Não sofreu
metade	Brasileiro	metade, meio	INES	Or
metade	Brasileiro	dividir, metade, meio,	Oates	Não sofreu
depois	Brasileiro	depois, após, posterior, seguinte, próximo	Gama	Não sofreu
dinheiro, caro	Brasileiro	dinheiro, caro, rico, riqueza	Oates	Não sofreu
se apressar, depressa	Brasileiro	depressa, apressar, velocidade, ligeiro, rápido, veloz	Oates	Não sofreu
adeus, até logo, oi	Brasileiro	olá, tchau,	INES	Não sofreu

há muito tempo, demora muito, muito extenso	Brasileiro	antigo	INES	Não sofreu
pequeno, pouco	Brasileiro	pouco, pequeno	INES	Não sofreu
pequeno	Brasileiro	baixo, pequeno	INES	Não sofreu
ter cabeça, ó	Brasileiro	pensar	Oates	Não sofreu
to com a corda no pescoço	Brasileiro	apertado	INES	CM
cala a boca, silêncio	Brasileiro	silêncio, quieto	Gama	Não sofreu
espere aí, já vai, calma, pare	Brasileiro	pare	Oates	Não sofreu
que idiota	Brasileiro	idiota, antigo	INES	CM
arma	Brasileiro	arma	INES	Não sofreu
ok	Outros	aprovação	Outros	Não sofreu
não me importo, quem se importa	Italiano	não adianta, foda-se	Outros	Não sofreu
atenção, vá lá	Italiano	"olha"	Outros	Não sofreu
vitória	Italiano	vitória, paz	Outros	Não sofreu
Vitoria (Vitória sobre o outro ("Eu enganei você, amarre!")) coice	Italiano	coice	Outros	Não sofreu